

O FINAL DA SÉRIE GAROTOS MORTOS

GAROTOS

MORTOS

NÃO DESCOBREM

VERDADES

AUTOR BEST SELLER DA AMAZON

Mark Miller



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER
UNIDO NA BUSCA DO
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS
LUTANDO POR DINHEIRO E
PODER, ENTÃO NOSSA
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**



GAROTOS
MORTOS
NÃO CONTAM
SEGREDOS

EASTVIEW é o seu típico bairro do subúrbio de uma grande cidade: rico, isolado e pacato. Até **ALEXIS LUNA** ser assassinado no colégio que tem o mesmo nome do bairro. Ele era o presidente do clube de xadrez, adorado, gentil, atencioso. E foi brutalmente estrangulado. As únicas testemunhas de seu assassinato são dois garotos que têm sua própria leva de segredos.

TOMAS MINORI é o filho adotivo do delegado local do bairro. Sua vida em Eastview, segura e calma, é a melhor que jamais teve. Edgar e Laura são os pais que sempre sonhou ter. E Mateus Armani é o garoto de seus sonhos: o atlético jogador de basquete em que todos veem potencial, popular e adorado como Alexis, mas um pouco mais misterioso.

Embora nutra sentimentos complicados por Tomas, **MATEUS** é contrário à ideia de trazer a relação dos dois à público, prendendo o jogador de xadrez (e a si mesmo) a um ciclo de angústias e frustrações. Eastview é mesmo o seu típico bairro de subúrbio: rico, isolado, pacato, e intolerante.

A tensão entre os dois garotos atinge o ápice quando o assassino de Alexis os chantageia a ficarem calados sobre o que viram, sob a ameaça de expor sua relação. Autoidentificado como **E.V.**, a figura misteriosa parece saber muito mais sobre Tom e Matt do que eles poderiam imaginar. Mesmo com a relutância de Tomas, os dois

concordam em jogar o jogo de E.V., mantendo o que sabem sobre a noite da morte de Alexis em segredo.

Diante da negligência de Mateus, e da forma macabra com que ele reage ao descobrir que o assassinato de Alexis foi encoberto por E.V. para parecer um suicídio, Tomas começa a duvidar da própria sanidade, da paz que achou ter encontrado em Eastview e, principalmente... da confiança que tem no garoto que ama.

GAROTOS
MORTOS
NÃO CONTAM
MENTIRAS

Tudo está ruindo ao redor de **TOMAS MINORI**: ele não sabe mais em quem confiar, não sabe mais se está seguro, e está próximo de perder sua bolsa em **EASTVIEW**. Todas as tentativas de comunicação com **MATEUS** têm falhado, e o jogador de basquete parece mais interessado em seu namoro de fachada com uma garota qualquer do que com a figura que continua os chantageando. A única pessoa que parece lhe transmitir qualquer tipo de segurança é o **SR. DUARTE**, seu professor de biologia.

Após uma briga que abre uma rachadura em sua relação, os dois garotos são alertados pelo diretor de Eastview que sofrerão sérias consequências se aquilo voltar a acontecer (Mateus pode perder sua vaga no time de basquete, e Tomas pode definitivamente perder sua bolsa). Mateus mantém sua postura de negligência até serem dispensados.

Esperando por **EDGAR**, Tomas recebe uma nova mensagem de **E.V.**, com fotos dos dois garotos juntos antes do assassinato de Alexis. Ele encaminha as mensagens a Matt, e finalmente consegue uma resposta adequada. Os dois marcam de se encontrarem em um bosque no limite de Eastview. Antes de deixar o colégio, Tomas percebe que **FABIAN**, ex-melhor amigo de Alexis, está usando um sobretudo idêntico ao que E.V. usava na noite do assassinato.

Tomas e Matt se reconciliam no bosque.

Certo de que Fabian é E.V., Tomas convence o jogador de basquete a investigar a casa do garoto em busca de provas definitivas. Durante a investigação, os dois quase são flagrados por Fabian, mas conseguem se esconder a tempo.

Através de uma chamada do garoto com uma pessoa misteriosa, eles descobrem que o sobretudo de Fabian não é único, mas parte de uma coleção de cinco. Três deles estão em Eastview. Alexis e Fabian presentearam um ao outro com as peças de roupas idênticas, o que significa que o terceiro sobretudo em Eastview é o que foi comprado por E.V. Antes de sair do quarto, eles conseguem descobrir quem é a pessoa no telefone com Fabian: sr. Duarte.

Eles identificam a loja em que os sobretudos foram vendidos pela etiqueta da peça de Fabian e deixam a casa sem serem pegos.

No caminho de volta, os dois garotos se desculpam, e a luz no fim do túnel representada pela etiqueta parece ser a válvula de escape da tensão erguida entre eles. Estão certos de que é apenas questão de tempo até descobrirem a identidade do assassino de Alexis.

Quando entra em seu quarto, no entanto, Tomas se depara com uma colagem de fotos suas e de Matt juntos, assim como uma mensagem deixada em sangue por E.V. em uma das paredes.

GAROTOS
MORTOS
NÃO
SANGRAM

NÃO HÁ MAIS PARA ONDE CORRER.

Depois da invasão de **E.V.** à casa dos Vilarreal, **TOMMY** não consegue se esquivar da desconfiança de **EDGAR**, e resolve confessar ao pai toda a verdade sobre a morte de **ALEXIS**. Mas não antes de falar com **MATT**.

Na delegacia, guardada naquela noite por **SCOOPER**, Tommy tenta contatar Matt, mas seu número está indisponível desde que se despediram mais cedo. E a bateria de seu celular está acabando.

Edgar recebe uma denúncia de invasão no centro de **EASTVIEW** e precisa se ausentar para investigar. Sozinho com Scooper, Tommy resolve esperar o retorno do pai para confessar tudo. Edgar não retorna a tempo, no entanto.

E.V. decide acabar com o jogo de gato e rato que esteve fazendo com Tommy e invade a delegacia. Scooper é assassinado de maneira horrenda, e Tommy é perseguido até ficar encurralado em um banheiro do prédio.

Ele quase consegue escapar, **MAS ACABA CAPTURADO.**



DO OUTRO LADO DO BAIRRO, Matt investiga a loja onde os sobretudos de Fabian, Alexis e E.V. foram comprados, por conta própria. Apesar de facilmente invadido, o lugar parece guardar seus próprios segredos. O nome da pessoa que comprou o terceiro sobretudo está no livro de registros, e Matt arranca a folha em questão para levá-la consigo. No entanto, outro livro chama sua atenção: um **ANUÁRIO DE EASTVIEW** de algumas décadas atrás. Ele analisa os retratos dos estudantes de 1963, e descobre muito mais do que pretendia ao invadir o local.

Sua saída é interrompida pela dona da loja, que lhe ameaça sob a mira de uma arma pronta a disparar. Assim como aquele local, a senhora parece guardar sua própria leva de segredos. Ela conta a Matt a história fantasiosa por trás da origem de Eastview, e deixa implícito que sabe a verdade por trás daquele anuário. O clima na loja fica cada vez mais macabro, até Matt conseguir deixá-lo (quase) ileso.

Na volta, ele encontra Edgar (que dirigiu até ali para investigar a invasão à loja), e confessa tudo acerca da morte de Alexis, incluindo a identidade da pessoa que o assassinou.

GAROTOS
MORTOS
NÃO DESCOBREM
VERDADES

1698

Salém, Massachusetts, EUA

Q **HOMEM CRAVOU A PONTA DA FACA DE CAÇA** na carne macia de seu próprio antebraço e arrastou a lâmina longa e afiada até o pulso, abrindo uma fissura na pele antes íntegra, de onde um rio escarlate passou a jorrar. O sangue cobriu seu antebraço inteiro, até alcançar a palma da mão aberta. Ele cerrou o punho, e algumas gotas despencaram silenciosamente sobre o corpo frio do garoto que jazia em seu colo.

Seu campo de visão estava borrado pela umidade das lágrimas; o mundo ao seu redor, cinza e tortuoso, parecia um conjunto sem sentido de manchas e sofrimento. Apertou os lábios, escondendo a expressão de dor, enquanto o céu se tornava mais nublado, enquanto mais e mais nuvens escuras e agressivas lhe cercavam, enquanto a pouca luminosidade do crepúsculo daquele dia sórdido se esvaía.

Sentia a escuridão se aproximar, figurativa e literalmente. A escuridão que ele mesmo havia conjurado, e que queria que o consumisse.

O homem gemeu quando o entalhe em seu braço passou a latejar, a dor em sua carne queimava mais forte do que a em seu coração. Fechou os olhos, inspirou fundo, e afogou os gemidos. Não era fraco, precisou se lembrar. Se concentrou então nas palavras que precisava recitar e entreabriu os lábios.

— *Attenrobendumeos, ad consiendrum, ad ligandumeos...* — sussurrou baixinho —, *pariter et solvendum* — baixinho o suficiente para que apenas o garoto em seus braços ouvisse — *et ad congregantumeos coram me...* — Se ainda estivesse vivo, claro. — *Attenrobendumeos, ad consiendrum, ad ligandumeos, pariter et solvendum, et ad congregantumeos coram me.*

A cada nova repetição, sua respiração acelerava e, quanto mais acelerava, mais a agonia em sua carne se dissipava e, quanto mais imune se tornava à dor... mais eletrizado se sentia. Quanto mais repetia, mais aquelas palavras pesavam em seus ombros, fazendo-o se curvar à frente, mais próximo do peito imóvel do garoto.

— *Attenrobendumeos, ad consiendrum, ad ligandumeos, pariter et solvendum, et ad congregantumeos coram me.*

Lágrimas densas e amargas se derramavam sobre as roupas secas do garoto deitado à sua frente, misturando-se ao sangue e à terra. Por um segundo, o peso do ritual se tornou mais do que podia suportar, e a última repetição permaneceu entalada em sua garganta.

Queria mesmo fazer isso? *Poderia* mesmo fazer isso? O preço a pagar sequer era justo?

Quando aquele pensamento cruzou sua mente, sua visão se tornou menos turva. Fitou, assim, o pedaço apodrecido de seu coração em sua frente, o pedaço que arrancaram de dentro de seu peito, que retalharam e desfiguraram até que a beleza se perdesse, até que parasse de bater, até que se tornasse apenas um amontoado de carne e sangue a ser devorado pelos insetos e pelos vermes ao redor.

Seu olhar perdido pairou sobre as marcas de corda deixadas no pescoço de Benjamin: o peito dele tinha parado de se mover antes que o

homem conseguisse chegar ali. Não havia nada de justo naquilo. Para ele ou para Benjamin. Para sua alma. Para seu coração.

Ele mordeu então o lábio inferior até os dentes cravarem na carne. Concentrando-se naquela dor e esquecendo de todas as outras, entoou pela última vez:

— *Attenrobendumeos, ad consiendrum, ad ligandumeos, pariter et solvendum, et ad congregantumeos coram me!*

E, naquele momento, o mundo ao seu redor parou. As nuvens no céu frearam. A brisa da tempestade que balançava violentamente o carvalho-vermelho sob o qual se abrigava — arma do crime que tirou a vida do garoto em seus braços — se desfez como um pedaço de algodão na água.

Não havia mais o farfalhar das folhas, o zumbido dos insetos, ou mesmo os trovões ao longe, até seu próprio peito parou de se mover. Não parecia haver ar para respirar, de qualquer forma; não havia nada além dos calafrios que perpassavam sua espinha. Não havia uma coisa sequer naquele tépido e patético pedaço de terra nos limites de Salém até, de repente, haver. Até, de repente, um único passo soar pela atmosfera. Até um pé que nunca esteve ali antes pisar naquela terra seca pela primeira vez.

Quando isso aconteceu, quando o homem teve certeza de que seu ritual tinha funcionado, uma descarga de eletricidade atravessou seus sentidos, bagunçando-os, e ele voltou-se à esquerda.

Lá estava *Ele*.

Era o ser a quem servia. O ser que viveu a vida inteira para adorar. O ser que amava apenas por existir... ou pela mera *possibilidade* de existir. Estava em sua frente, em carne, osso... e cercado por sombras que gritavam e gemiam.

Então era verdade: o Diabo era um homem. Ou, ao menos, tinha a pele de um. O homem mais bonito que o bruxo já tinha visto. Alto, muito alto. Mais alto que a vida, mais alto que a esperança, mais alto do que qualquer estúpido sentimento humano. Seus cabelos eram longos, escuros e reluzentes, desciam delicadamente até sua cintura. Suas roupas eram pretas e estranhas, não pareciam pertencer àquela época, ou mesmo àquela realidade. Uma cartola baixa cobria o topo de sua cabeça. Os olhos eram de um amarelo reluzente, quase dourado, hipnotizantes.

A respiração do homem continuava presa. Apertou o garoto morto em seus braços com mais força diante da visão desconcertante. Seus músculos se tensionaram e um amontoado de saliva ficou preso em sua garganta, não conseguiria falar nem se quisesse. Mas sabia que, de qualquer jeito, falar o que quer que fosse naquele momento seria estúpido.

Você nunca deve falar com o Diabo...

A menos que Ele fale primeiro.

Como se tivesse acabado de acordar depois de inconsciente por anos, o Diabo tensionou o pescoço de uma forma humanamente impossível. Um som agudo, parecido com o de uma vértebra se partindo, quebrou o silêncio do local.

Sua voz se ergueu logo em seguida, quando o pescoço retornou ao normal.

— Faz tanto tempo desde que estive aqui, sobre a terra, pela última vez... — Seu timbre era profundo e nada humano. Era a voz de uma serpente, a voz que um monstro noturno teria. A voz fez o peito do homem afundar, e ele finalmente soltou o ar que estivera guardando até então. — Um milênio, para ser mais exato. — A cada palavra, o chão

tremia. Não existia mais brisa, então aquele tremor era tudo o que fazia as folhas do carvalho farfalharem. — Mas parece que foi ontem.

Sua atenção finalmente depositou-se sobre a pessoa que o tinha conjurado, e as sombras ao seu redor se esvaíram. O homem sentiu a atenção do Diabo como a ponta de uma lâmina contra a parede fina de sua jugular. A lâmina se aprofundou mais e mais conforme Ele se aproximava com passos rígidos e arrepiantes. O homem sentiu que era impossível desviar seu olhar daquele ser desenhado minuciosamente para prender sua atenção, mas se forçou a fazê-lo quando a aproximação chegou próxima demais de estourar sua jugular.

— O que você quer de mim, *doce, doce criança?* — Cada sílaba soava áspera e arrastada na língua daquele ser. O Diabo se inclinou em direção ao homem, e sussurrou próximo ao seu ouvido: — Ao contrário do que você possa ter sido ensinado, não gosto de ser conjurado. — O homem sabia daquilo, e sabia de muito mais ainda. Porém, apesar de ser incitado a falar, o ar faltava em seus pulmões. Sua cabeça e sua língua não se sintonizavam. Tudo o que ele conseguia fazer era encarar o rosto deformado de Benjamin em seus braços, azulado pelo frio, machucado e retalhado pela ação de outros. — O Diabo cortou sua língua? — a voz macabra continuou. Em seguida, deu uma risadinha que fez o corpo inteiro do homem se arrepiar. Soou mais como um disparo do que uma risada, algo cruel e primitivo. O homem continuou em silêncio. O Diabo então se curvou um pouco mais, e deslizou os dedos longos e de um branco cadavérico pelos fios escuros de Benjamin. — Ele era seu *amante?*

As unhas longas e cruéis em contraste à expressão etérea e serena de Benjamin fez com que os sentidos do homem voltassem a despertar. Ele encontrou a coordenação necessária para responder:

— Sim... — Engoliu em seco, e, logo em seguida, completou: — Por favor... — e parou.

O Diabo curvou o pescoço mecanicamente em direção ao rosto do bruxo, e permaneceu fitando-o por segundos que pareceram eras inteiras. O homem sentiu parte de sua alma ir embora bem ali, apenas com aquele olhar.

— Me conte, *criança*... — Ele afastou as mãos de Benjamin e as levou ao rosto do homem. — Você gostaria de viver — inspirou fundo, ciciando como uma serpente tentando engolir o próprio veneno — para sempre... com o seu *amante*?

Havia um certo desespero na forma como Ele dizia ‘amante’, o homem percebeu.

— Traga-o de volta — falou sem desviar o olhar do garoto. — Eu sei o preço. E eu aceito. — Com o tom de voz mais firme, sintetizou: — Traga-o de volta... para mim.

— E que preço seria esse? — O Diabo replicou erguendo o queixo. Um brilho de curiosidade cintilou em suas íris amarelas.

O homem semicerrou os olhos, a voz falhando um pouco ao responder:

— Minha alma.

— Oh, *criança*... — novamente, a risada assustadora se ergueu no lugar quase deserto —, não seja arrogante. Que valor sua alma teria para mim? — O Diabo arranhou uma das bochechas do homem com suas unhas afiadas. Um filete calmo e fino de sangue escorreu pelo rosto já castigado. — Ela já é minha, de qualquer forma — completou, descontente, e se ergueu, caminhando para longe do bruxo. — Isso foi um desperdício do meu tempo.

O homem ficou confuso por um breve momento, até finalmente se dar conta de que sua oferta havia sido rejeitada. Havia sido rejeitado pelo próprio ser a quem servia, pelo objeto de sua adoração. Que tipo de devoto ele era? Que tipo de servo?

E, pior do que ser um fiel ruim, era a sensação de que Benjamin estava escapando de suas mãos, se desfazendo por entre seus dedos... definitivamente.

A cada passo que o Diabo dava pra longe dele, sua única chance de recuperar o garoto se esvaía mais e mais.

Arregalou bem os olhos e gritou:

— Não, não, espere. — Apertou mais a carne fria de seu amado entre os dedos conforme seu tom se exasperava. — Por favor, espere! Deve haver algo que você queira, algo que possa oferecer em troca. Qualquer coisa, farei qualquer coisa.

Os passos para longe cessaram assim que Ele ouviu aquelas duas últimas palavras. Algo que nunca antes foi registrado nos livros de história, satanismo ou cristianismo aconteceu: o Diabo *hesitou*. E, embora tenha sido exatamente o que o bruxo almejava, soube naquele instante que tinha cometido um erro. Um calafrio atravessou sua espinha, o fez tremer, mas se desfez logo em seguida.

Por Benjamin, burlaria o que fosse necessário.

— Qualquer coisa? — o Diabo replicou, então se virou na direção do bruxo mais uma vez. — Qualquer coisa, *qualquer coisa...* — repetiu como se conversasse consigo mesmo. A voz monstruosa embalou os ouvidos do homem enquanto ele permanecia na apreensão de chegar onde seu erro o levaria. — Eu posso ter tudo o que quero. Ou melhor — interrompeu seu monólogo, e suas pupilas dilataram quando

finalmente percebeu o que poderia extrair daquele homem —, *quase* tudo.

Na mesma velocidade com que um trovão rasga o céu e atinge a terra, o Diabo se aproximou do bruxo miserável que carregava o cadáver de seu amado nos braços. Ele se inclinou sobre o rosto do homem outra vez, como se o farejasse.

— Sua alma não tem serventia alguma para mim. Mas... as almas dos inocentes da sua estirpe — fechou os olhos, saboreando aquele pensamento —, essas têm.

— O que quer dizer? — Sua voz vacilou.

O Diabo então piscou por um longo instante e, em seguida, apareceu atrás do homem. Abraçou ele pelas costas, envolvendo seu pescoço e seu torso com os braços cadavéricos e pegajosos. As unhas longas se fincaram em seu queixo, forçando a nuca do homem a se curvar mais em direção ao rosto inerte e machucado de Benjamin.

— Você quer uma eternidade ao lado do seu amado. Eu posso te dar isso. — Inspirou fundo, como se aquelas meras palavras lhe trouxessem um prazer indescritível. — Com um estalar de dedos. — As unhas se cravaram mais na carne do homem. — Mas quero as almas de todos os inocentes da sua estirpe. Todos aqueles que *ainda* não são meus — sussurrou.

O Diabo se afastou sutilmente, e o homem suspirou fundo. O sangue dos ferimentos em seu queixo pingou sobre as roupas encardidas de Benjamin. Sentiu um dedo sob seu queixo sanguinolento em seguida, e sua nuca foi curvada para cima. Seus olhos encontraram o brilho fantasmagórico das íris amarelas Dele.

— Convença-os a entregarem suas almas a mim, a fazerem o mesmo acordo que você fez. — O dedo que segurou o queixo do homem

então passou por suas bochechas, suas pálpebras, sua testa. — E ele será seu. Para sempre. — O coração do homem errou uma batida por um mero segundo, e ele sentiu um estranho misto de euforia e alívio. — Você está disposto a fazer isso, criança? — O Diabo curvou o pescoço para o lado e passou um dos polegares sobre os lábios arroxeados do homem. — Está disposto a me entregar tudo e todos... em troca de seu amor?

O bruxo sabia o que queria responder, mas, de alguma forma, as palavras não conseguiam se formar... Foi quando percebeu que estava aterrorizado.

Pelo ser em sua frente?

Sim.

Pela possibilidade de perder Benjamin?

Sim.

Pelo crepúsculo que se intensificava e trazia consigo a noite de sua fuga daquele lugar?

Definitivamente.

Havia camadas e camadas de medo empilhadas umas sobre as outras no espaço finito entre seus ossos. Era medo demais para apenas uma pessoa sentir, e o Diabo percebeu isso.

Por esse motivo, a criatura mais velha que o próprio mundo olhou para o seu interior. Refletiu sobre uma lenda antiga que sofreu tantas distorções ao longo do tempo que se tornou irreconhecível, infiel ao evento que a originou. Mas Ele sabia a verdade. Sabia.

Foi ele quem a viveu.

— Amei alguém dessa forma antes. Um garoto — disse com uma voz profundamente alterada. Uma voz mais bonita, mais vulnerável, mais próxima de uma voz humana. Ele sentiu a curiosidade mórbida do

homem ser depositada sobre si, substituindo as camadas e camadas de medo que preenchiam o miserável até então. — Mas eu não entendia bem o que era isso. Não entendia o que estava sentindo. Então quando contei a ele... e pedi para que me ajudasse a entender, ele me traiu e me abandonou. Contou tudo ao meu pai. E, por esse sentimento que eu não entendia, por razões que não compreendia e que ninguém tentou me explicar... — O Diabo mordeu a própria língua, provando do líquido preto e amargo que corria pelas veias de sua casca; inspirou fundo antes de continuar. — Minha família passou a me odiar de maneira feroz, queria me dilacerar com cada olhar. Fui expulso da única casa que conhecia, jogado em um poço de chamas e podridão.

O homem sentiu algo quente e desesperado crescer em seu peito conforme aquela história prosseguia, algo que ele não entendia, mas que fazia seu coração bater mais rápido. Quando o Diabo entreabriu os lábios outra vez, sua voz tinha um tom melancólico, medonho:

— Tudo porque eu... amei. — Fechou os olhos. — Dizem que anjos não têm sentimentos. — Quando os abriu novamente, chamas ardiam por trás das cortinas amarelas. — *Eu os tive.*

O homem perdeu o fôlego, mas usou daquela coisa nova dentro de seu peito como impulso para dizer:

— Eu estou disposto. — Não havia dúvidas em seu coração. — Eu aceito.

Um largo sorriso se abriu nos lábios do Diabo, e apenas então o homem pôde notar os dentes longos e afiados dele, capazes de dilacerar qualquer coisa, qualquer um. Eram estranhamente belos, estranhamente... sedutores.

— Ótimo — respondeu com uma risadinha. Deu alguns passos ao redor do homem e de seu amante morto. Quando chegou às suas costas,

disse: — Há mais uma condição, é claro.

O homem precisou torcer o próprio pescoço para trás para visualizar o rosto do ser que adorava.

— Veja bem... — umedeceu os lábios com a ponta da língua —, minha fome não se restringe a almas. — Levou a ponta de um dos dedos até o canino pronunciado e afiado e rompeu a carne delicada. Sugou o líquido escuro em seguida. — Também anseio por sangue — explicou com a ponta do dedo na boca. — Sangue de garotos inocentes, como um dia fui. Como esse nos seus braços foi.

Seus olhos pairaram sobre o corpo sem vida de Benjamin. O homem não teve opção a não ser acompanhar seu olhar enquanto a nova condição começava a se assentar em sua mente. O Diabo continuou:

— Depois que o acordo estiver selado, que todas as almas forem minhas, vocês dois terão vida eterna. E, a cada década dessa vida eterna, um garoto inocente deve ser sacrificado. — O homem voltou a encarar o ser atrás de si. — Sua garganta rasgada de orelha... — Ele apontou com um dos dedos para o local frágil logo abaixo de seu lóbulo — a ombro — e passou com o mesmo dedo pelo pescoço, até alcançar a clavícula oposta —, seu sangue jorrado no solo sagrado onde vocês irão me adorar... para que minha fome possa ser aplacada.

— O que você quer dizer com... — o homem balbuciou — “um garoto inocente”?

O Diabo lhe lançou uma breve piscadela.

— Você vai entender quando o tempo chegar. É impossível não notá-los.

Ele sugou o ar à sua volta como se sentisse um aroma doce e agradável. O homem não entendeu o que aquilo significava; o Diabo, porém estava certo. Ele *iria* entender no futuro, quando o tempo certo

chegasse. Garotos inocentes *são* muito fáceis de identificar se você souber como procurar.

— Então, minha *pequena, pequena criança...* — o demônio vestido em preto apanhou seu olhar distraído novamente —, você está disposto a derramar sangue inocente por mim? Por... Benjamin? — Seu olhar se depositou sobre o garoto morto mais uma vez.

O homem sequer percebeu que nunca tinha dito o nome de seu amante à criatura em sua frente. Sua mente ficou vazia, enevoada por um segundo. Se sentiu subitamente oprimido pela quantidade de coisas que teria que fazer em tão curto período de tempo, em tudo o que teria que sacrificar para cumprir as condições de seu pacto.

Mas então o vazio foi preenchido. A névoa, dissipada. A imagem que havia enfrentado de Benjamin enforcado injustamente meros minutos atrás retornou para torturá-lo, e ele teve a certeza de que aquela não era a última imagem de seu amado que queria ver.

— Sim — falou no tom mais alto e confiante que conseguiu. — Eu faço qualquer coisa. — Cerrou os dentes e encarou o Diabo com fúria no olhar. — Se você me pedir para colocar fogo no mundo, eu colocarei.

E o sorrisinho elegante, cheio de dentes afiados como as presas de um leão, voltou a se abrir no rosto do demônio.

— Tenho certeza de que ele aprecia a sua devoção. — E aquele sorriso foi a última coisa que direcionou ao bruxo miserável. Em seguida, virou-se de costas, caminhando para longe da cena infeliz. — A partir do momento em que o primeiro inocente for sacrificado — disse sobre os ombros, aproximando-se do mesmo local em que havia aparecido ali pela primeira vez —, em que eu sentir a primeira doce gota

de sangue em meus lábios, Benjamin estará em seus braços novamente em três séculos e dez anos.

Foi como ser apunhalado pelas costas.

— O quê? — o homem tentou argumentar. — O que você quer dizer com isso? — Largou o garoto inocente no chão pela primeira vez desde que o livrou da corda presa ao carvalho que o havia enforcado. — Eu preciso dele agora! — Correu em direção ao Diabo. — Eu quero ele *agora!*

Quanto estava prestes a tocá-lo, o homem vestido de preto desapareceu em pleno ar, deixando para trás apenas uma nuvem escura, parecida com fumaça, que também logo se desfez. Não havia mais rastros do Diabo, ou mesmo do pacto que o homem havia acabado de fazer.

Ele se ajoelhou no chão seco enquanto o último raio de sol do crepúsculo desaparecia no horizonte distante; a escuridão noturna o encobriu completamente. Vomitou até suas entranhas se contorcerem, repassando a última frase do Diabo de novo e de novo em sua mente.

Três séculos e dez anos.

Três séculos e dez anos.

~~Três séculos e dez anos.~~

Como esperaria tanto tempo?

O FINAL DA SÉRIE GAROTOS MORTOS

GAROTOS
MORTOS
NÃO DESCOBREM
VERDADES

AUTOR BEST-SELLER DA AMAZON

Mark Miller

FRONTEIRAVERSO

ALÉM DA FRONTEIRA – VOLUME 1

ALÉM DA ESCURIDÃO – VOLUME 2

ALÉM DA TEMPESTADE – VOLUME 2.5

ALÉM DAS CHAMAS – VOLUME 3

ALÉM DAS CINZAS – VOLUME 3.5

ALÉM DO ALVORECER [CONTO]

ALÉM DO CREPÚSCULO [CONTO]



EASTVERSO

GAROTOS MORTOS NÃO CONTAM SEGREDOS – VOLUME

1

~

GAROTOS MORTOS NÃO CONTAM MENTIRAS – VOLUME
2

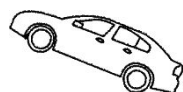
GAROTOS MORTOS NÃO SANGRAM – VOLUME 3

GAROTOS MORTOS NÃO DESCOBREM VERDADES –
VOLUME 4

-

AQUELE GAROTO – VOLUME 1

AQUELA FESTA – VOLUME 2



PAYBACK

DANGEROUS (EM BREVE)

GAROTOS MORTOS NÃO DESCOBREM VERDADES

Copyright © 2022 Mark Miller.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Proibida a reprodução deste livro, no todo ou em parte, através de quaisquer meios, sem a permissão escrita do autor, exceto em casos de pequenas citações usadas em resenhas ou artigos críticos.

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares, organizações, eventos e incidentes são, ou parte da imaginação do autor, ou usados de maneira ficcional.

Quaisquer semelhanças com indivíduos reais, vivos ou mortos, eventos ou lugares são inteiramente coincidentes.

Os direitos morais do autor foram assegurados.

Leitura Crítica: **Brendon Idzi Duhring**

Revisão: **Brendon Idzi Duhring**

Diagramação: **Bruno Louvres, Mark Miller**

Capa e Ilustrações: **Senara Sousa**

Ilustração de Personagens © **Arda Artworks**

Emblema de Eastview © **C. M. P. Vargas**

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Primeira edição, 2022.

Para todos aqueles que encheram minhas DM's com pedidos desesperados, tentativas de suborno e ameaças gentis por esse livro nos últimos meses :)

&

Para todos os psicólogos que terão que atendê-los depois da leitura <3

SUMÁRIO

[SALEM, MASSACHUSETTS, 1698](#)

[PÁGINA DE TÍTULO](#)

[OUTROS LIVROS DO AUTOR](#)

[COPYRIGHT](#)

[SOBRE EASTVIEW](#)

[PLAYLIST](#)

[AVISO DE CONTEÚDO](#)

[NOTA DO AUTOR](#)

[PRÓLOGO](#)

[PARTE I – MAIS QUENTE QUE O INFERNO](#)

[UM](#)

[DOIS](#)

[TRÊS](#)

[PARTE II – MAIS DOCE QUE O CÉU](#)

[QUATRO](#)

[CINCO](#)

[SEIS](#)

[SETE](#)

[OITO](#)

[PARTE III – A VERDADE DO DIABO](#)

[NOVE](#)

[DEZ](#)

[ONZE](#)

DOZE

PARTE IV – A MENTIRA DOS ANJOS

TREZE

CATORZE

QUINZE

DEZESSEIS

EPÍLOGO

DEZ ANOS DEPOIS

AGRADECIMENTOS

Q&A

SOBRE O AUTOR

*Orgulhosamente,
um livro do*

EAST VERSO



Sobre **EASTVIEW**

EASTVIEW é um colégio particular de Ensino Médio fundado em 1903 pelo benfeitor puritano Carlos Wolmer, localizado em Eastview, São Paulo.

Está na vanguarda da pesquisa acadêmica e intelectual. Aqueles que se aventuram aqui - para aprender, pesquisar, ensinar, trabalhar e crescer - se juntam a mais de um século de tradição e estudantes que buscam pela verdade, conhecimento e pela construção de um mundo melhor.

Como a maior instituição de renome do Brasil, **EASTVIEW** estará sempre focada em criar oportunidades educacionais para os jovens que representam o futuro da nação - e do mundo.

☠️ PLAYLIST ☠️

ESSE LIVRO POSSUI uma playlist cuidadosamente organizada para complementar a experiência de leitura. Acesse-a através do código abaixo (abra a barra de busca do spotify, clique sobre o ícone da câmera e o escaneie), ou busque pelas palavras-chave “Garotos Mortos Não Descubrem Verdades – Playlist Oficial” no serviço de streaming.



AVISO DE CONTEÚDO

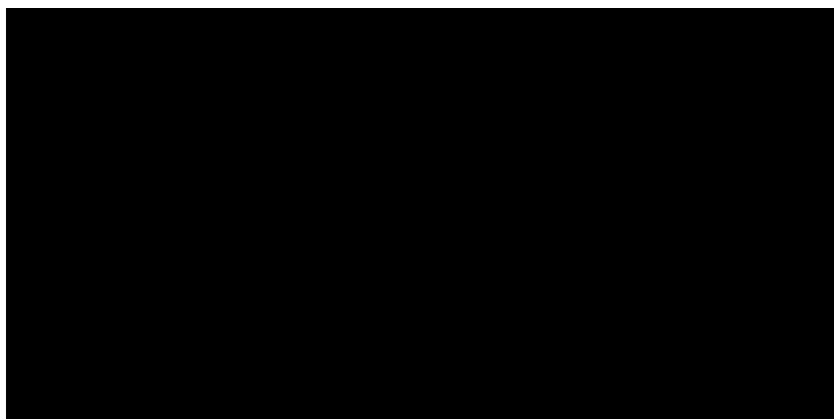
**ESSA SÉRIE POSSUI
CONTEÚDO SENSÍVEL
QUANTO A HOMOFOBIA,
MENÇÃO A SUICÍDIO,
VIOLÊNCIA GRÁFICA, GORE,
VIOLÊNCIA E ABUSO
CONTRA MENORES,
ABUSO DE PODER,
TORTURA FÍSICA
E PSICOLÓGICA,
ABANDONO PARENTAL,
LINGUAGEM IMPRÓPRIA
E CONTEÚDO SEXUAL**



**ESSE LIVRO É
RECOMENDADO PARA
MAIORES DE 18 ANOS
POR SUAS DESCRIÇÕES
GRÁFICAS DE VIOLÊNCIA
E CONTEÚDOS SENSÍVEIS
RETRATADOS**

*Prossiga com cuidado,
e lembre-se sempre de se cuidar ♥*

**POR SE TRATAR
DE UMA OBRA FICCIONAL,
ESSE LIVRO NÃO SE
COMPROMETE COM A
HISTÓRIA ENQUANTO
CAMPO DE CONHECIMENTO**



O LIVRO A SEGUIR possui passagens explícitas de violência, tortura, abuso físico e psicológico contra menores, perpetrados por adultos. Se esse conteúdo for sensível para você, recomendo que prossiga com muito cuidado. **Nenhuma das situações ou relacionamentos aqui representados devem ser romantizados ou idealizados pelo público.**

Lembre-se: se você ou alguém que você conhece está passando por situação semelhante a qualquer uma das retratadas neste livro, **busque por ajuda o mais rápido possível.**

Obrigado.

"Suas palavras eram
afiadas como flechas,
e abriam feridas
que ninguém
conseguia
ver"

- Churchyard (AURORA)

"Eu avisei
pra você
não mentir
pra mim
novamente"

- Alexis Luna



PRÓLOGO

10 dias atrás

D EPOIS DO ANOITECER, os passos de Alexis eram ansiosos pelas ruas desertas de Eastview. Ele olhava para os lados e para trás constantemente, preocupado que alguém o estivesse seguindo, ou que algum monstro pulasse de um dos cantos escuros da rua para atacá-lo — era isso que sua mãe dava a entender que aconteceria se saísse de casa depois do crepúsculo.

Pais superprotetores, o pensamento cruzou sua cabeça e uma risadinha escapou de seus lábios. *Se ao menos soubessem o que realmente estava fazendo.*

Mas, por mais que olhasse para todas as direções, não via nada. Nenhum sinal de vida, ninguém, nem mesmo um pássaro nas árvores ou um animal de rua qualquer. Nem mesmo um monstro. E isso, de alguma forma, era ainda mais desconcertante.

Ele engoliu em seco, apertou a alça da mochila escura nas costas e seguiu em frente. Cruzou uma esquina e logo pôde ver o prédio alto e largo de Eastview. O enorme brasão da escola esculpido acima da entrada principal não era fácil de confundir.

O garoto diminuiu a velocidade dos passos, no entanto, por um motivo que não podia explicar. Talvez por cansaço: praticamente correrá até ali depois de fugir de casa, afinal de contas; ou por apreensão pelo que aconteceria quando entrasse em seu colégio vazio e encontrasse a pessoa que o chamou até ali.

Sua nuca se curvou para baixo e ele se esqueceu de vigiar seus arredores por aqueles monstros com que tanto fantasiou quando era menor. Seu olhar se distanciou, não focava sequer no cimento desgastado da calçada. Estava absorto demais em seus próprios pensamentos.

Ser tão inteligente, costumavam lhe dizer, é sua maior virtude. Alexis sempre discordava internamente. Sabia que não era particularmente inteligente, ou particularmente atlético, ou bonito, bondoso, e habilidoso em qualquer coisa que não fosse manipular os outros ao seu redor.

E como era bom naquilo.

Era ótimo em fazer outras pessoas *acharem* que era inteligente, *acharem* que era atlético, bonito, bondoso, e habilidoso em muito mais que não manipular os outros ao seu redor a *acharem* o que *ele* queria, a fazerem o que *ele* queria.

Um desconforto momentâneo preencheu seu peito. Não era como se *gostasse* daquilo. Mas, no final do dia, o que podia fazer? Se conseguia manipular as pessoas ao seu redor... talvez devessem ser manipuladas.

O desconforto foi substituído por um tímido sarcasmo, do tipo que garotos bons precisam esconder para manter sua reputação intacta.

Ele tropeçou em uma parte mal construída da calçada e os músculos de seus ombros reclamaram por terem que equilibrar a

mochila pesada em suas costas. Os mantimentos, as roupas e o dinheiro que conseguiu enfiar apressadamente em seu interior a deixavam estufada, incômoda de ser carregada.

Alexis alcançou a entrada do prédio e hesitou em entrar por um breve segundo.

Não sabia a razão de toda a pressa de quem o chamou ali. Não sabia por que sua voz soara tão exasperada e impaciente no telefone, ou por que pedira por aqueles itens especificamente. Talvez estivesse com problemas financeiros. Talvez a pressa tenha nascido de desespero. Talvez precisasse tão desesperadamente dele que não podia esperar até o dia seguinte.

O presidente do clube de xadrez repousou uma mão sobre a maçaneta da enorme porta de entrada do prédio de Eastview e olhou para trás uma última vez. *Bom, pensou. É bom que precise tão desesperadamente de mim. Já passou da maldita hora.* E entrou no prédio.

Os corredores de Eastview estavam escuros, silenciosos e frios, bem diferentes de como Alexis costumava conhecê-los; nunca esteve ali depois do anoitecer, afinal de contas. E algo o fazia acreditar que talvez nunca deveria ter estado.

Negou com a cabeça e afastou aquele pensamento. Já estava no interior do prédio, o mínimo que deveria fazer era encontrar quem o chamou. Além do mais, a porta da saída estava logo ali às suas costas. O que de pior poderia acontecer?

Ele apertou a alça da mochila e continuou caminhando pelo primeiro andar. Os únicos sons que ecoavam pelo prédio eram os de seus passos e ocasionalmente os de sua respiração pesada.

Alexis se atentou às identificações das salas de aula.

006. Laboratório de Química.

007. Laboratório de Física.

008. Informática.

009...

Parou e se aproximou de uma das janelas de vidro embutidas à parede do corredor, que dava vista direta ao interior do Laboratório de Biologia. Estreitou os olhos, mas só conseguiu discernir as sombras das cadeiras, mesas e de alguns dos frascos de vidro onde faziam seus experimentos, até que seus olhos repousaram na porção mais distal da sala, o espaço do professor.

Havia uma sombra remotamente humana apoiada contra a mesa do professor.

Um sorrisinho se abriu nos lábios de Alexis. Ele sabia bem quem era. E saber que ele esteve ali durante aquele tempo todo, esperando-o, fazia a sensação incômoda de estar fora de casa à noite se desfazer.

Alexis se aproximou da porta da sala e girou a maçaneta. Estava aberta. Apenas uma pessoa além de Wolmer e dos profissionais de limpeza tinha aquela chave.

A parca iluminação artificial dos corredores sangrou sobre a sala inundada por escuridão e penumbra quando o garoto a adentrou. Apesar disso, a sombra no outro extremo permaneceu imóvel.

— Woody? — Alexis chamou, o olhar centrado na figura cabisbaixa e quieta.

Apesar de claramente ouvir sua voz, a figura permaneceu sem responder, sem se mover, sem demonstrar qualquer sinal de vida por alguns segundos, até que se afastou da mesa abruptamente, caminhando até o garoto.

Alexis se sobressaltou, deu um passo para trás, mas sem o objetivo de escapar. Mesmo sem ver seu rosto, ele sabia que a figura só podia ser seu professor de biologia. O porte físico era o mesmo. E, quando Woody finalmente saiu das sombras e seu rosto tornou-se visível pela iluminação do corredor, Alexis teve certeza. Um suspiro de alívio quase imperceptível escapou de seus lábios quando disse:

— Merda, você me assustou.

Woody novamente fingiu não ouvi-lo e, com mais alguns passos, o alcançou. Alexis ficou confuso por um breve momento, até o maior estender uma mão enluvada até a porta atrás dele e fechá-la delicadamente.

— Esqueceu que ninguém pode saber sobre nós dois? — resmungou quando os dois foram envoltos em escuridão. Seu tom profundo e irritado reverberou pelas paredes como um leve terremoto, um que não deixou Alexis muito feliz.

O garoto estreitou os olhos, suas pupilas se dilatando à falta de luz. Após um curto tempo, sua visão se adaptou o suficiente para ver as costas de Woody enquanto o professor voltava a se aproximar de sua mesa.

Alexis o seguiu com passos apressados.

— É por isso que você estava aqui com as luzes apagadas? — perguntou em um tom levemente cínico. Quando o maior não respondeu, insistiu: — O que deu em você hoje?

Duarte continuou em silêncio. Voltou a se apoiar na mesa, os braços cruzados sobre o peito, as mãos protegidas por luvas pretas, o rosto recoberto por um capuz escuro, o torso escondido sob um sobretudo estranhamente familiar, a linguagem corporal estranhamente... estranha. Seus olhos estavam voltados à parede oposta à do corredor,

evitando o garoto em sua frente. Aquilo só fez a desconfiança e inquietação de Alexis aumentarem.

— Woody — falou em um tom mais sério —, que merda tá acontecendo? Por que você me chamou aqui hoje? — Retirou a mochila dos ombros e a descansou no chão entre os dois. — Por que pediu que eu trouxesse roupas e todo esse dinheiro? Sabe os problemas que vou ter com meus pais quando descobrirem que acabei de roubá-los? — Ergueu as sobrancelhas. O olhar de Woody continuou afastado do seu. — Se você precisava tanto de dinheiro... — dá de ombros — era só ter me avisado antes, eu poderia ter—

— Não é pra mim, Alexis — Woody o interrompeu bruscamente —, é pra você.

O professor finalmente o encarou outra vez, mas apenas por um breve instante. Alexis franziu o cenho. Woody se afastou da mesa e deu meia volta, deixando visível a bolsa cilíndrica de viagem que trouxe para o encontro. Suas mãos se espalmaram na superfície de metal, servindo de apoio, enquanto seu olhar se voltou para baixo, para a mesa.

Os olhos confusos de Alexis pairaram sobre a bolsa, e então sobre a expressão indecifrável de seu professor.

— O que está acontecendo aqui, Woody? — perguntou, nuances de apreensão e medo lentamente acumulando-se em sua voz. — O que tem na bolsa?

Duarte permaneceu encarando a mesa e respondeu de forma fria:

— As coisas do seu armário.

— O quê?

Alexis agarrou a bolsa e a aproximou de si. Abriu o zíper do compartimento principal, e teve a confirmação das palavras de Woody. Ali estavam todos os pertences que mantivera entocados no armário até

então. Alguns eram úteis, como um par de all-stars e seu tabuleiro preferido de xadrez, outros inúteis, como seus livros didáticos de biologia.

— Por quê...? — balbuciou, a voz vacilante pela incompreensão.

Woody puxou a bolsa de volta para si e fechou o zíper. Em seguida, abandonou-a sobre a mesa. Se aproximou de Alexis e o segurou pelos ombros. Por instinto, o garoto entreabriu os lábios e suspirou.

— Me escute bem — Woody começou em um tom angustiado, fitando-o fixamente —, não tenho muito tempo pra explicar. Na verdade, não temos tempo algum. Então você precisa confiar em mim. Precisa acreditar — seu tom se aprofundou — em tudo o que eu disser.

— Eu já confio em você, Wood—

— Essa não é como das outras vezes, caralho. — Apertou os ombros de Alexis com uma agressividade que o garoto nunca tinha sentido antes. A surpresa fez o coração de Alexis disparar, o medo se intensificando em seu peito enquanto sentia as pontadas de dor se espalhando em seus ombros a partir dos dedos pesados do professor. Woody manteve o aperto firme quando disse: — Prometa que você vai fazer exatamente o que eu disser, sem questionamentos.

Alexis tentou dar um passo para trás, tentou se desvencilhar.

— Eu não gosto do rumo que ess—

Mas foi em vão. Woody manteve-o preso exatamente onde queria que ficasse. O aperto nos ombros do garoto se aprofundou, tornou-se quase insuportável.

— Prometa — insistiu em um tom gutural, violento demais para ser um pedido, afiado demais para ser retórico.

— Ok — Alexis respondeu finalmente, tremendo sob os dedos de Woody. — Se acalme. — Sua a mandíbula estava tensa, e seus dentes,

cerrados; foi só quando percebeu o quanto estava aterrorizado. Aterrorizado pela pessoa que tinha na palma de suas mãos. Aterrorizado pela pessoa que achou que precisava dele desesperadamente.

Que merda está acontecendo?, pensou, mas sua mente parecia uma página em branco. Nenhuma resposta coerente lhe vinha, o que o deixava ainda mais assustado.

Woody curvou a nuca para baixo, quebrando o contato visual predatório entre os dois, e largou os ombros do menor. Alexis esfregou as proeminências ósseas até a sensação dolorosa se esvaír.

O professor se apoiou contra a mesa outra vez e puxou o garoto pela cintura para mais perto de forma delicada, um pouco mais semelhante a como costumava agir até então. Quando a tensão sobre os ombros de Alexis pareceu se esvaír minimamente, Woody disse:

— Você precisa sair daqui o mais rápido possível.

Vincos se formaram na testa do menor. As mãos de Woody se afastaram de sua cintura, e seus dedos se entremearam entre si enquanto ele continuava fitando o chão.

— Do colégio? — replicou. — Eu posso simplesmente chamar um—

— Não do colégio — Woody lhe interrompeu pela segunda vez, seu tom preocupado fazendo um calafrio atravessar a pele de Alexis. — Da cidade. Do estado, talvez.

O presidente do clube de xadrez deu um passo para trás.

— Você está drogado, bêbado... ou algo assim? — rebateu em um tom cínico. Woody o encarou de forma séria, no entanto. E, pela expressão séria do maior, o garoto não conseguiu abafar uma risadinha. — Não pode estar falando sério.

Duarte não respondeu. Em vez disso, se curvou à frente até alcançar a mochila que Alexis trouxera e abandonara no chão. Puxou-a até seu colo e abriu o zíper principal, vasculhando o conteúdo de seu interior com um olhar atento.

— Você não trouxe todo o dinheiro que pedi.

Um suspiro frustrado e alto escapou dos lábios de Alexis. A constatação de Duarte fez uma irritação quiescente despertar dentro dele.

— Eu não podia — replicou entredentes. — Já vou me foder por pegar esse tanto...

Woody mordeu o lábio inferior e olhou para o lado. Estranhamente, Alexis sentiu uma mágoa dentro do peito por ter... decepcionado o professor. *Que porra?*, pensou. *Quem deveria estar se sentindo desse jeito é el—*

— Tá tudo bem... — Woody sussurrou e fechou o zíper principal da mochila, deixando-a em cima da mesa ao lado da bolsa com os pertences do armário do garoto. Fitou o olhar ainda desnorteado de Alexis. — Vou custear as suas despesas. Todas elas. Não precisa se preocupar...

— Me preocupar com o quê? Com fugir do estado? — Alexis rebateu em um tom exasperado, impaciente. — Sim, porque isso com certeza vai acontecer. — E, por fim, enfurecido.

Woody mordeu seu lábio inferior outra vez, mastigando a pele delgada.

Alexis cerrou os punhos, observando-o.

— Eu prometo... — o maior declarou, sua mente presa em algum lugar fora daquela sala escura e fria — que vou fazer tudo o que puder

para que possamos nos encontrar no futuro... — e tentou tocar a mão do garoto — mas não fique esperançoso.

Alexis puxou sua mão para longe abruptamente. Woody ergueu as sobrancelhas, confusão passando pelo seu rosto.

— Pare com isso, Woody — o garoto pediu. — Você tá me assustando — e deu mais um passo para trás.

O professor apertou os lábios, uma mistura de rancor e tristeza preenchendo-o enquanto percebia que Alexis estava se afastando — física e emocionalmente — apesar de tudo o que estava fazendo para protegê-lo.

— Não é de mim que você deveria ter medo — falou em um tom amargurado, seu olhar evitando o do garoto.

— De quem, então?

Woody ficou em silêncio por um breve momento. Engoliu em seco. Inspirou fundo. Tentou controlar a frustração em seu peito. Não pensou que chegaria àquilo, que seria necessário explicar o passado de Eastview ou as intenções de seus moradores a Alexis. Pensou que o garoto acreditaria cegamente em qualquer coisa que dissesse, que o amava cegamente ao ponto de fazer qualquer coisa que pedisse. Não queria destruir a realidade de Alexis daquele jeito.

Mas, se precisava fazer aquilo para salvá-lo... então faria.

— De todo mundo ao seu redor. — Ele se afastou da mesa e caminhou até o garoto. Seu corpo envolto pela escuridão da sala parecia quase... sobrenatural. — De seus pais. Dos amigos de seus pais. Do bairro inteiro. — Alexis curvou a nuca para cima para acompanhar seu olhar penetrante. — Todos eles... — sussurrou contra seu rosto quando a distância entre seus corpos era pífia — planejam assassinar você em breve.

— O qu—

— Cale-se — interrompeu pela terceira vez —, e apenas escute. — Woody tocou a lateral do rosto de Alexis com uma das mãos enluvadas, prendendo-o na posição que queria outra vez, e sussurrou baixinho, como se fosse uma história de ninar: — É o preço que temos que pagar por algo que fizemos há muito, muito tempo atrás. Um pequeno preço... quando você analisa o contexto maior. — Alexis franziu o cenho. No rosto do garoto, Woody usou o polegar para traçar uma linha sobre a pele da porção logo abaixo da orelha, passando pelo centro do pescoço, até a clavícula do lado oposto. — É algo que se repete a cada dez anos. E você é o escolhido da vez.

Vincos profundos se formaram na testa de Alexis. Woody conseguiu ver a negação, a descrença em seus olhos, o que o atingiu como uma estaca no coração. O garoto tentou dar alguns passos para trás, se afastar, mas Duarte não permitiu. Envolveu seu pescoço com uma das mãos e o empurrou até a parede mais próxima, à direita, oposta à parede em que estavam as janelas.

Alexis se debateu, tentando afastar o maior com os braços. O couro grosso da luva contra sua garganta era desconfortável.

— Acalme-se — Woody ordenou em um tom nada apaziguador, e afrouxou o aperto em sua garganta. Alexis estreitou os olhos em sua direção, os braços que antes tentaram afastar seu professor penderam inertes entre as paredes de músculos de seus peitorais. — Eu sei como isso soa, eu sei... Sei que é difícil de acreditar que as pessoas em quem você sempre confiou... te criaram pra ser *sacrificado*. — Alexis revirou os olhos e tentou socá-lo para longe. O golpe no peito de Woody não o moveu por um centímetro sequer. — Mas é a verdade. Você *precisa* confiar em mim. Sou o único que vai te contar a verdade. — Segurou o

rosto do garoto pelas laterais, aproximando suas testas. — E tô fazendo isso porque eu te amo. — Seu olhar era firme, e o tom, baixo e áspero. — Eu te amo, Alexis, e não quero que você se machuque. Estou arriscando tudo aqui—

— Você enlouqueceu *mesmo* — Alexis rebateu em uma voz rígida, tesa. — *Totalmente*. — Inspirando fundo, forçou as mãos de Woody a se afastarem de seu rosto. Com o choque da recusa, o professor deu um passo para trás. — O que você tá tentando fazer aqui? — Sua expressão se transformou, a máscara de garoto assustado e ingênuo caiu, estilhaçou-se no chão polido da escola. — Acha mesmo que eu sou tão estúpido assim? Que eu cairia em um papo como esse? — Semicerrou os olhos. — Com que tipo de garoto você já se envolveu antes pra achar que pode se livrar de mim dessa forma?

Os olhos de Woody se arregalaram. Ele deu mais um passo para trás, seu rosto envolvido por dúvidas e espanto, sua mente enevoada demais para replicar algo imediatamente. Alexis se aproximou mais, as pálpebras cada vez mais próximas conforme sua desconfiança se externalizava.

— Porque é disso que isso se trata, não é? — Alexis insistiu. Woody balançou a cabeça em negativa e, quando finalmente ia responder alguma coisa, o garoto ergueu um dos indicadores até sua boca semiaberta, calando-o. — Não minta mais, ou tente me enganar com essas histórias. Você quer terminar comigo, não quer? — Afastou o indicador.

— Não, não... — Duarte tentou argumentar. — Você entendeu tudo errado, acabei de dizer que vou achar formas de continuarmos—

— *Eu* entendi tudo errado? — Uma risada de escárnio irrompeu de seus lábios.

Alexis afastou as costas da parede, deu meia-volta ao redor do corpo de Woody. Ele o acompanhou como um cachorro treinado. O contato visual elétrico e afiado entre os dois não se quebrou por um segundo sequer.

— Você tá tentando me manipular a desaparecer da sua vida pra sempre — afirmou com um largo sorriso nos lábios. — Acha que pode esconder sua sujeira sob o tapete tão facilmente, Duarte? — E o sorriso se transformou em mais uma risada de escárnio. — Eu sabia que você era muitas coisas, mas... — encobriu a boca com uma das mãos, desviando o olhar para baixo — um covarde... — voltou a encarar o professor — essa é nova pra mim.

Woody tentou se aproximar.

— Me escute.

Mas Alexis se aproximou mais rápido, o indicador apontado para o peito do maior como uma arma.

— Não, *você* me escute. Alguns segredos são letais, Woody. Esse aqui é o mais letal de todos. E você sabe disso, não sabe? — Seu olhar pairou de relance sobre a mochila estufada e a bolsa com seus pertences sobre a mesa. — Por isso está tentando me mandar embora?

— Alexis, por favor—

— *Se você mentir pra mim de novo —* o interrompeu como uma faca atravessando uma artéria —, *vou te destruir sem pensar duas vezes.* Você deveria conhecer melhor a pessoa com quem se envolveu — completou sem qualquer emoção.

Quando Woody permaneceu em silêncio, Alexis virou de costas e disse sobre os ombros:

— *Oh, Duarte... se apenas você soubesse do que sou capaz. —* Suspirou. Passou a ponta dos dedos sobre a superfície gélida de uma das

mesas de estudo na sala. — Acha que sou só o cara bom, legal e popular que todos projetam em mim? — Fitou o professor, os cantos dos lábios erguidos. — Aposto que achava. Você gosta de garotos assim, não é? Puros e inocentes... Como eu... *Como Tommy..* — sussurrou.

Alexis observou, um sorriso no rosto e uma ruptura no coração, enquanto o rosto de Woody empalidecia, mesmo sob a penumbra. Os músculos do rosto do professor entraram naquele estado de relaxamento de quando se está lentamente perdendo o controle, lentamente sendo consumido por fúria. Ainda assim, não falou nada. E não precisava. Sua expressão e sua completa falta de reação eram as respostas de que Alexis precisava.

— Você nem consegue mais esconder — ele replicou depois de alguns segundos, seus lábios se contorcendo em rancor. — Toda a atenção especial dada àquele bolsista... — ergueu as sobrancelhas, o olhar acusatório. — Seus olhares de relance mesmo enquanto estamos juntos e ele passa pelo corredor. — Sua voz era cínica e vulnerável ao mesmo tempo. Deu mais um passo na direção de Woody. — Achou que eu não perceberia? — O professor ficou em silêncio, os lábios apertados tão fortemente que perdiam a cor. — Será que Tommy vai cair na sua do jeito que eu caí? — Alexis insistiu, e viu os ombros de Woody tremerem. — Talvez eu devesse contar a ele o seu segredo. Contar que você é um *pedófilo de merda*. — Woody estreitou os olhos diante da última frase. Sua mandíbula estava dolorosamente tensa, cada centímetro, cada músculo em seu corpo lutava para não explodir. Alexis mordeu o interior de sua bochecha. — Como será que ele vai reagir?

— Pare... — Woody finalmente replicou, o tom baixo, áspero e rude. Deu um passo à frente, mas então parou, pois percebeu que suas

mãos coçavam para envolver a garganta do garoto e fechá-la para sempre. — Pare com isso, Alexis. Tô tentando te ajudar.

— *Você está tentando me ajudar?* — Outra risada escapou de seus lábios, mais alta e explosiva do que as outras. As vibrações se espalharam pela sala inteira. O presidente do clube de xadrez deu as costas a Woody outra vez, caminhando sem direção pelo meio das mesas e das cadeiras. — Como eu não percebi isso antes? *É claro que está!* — Fez um gesto de compreensão com as mãos, e, em seguida, as fechou em punhos, os trazendo para próximo do peito. — Você é tão bom pra mim, professor. É o único que consegue me entender... mesmo quando ninguém mais entende. — Suspirou. O rosto estava estampado com uma falsa expressão de contemplação, a voz tinha um tom falso de complacência. — O único que sempre está lá pra me ajudar. Meu *herói*. Me deixe te ajudar também. — Então caminhou em direção à parede do corredor.

Woody sentiu sua respiração se aprofundar. Tudo o que Alexis disse fez de seu raciocínio uma bagunça, uma ansiedade delirante.

— Onde está indo? — Woody perguntou, ainda rígido demais para se mover.

Alexis deu meia-volta e o encarou. Tinha uma sobrancelha levantada e o canto dos lábios repuxados, a expressão de alguém obrigado a falar algo óbvio.

— Contar a Tomas sobre como você gosta de transar com seus alunos. — Ergueu as duas mãos no ar com as palmas voltadas para cima para acentuar sua expressão. — Assim você mesmo não precisa contar pra ele. — O sorriso insolente em seus lábios se alargou.

Não havia mais qualquer resquício de preocupação pelo bem-estar do garoto no peito de Woody. Ele *ainda* o amava. *Sim, amava.*

Porém um pouco menos do que quando fez aquela ligação exasperado, um pouco menos do que quando descobriu que Alexis seria o sacrificado daquela década, um pouco menos... desde que ele mencionou o nome de Tommy de forma tão desrespeitosa.

Não havia mais qualquer desejo em Alexis em manter o professor em suas mãos. Ele *achava* que o amava. *Sim, achava*. Mas garotos de dezesseis anos acham muitas coisas. E talvez o que amava de verdade era a atenção especial que Woody sempre lhe deu. Sempre. Pelo menos até a chegada de Tomas.

— *Você perdeu a cabeça?* — Duarte vociferou, seu peito subia e descia com tanta intensidade que passou a respirar pela boca.

A máscara cínica de Alexis se acentuou.

— De jeito nenhum. Estou mais são do que jamais estive. Tão são, na verdade... — pausou por um momento — que vou te dar uma escolha.

Caminhou de volta à mesa de Woody e apanhou a mochila que trouxe até ali. Abriu o zíper do compartimento secundário e retirou um estilete longo e fechado. Cerrou o zíper e jogou a mochila sobre as costas. Woody observou enquanto o garoto abria o estilete que, com sua lâmina totalmente exposta, era do tamanho de uma régua de trinta centímetros. Alexis se afastou outra vez em direção à parede do corredor.

— Sabe, dizem que *dois garotos podem guardar um segredo... se um deles estiver morto*. — Passou a lâmina do estilete pelo ar em frente ao seu pescoço, fingindo uma degolação. — Se eu matar Tommy logo depois de contar — direcionou a ponta da lâmina a Woody —, seu segredo estará salvo. Mas se eu o deixar vivo... — estalou a língua — então você poderá ver a reação dele com seus próprios olhos. — Abafou

uma risada e usou a ponta da lâmina para apoiar o queixo. — Quem sabe você ainda consiga fincar suas garras nele. Você tem um jeito bastante condescendente de falar, afinal de contas. E Tomas parece o tipo que ficaria calado sob quaisquer circunstâncias. — Contraíu os lábios e retraiu a lâmina do estilete quando sentiu-a penetrando demais no queixo. — Diferente de mim. — Um brilho severo tomou conta de seu rosto. — Então, Woody, o que vai ser?

— Isso não tem relação alguma com Tomas, Alexis — Duarte rebateu entre suas respirações pesadas. Cerrou os punhos, usando todas as forças que tinha para controlar seus impulsos. — Por favor, me escute. Você precisa dar o fora daqui antes que—

— Uh-uh — Alexis interrompeu com um tom de desapontamento, sua cabeça balançando de um lado para o outro, os lábios entreabertos, os olhos semicerrados, a lâmina do estilete se expondo e se retraindo, se expondo e se retraindo, se expondo e — Eu avisei pra você não mentir pra mim novamente. — E retraiu a lâmina uma última vez. Fitou fixamente os olhos de Woody. — Você tá acabado — disse em um tom gélido — assim como qualquer coisa que existia entre nós. — Uma lufada de ar escapou de sua boca enquanto virava de costas e caminhava em direção à porta da sala. — Sugiro que *você* comece a planejar sua fuga daqui.

Alexis ouviu passos às suas costas, mas não se incomodou em olhar para trás. Não tinha mais nada a dizer a Woody, e esperava que seu professor também não tivesse mais nada a dizer a ele. Porém, quando seus dedos tocaram a maçaneta dourada e fizeram menção a girá-la, um murro acertou a superfície de madeira logo acima de sua cabeça e permaneceu ali.

Alexis girou a maçaneta mesmo assim e tentou abri-la, mas a porta não se movia do lugar. Enfurecido, ele puxou, puxou e puxou, até sentir que a maçaneta estava prestes a quebrar em suas mãos. O punho de Woody manteve-o trancado ali.

— O que está fazendo? — disse ao largar a maçaneta e se voltar ao professor. — Me deixa sair antes que eu comece a gritar. — Fitou-o de baixo em cima.

Os olhos de Woody não encontraram os dele imediatamente, no entanto. Continuaram encarando a porção de madeira machucada pelos nós de seus dedos. Não respondeu por alguns segundos.

Diante do silêncio, um novo tipo de apreensão cresceu no peito de Alexis. Um que talvez... Não, ele não queria confessar.

O garoto tentou empurrar o corpo de Woody para longe, mas, assim como a porta, ele não se moveu.

— Quem você acha que vai te escutar? — Woody perguntou em tom baixo e calmo, ainda sem encarar o garoto diretamente. — Não há ninguém em Eastview a essa hora, Alexis.

Seu olhar encontrou o do garoto lentamente.

E, quando o fez, o amor que antes sentiu se desfez completamente, pulverizado pelas ações de Alexis, por seus olhares, sua voz, seu cinismo, sua agressividade, sua ironia, a perversidade que até então nunca tinha notado no garoto, a máscara tão bem colocada e que ele, naquele momento, fazia questão de estilhaçar.

Alexis empurrou-o, dessa vez com mais força, e até conseguiu afastá-lo por alguns centímetros, mas foi inútil. Woody agarrou seus ombros e o jogou em direção ao chão. O garoto caiu de costas, empurrando e derrubando as mesas e cadeiras mais próximas. A queda foi amortecida pela mochila estufada, que acabou escorregando de seus

ombros em seguida. A mão que carregava o estilete bateu na perna de uma mesa próxima, e a lâmina foi parar longe.

Alexis sabia o que estava acontecendo. Sabia *o que iria* acontecer. E, por isso, tentou se arrastar até a lâmina. Aquela podia bem ser sua única chance de lutar contra Woody. Não desistiria fácil e, assim que tivesse a vantagem, assim que se erguesse do chão, correria para fora dali, direto até a delegacia. Não haveria satisfação maior em sua vida do que ver aquele pedófilo agressor atrás das grades, para sempre.

Mas Woody o puxou de volta pela cintura. Se ajoelhou no chão e então sentou sobre seu peito, os dedos grandes e pesados envolvendo sua garganta como uma coleira cada vez mais apertada.

— Aaack... Me solt... Me solte. — Agarrou os pulsos de Woody com as mãos, tentando afastá-lo. — Seu psicopata. — Quando isso não funcionou, tentou afastar seu rosto, mover as pernas, socá-lo. Qualquer coisa. Mas era em vão.

— Você deveria ter me escutado. Tentei avisá-lo, tentei tudo o que podia, mas você simplesmente — a voz era baixa e vacilante, uma voz de mágoa e decepção — *não* — curvou-se em direção ao rosto do garoto, ignorando as mãos que tentavam forçá-lo para longe — *me* — seus dedos envolviam toda a garganta de Alexis, do topo da clavícula até a base da mandíbula — *escutou*.

Por fim, projetou toda a força de seus músculos naqueles dedos. Sentiu o fôlego do garoto ir embora, os pequenos cliques e clagues da cartilagem da traqueia se quebrando sob suas mãos.

Alexis sentia o rosto ficar frio; as extremidades de seus lábios, os olhos e as orelhas doloridos; a visão escurecer sutilmente. Ainda podia ver as veias saltadas no pescoço, na testa e nos bíceps de Woody. Ainda

podia sentir aquele peso descomunal ser depositado completamente sobre sua traqueia.

Olhou para o lado, para onde seu estilete estava caído. Largou o rosto de Woody e estendeu uma das mãos até o objeto: já tinha visto isso um milhão de vezes nos filmes, afinal de contas. A pessoa estrangulada *sempre* conseguia alcançar a arma, a lâmina, o pedaço de vidro ou seja lá o que precisasse para se livrar de seu agressor. Ele também conseguiria. *Tinha* que conseguir. Quem morre aos dezesseis anos? Certamente ninguém em Eastview. Certamente não ele.

Seus dedos se esticaram na direção do estilete, mais alguns centímetros e ele o alcançaria. Apenas mais alguns centímetros, apenas mais alguns—

— Estava tentando se aproveitar do meu amor por você? — Woody cuspiu. — Como pôde ser tão presunçoso?

Os polegares de Woody se cravaram na porção logo abaixo da mandíbula de Alexis, forçando sua nuca a se curvar para cima, forçando-o a encarar seu agressor pelos poucos segundos que ainda lhe restavam, forçando seu braço a se retrair, afastando-o daqueles meros centímetros que restavam até o estilete.

— *Por favor...* — Alexis balbuciou sem voz, e voltou a segurar os pulsos do professor. — *Por favor...*

— Você nunca mais falará de Benjamin dessa forma... — A voz de Woody perdia intensidade. — Quão petulante você é pra presumir qualquer coisa sobre minha relação com Benji? — Na visão de Alexis, as formas ao redor lentamente perdiam definição, eram engalfinhadas pela escuridão que lhe cercava. — É isso que você escondeu sob sua máscara esse tempo todo? *Me responda.* — Bateu a cabeça do garoto

contra o chão. — Não consegue? É uma pena. Ninguém mais vai ouvir sua voz.

Alexis tentou abrir os lábios outra vez. Para falar, respirar, suspirar... Não importava. Quando conseguiu, quando conseguiu entreabrir os lábios, a escuridão o envolveu completamente e, de repente, não existia mais Woody, não existia mais aperto em sua garganta, não existia mais nada.

Alexis morreu com os lábios entreabertos, os olhos arregalados, o rosto frio.

— Quem você acha que é comparado a Benjamin?

Alguns segundos depois, a luz de um flash iluminou a sala.



Tommy Presente

ESTOU MORTO.

Escuridão recobre minha visão em todas as direções.

Estou morto.

Não há nada além de trevas e vazio.

Estou morto.

Luzes piscam pausadamente sobre minhas pálpebras, interrompendo então a escuridão.

Estou morto?

Sinto os músculos do meu rosto se contraírem pela primeira vez.

Não estou morto.

Tento abrir os olhos, mas não consigo. As pálpebras parecem coladas no lugar. Lentamente, tomo consciência dos outros músculos do meu corpo, embora ainda não possa movê-los. Minhas costas estão deitadas sobre uma superfície rija, fria e desconfortável, talvez um colchão velho, talvez o próprio chão. Meus braços estão inertes. Minhas pernas também. Meus pulmões inspiram e expiram de forma lenta — talvez lenta demais.

Quando as luzes piscam mais uma vez e a escuridão sobre minhas pálpebras é interrompida, sinto uma descarga de energia. Sem conseguir me mover, conto as vezes em que as trevas oscilam. Uma. Duas. Vinte. Quando chego a cinquenta, meus dedos tremem. Meus

músculos despertam. Abro os olhos abruptamente, sugando o ar à minha volta como se nunca antes tivesse respirado. Um som estranho sai da minha garganta. O ar dói ao entrar nos meus pulmões.

Levo as mãos ao pescoço por reflexo. Suspiro alto e me curvo à frente. A superfície sob mim afunda um pouco quando sento: é um colchão duro.

— Achei que você nunca fosse acordar — uma voz imponente ecoa pelo ambiente escuro.

Fico paralisado. Um calafrio atravessa minha espinha, mas não tenho tempo de processá-lo. As luzes piscam outra vez.

Woody está em frente ao colchão, me fitando de cima, sem capuz, sem sobretudo, seu rosto exposto. Seus olhos me miram como duas armas engatilhadas. Quando fala novamente, sinto os disparos em minha alma.

— Senti sua falta, amor. — Ele se agacha, o brilho esverdeado de seus olhos prestes a me engolir. — Senti sua falta por *tanto*, tanto tempo.

Engulo em seco e acabo mordendo minha própria língua sem querer. Estou aterrorizado demais para me mover bruscamente, então observo a expressão dele por um segundo, tentando me convencer de que estou alucinando, sonhando ou qualquer porra nesse meio.

O rosto de Woody parece real demais. Suas sobranceiras douradas erguidas; seus lábios finos, vermelhos e rachados entreabertos; seus fios amarelos levemente bagunçados... É tudo real demais para que eu sequer tente achar outra justificativa que não seja essa:

Woody é E.V.

Woody é E.V.

Woody é E.V.

~~Woody é E.V.~~

Woody é—

— Todos esses séculos... — sua voz corta meus pensamentos como uma lâmina em ferida aberta — foram vazios sem você.

Ele estende uma mão enluvada na direção do meu rosto, e é quando finalmente me livro do choque e consigo me mexer. Me joga para trás abruptamente, ficando encurralado entre a parede às minhas costas e o monstro à minha frente. Meu coração acelera sem controle algum.

Olho ao redor em busca de algo que possa me ajudar nesta situação. Há uma estante de madeira vazia na parede oposta, talvez eu possa quebrar uma das prateleiras e me—

— Benjamin. — Novamente, sua voz rasga meus pensamentos no meio, deixando uma carcaça confusa e desnorteada para trás. — Benjamin — ele volta a estender a mão em minha direção e, desta vez, não consigo mais me afastar —, olhe pra mim. — Seus dedos apanham meu queixo violentamente e me puxam para frente, aproximando nossos rostos. Sinto minha nuca se distender já que meu primeiro instinto é continuar no mesmo lugar.

Franzo o cenho e, por fim, faço o que ele diz: fito o fundo de seus olhos verdes. Não por submissão ou condescendência, mas porque não entendo o que caralhos ele está dizendo. De qualquer forma, talvez seja melhor que eu continue sem entender. Aperto os lábios até ficarem doloridos.

Os olhos dele estão diferentes dos olhos do professor que eu costumava conhecer. Não são mais os olhos gentis e prestativos que me ofereciam ajuda, que se preocupavam comigo. São olhos animosos e cruéis, olhos tão frios que sequer tenho certeza de se são humanos.

— Fique longe de mim, seu psicopata. — Cuspo em seu rosto e esmurro seu punho, me desvencilhando dos dedos frios em meu queixo. — Fique longe de mim ou vou rasgar sua garganta com—

— Benji... — ele agarra meu queixo novamente, com mais força desta vez, e cobre minha boca com a palma de sua mão. Quando tento reagir, já é tarde demais.

Woody joga todo seu peso sobre mim, me empurrando para baixo e para trás. Fico preso sob seu corpo. Seus ombros são largos, e seus braços são fortes demais para que eu consiga lutar contra ele neste estado debilitado. Tento afastar o rosto dele e gritar contra sua palma, mas tudo o que consigo é morder meu próprio lábio. O gosto metálico e salgado do meu próprio sangue me dá nojo. Ele não parece se importar, no entanto. Sua mão é uma mordaca de metal contra o meu rosto.

Aperto minhas pálpebras com força enquanto me debato. Um dos meus braços fica preso entre nossos corpos, o outro é detido por ele. Respiro fundo. Lágrimas de desespero se acumulam sob minhas pálpebras, então acabo por abri-las. Quando o faço, vejo vincos se formarem em sua testa enquanto ele investiga algo em mim.

Depois de segundos assustadores em que meus gritos e gemidos abafados falham em conseguir me libertar, ele continua:

— Por que você ainda não se lembra de mim? Eu pensei... — inspira alto, irritado. — Pensei que tudo já estaria resolvido a esse ponto. — Seus olhos se distanciam, se perdendo entre seja lá que merda se passa em sua cabeça. — *Ele* me prometeu.

O aperto em meu rosto diminui. Lentamente, ele descobre minha boca e afasta o corpo do meu, seu olhar frio e voraz não mais para mim, mas para o colchão sob nós. Meus pulmões se expandem com mais facilidade sem seu torso sobre o meu, inspiro violentamente pela boca.

Curvo meu corpo para cima e, dominado pela adrenalina de estar livre novamente, penso em fugir.

Posso correr até a estante vazia e usá-la contra ele de alguma forma. Olho mais à frente. A escuridão do porão não me permite visualizar a saída, mas sei que deve existir uma em algum lugar. Acima da minha cabeça, há apenas alguns canos acoplados às paredes. Um deles faz uma curva suspeita próximo demais de onde estou, é um milagre que não tenha batido minha cabeça contra essa coisa até agora.

No entanto, todos os meus possíveis planos estão abortados enquanto ele permanecer sentado logo ao meu lado sobre o colchão. Se eu correr enquanto ele estiver tão próximo, vou acabar sendo capturado novamente, e lutar contra um psicopata duas vezes maior do que eu é inútil se eu sequer souber a maldita planta de onde estou.

Me mantenho alerta quando ele murmura para si mesmo:

— Talvez... — Volta a me encarar. — Talvez você precise de ajuda. — Seus olhos se arregalam e sua respiração se aprofunda. Faz menção de se aproximar, mas me comprimo o máximo possível contra a parede em minhas costas para me afastar. — Sim, é isso. Uma pequena ajuda e então você se lembrará de tudo — titubeia entre as próprias palavras.

— Mas de que *porra* você está falando? — Um grunhido deixa minha garganta, a frustração me consumindo mais rápido do que o medo. — Apenas me mate de uma vez, seu desgraçado. — Encaro seu rosto pálido. — Me mate como matou Alexis — incito em um tom amargurado.

Sua face fica sem expressão por um segundo. Não consigo decifrar o que se passa por trás das paredes esverdeadas de seus olhos até que ele pula em cima de mim outra vez, seu corpo me imobilizando

contra o colchão. Suas duas mãos se fecham ao redor do meu pescoço, mais selvagens e descontroladas do que antes; a potência total de seus músculos é transportada até minha garganta. Não consigo respirar. Com o ar remanescente em meus pulmões, consigo balbuciar:

— Você... — agarro seus pulsos — tem... — sinto meu rosto esfriar, o local onde ele aperta começa a latejar — um fetiche... — encaro sua expressão animalesca — por estrangulamento?

Ele expira fundo, como se tivesse levado um soco no estômago, e afrouxa os dedos ao redor do meu pescoço. O ar invade minha traqueia abruptamente, e acabo tossindo. Ele afasta uma de suas mãos completamente, e a leva para algo na parte de trás de sua calça.

— Você vai se lembrar, Benji... — sussurra. Não para mim, mas para o pouco espaço vazio entre nossos corpos. — Não importa o que eu tenha que fazer.

Sua outra mão também liberta meu pescoço. Por um breve momento, acho que ele finalmente vai acabar com esta merda e me deixar em paz no porão escuro. Porém, minhas expectativas de paz são estilhaçadas quando ele apanha as algemas que guardou no bolso de trás da calça.

Ofego em surpresa. É tudo o que tenho tempo de fazer antes de sua mão livre apanhar meus punhos e os erguer para cima, aproximando-os da extremidade curvilínea do cano proeminente que analisei antes.

Woody passa a corrente das algemas ao redor do cano, logo prende cada uma das minhas mãos de um lado. Me debato, tento me puxar para longe, mas é inútil. Desespero e fúria se acumulam dentro de mim de forma desordenada. Com apenas uma das duas, eu talvez conseguisse escapar, mas as duas sensações súbitas fazem meus

pensamentos ficarem confusos, me deixam fraco. O metal é frio e machuca meus punhos; depois de dois cliques, estou preso.

— Você vai se lembrar, Benji — repete. — E vamos ficar juntos... Para sempre.

Quando termina seu trabalho, acaricia delicadamente a lateral do meu rosto uma última vez. Ignoro isso resignado. Sento no colchão, tento quebrar o cano com as correntes das algemas, mas elas são finas, e o cano é grosso. Inspiro pesadamente, me amaldiçoando pelo momento em que concordei em não contar nada sobre esse desgraçado ao Edgar.

Ao menos a merda do segredo de Matt está seguro, ironizo comigo mesmo.

Um calafrio me atravessa logo depois desse pensamento. *Matt*. Não consegui falar com ele antes de ter sido capturado. Não tenho a mínima ideia de onde ele está, só sei que E.V. está me mantendo vivo por alguma razão deturpada. Quem é Benjamin? E de que merda ele quer que eu me lembre?

De qualquer forma, isso não parece ter relação alguma com Matt. Então... preciso mantê-lo longe de tudo isso. Não posso pensar em Matt enquanto estiver aqui.

Preso em meu monólogo interior, só percebo que Woody se levantou do colchão e rumou para fora do porão quando desliga o interruptor da única luz do cômodo e sou totalmente imerso em escuridão.

— Espera! — grito contra as trevas. — Não me deixa aqui.

Tento outra vez, inutilmente, me libertar das algemas presas ao cano. Grunhidos e gemidos deixam minha garganta pela força que emprego nisso, força que deveria poupar, que pode ser útil no futuro,

mas que acabo perdendo na minha incapacidade de coordenar medo, desespero e fúria.

Woody finalmente abre a porta do porão ao longe. A escuridão é cortada bruscamente pela iluminação artificial do cômodo adjacente. Há uma pequena escada entre o chão do porão e a porta. Ele sobe alguns degraus e me fita sobre os ombros. Tento alcançá-lo outra vez, mas meus punhos me mantêm parado no mesmo lugar. Então ele vira de costas, sobe os degraus restantes aos pulos e fecha a porta por fora.

— Volte aqui seu puto desgraçado de merda! — vocifero contra a escuridão fria e total que volta a me recobrir. Me sinto vazio e inexistente, mais uma sombra neste cenário sem luz. Uma sombra sem voz, sem corpo, sem nada além de dor e medo. — Socorro! — grito para as paredes na esperança de que alguém consiga me escutar do outro lado. Talvez eu não esteja tão longe da rua. Se eu gritar alto o suficiente... — *Socorro!* Alguém — uso todo o fôlego que tenho nos pulmões —, *por favor!* Por favor — sinto uma umidade característica em minhas bochechas quando lágrimas silenciosas passam a acompanhar meus gritos —, *me ajude!*

Fecho os olhos, cerro os dentes e deixo um som gutural, grave e raivoso deixar minha garganta, o som de todo o sofrimento e agonia que sinto, todo o sofrimento e agonia que jamais pensei que sentiria.

Não achava que os dias solitários e frios dos invernos no orfanato poderiam piorar, que os Natais e feriados sem uma família poderiam doer mais, que a aflição do simples pensamento de perder Matt poderia ser ultrapassada por qualquer coisa. Mas aqui estou: mais miserável e mais perdido do que jamais estive. E, se tenho alguma certeza... é de que toda essa merda pode piorar mais ainda.

— Estou preso no porão de *Woody Duarte!* — grito para a escuridão vazia outra vez, uma última vez. — Por favor, alguém...

As lágrimas começam a inundar meus olhos, me impedindo de continuar pedindo por ajuda. Tento controlar minha respiração e meu coração acelerados. Tento pensar em outra maneira de escapar daqui, qualquer outr—

A porta do porão é aberta de repente. O susto me sobressalta. Tento enxugar minhas lágrimas rapidamente, mas não tenho tempo. Woody pula vários degraus de uma vez e volta ao porão. A luz fraca do cômodo é ligada, e percebo que ele traz um pano branco, com manchas amarelas, nas mãos. Meu cenho se franze por um milésimo de segundo enquanto me questiono do que se trata.

Mas quando percebo, quando me dou conta—

— Não, não... espera... — Me comprimo contra a parede. É tudo o que consigo fazer contra ele. — Não faça isso... — Ele não faz qualquer menção de me escutar. Seus passos são largos e rápidos. Em segundos, está sobre mim. Em segundos... — Vou ficar calado, prometo. *Por favor, não...*

Em segundos, o pano está sobre meu rosto. Uma de suas mãos me segura pela nuca e a outra força o pequeno retalho de tecido contra meu nariz. Quanto mais luto contra ele, mais rápido aspiro a droga.

Em segundos, não tenho mais controle sobre meu corpo.

— Durma bem, meu amor. — Ouço um zumbido antes da escuridão me apagar completamente. — Durma bem, Benji...

Parte

I

Mais quente

que o inferno

X	X	O
X	O	X

"Você ainda me ama,
mesmo com minhas
mãos ao redor
do seu pescoço"

Hotter Than Hell
(DUA LIPA)



Tommy

ACORDO QUANDO OS PRIMEIROS RAIOS DE SOL DO DIA atravessam a pequena janela quadrada no topo de uma das paredes do porão e atingem minhas pálpebras fechadas. Na verdade, acordar talvez seja uma expressão muito forte: saio de um estado de semiconsciência. Não é como se eu conseguisse dormir com meus braços erguidos e pulsos pendurados desse jeito.

Pisco lentamente algumas vezes. O medo e o horror que senti ontem à noite começam a engatinhar pelas minhas entranhas, mas ainda devagar, bem devagar. Me sinto dopado. A droga que Woody usou para me apagar ainda deixa resquícios nos meus sentidos.

Inspiro fundo. Deitado sobre o colchão fino e duro, olho para as algemas que me prendem ao cano pouco acima da minha cabeça. Mexo meus dedos; estão gelados e dormentes. Uma extensa mancha avermelhada aparece no local onde o metal das algemas pressiona meus punhos. Engulo em seco. Se continuar desse jeito por muito tempo, meus dedos provavelmente necrosarão — como o próprio Woody ensinou em uma de suas aulas de biologia.

Esse pensamento me faz retornar aonde estou. Viro o rosto para a direita, encaro a janela do porão. Parece embutida à parede, e o vidro é grosso, da espessura de um tijolo. O lado de fora está distorcido, vejo apenas algumas manchas brancas e verdes.

Não estou em um galpão abandonado no meio do nada: estou na casa de Woody. Eastview está bem ali, do lado de fora daquela janela. Se eu continuar gritando por ajuda todas as noites, eventualmente vou chamar a atenção de alguém...

Não tenho a esperança de durar muitas noites, de qualquer forma. Mas se estou em Eastview, significa que estou mais próximo de Edgar do que pensava. Não sei se Woody já fez isso antes, se já escondeu um refém em sua casa, mas tenho certeza de que é questão de tempo até alguém investigá-lo, até me rastrearem até aqui. Talvez ele tenha algum tipo de prazer sádico em me manter tão próximo das pessoas que poderiam me salvar. Talvez ele queira me torturar com o delírio de esperança que tenho nesse momento.

Ou talvez seja apenas estúpido mesmo. Acho que vou descobrir do jeito mais difícil.

A porta do porão é aberta. Reviro os olhos, meu pesadelo continua.

Woody caminha para dentro de forma mais calma do que da última vez. Minha atenção vai direto para o que carrega nos braços: não consigo identificar exatamente o que é, mas não tem um aspecto perigoso. Parecem peças de tecido em tons pastéis e sem contraste.

Me sento no colchão. O barulho irritante da corrente das algemas contra o cano de metal preenche o porão. Seu olhar familiar, e agora perigoso, repousa sobre mim, e toda a distância entre nossos corpos parece desaparecer.

— Oh, você está acordado — diz assim que nossos olhares se encontram. — Que bom.

O medo e o horror que estiveram acomodados em minhas entranhas se libertam, me dominando. Apesar disso, tento me controlar. Preciso agir com mais racionalidade desta vez, então apenas observo ele se aproximar.

Seus fios amarelos estão penteados para trás, da forma como costumava fazer em dias de aula. Miro suas raízes mais escuras, quase amarronzadas, e então seu rosto. Há marcas de cansaço estampadas em suas feições: manchas escuras sob seus olhos, vincos de expressão em sua testa. Parece ter dormido tanto quanto eu esta noite.

Percebo que trocou de roupa. As peças escuras, pesadas e agressivas de ontem foram substituídas por uma camisa de linho azul clara e uma bermuda de sarja bege. Nunca o tinha visto em peças tão despojadas antes. Se você o encontrasse casualmente, jamais imaginaria o psicopata que se esconde por trás das roupas bem passadas e do sorriso cordial.

Em contraste a ele, me sinto pequeno, nojento. O gosto de sangue coagulado ainda paira sobre meus lábios, fora todos os cortes, os machucados, as partes do meu corpo doloridas e sujas...

— Tive medo de ter perdido a mão na dose de clorofórmio ontem à noite — ele interrompe meus pensamentos. Se aproxima como um animal manso, sua voz perdeu as nuances de descontrole de ontem. Soa como quando estávamos em aula, ou sozinhos em sua sala. Soa exatamente como quando me oferecia ajuda e fingia se preocupar. Eu imagino... Imagino o que teria acontecido se eu tivesse aceitado essa ajuda. — Eu nunca perdi a mão antes, mas você... — se interrompe ao alcançar o colchão. Semicerro os olhos enquanto ele se agacha,

sentando-se ao meu lado. — Você é especial — diz com uma expressão sóbria que quase me faz vomitar.

Desvio o olhar para as peças em seus braços.

— O que é isso?

— Roupas. Apenas roupas — ele se apressa em responder. — As suas estão sujas.

Descansa as peças ao meu lado. Têm um corte estranho, uma fragilidade bastante peculiar no tecido. Parecem o tipo de coisa que você encontraria em um filme do século XVIII. Ele acaricia a peça de cima com o polegar, encarando-a com um olhar nostálgico.

Um sorrisinho se abre em seu rosto.

— Essas são as roupas que você costumava usar, se lembra? — Então volta a me encarar com os olhos acusatórios de ontem à noite, como se *eu* fosse o errado nessa situação. — Você se lembrou de alguma coisa?

Escolho desviar o olhar do seu novamente. Escolho não pensar demais em que merda ele quer dizer com isso. Escolho culpar tudo em sua psicose. Escolho acreditar que Woody Duarte é só alguém que precisa de bastante ajuda psiquiátrica, e que eu sou apenas mais uma de suas vítimas.

Reteso minha mandíbula. Esses pensamentos me deixam irado.

Ele inclina o pescoço para o lado, leve e lentamente, e continua:

— É claro que não pude guardar as mesmas roupas de séculos atrás. Eu tentei, mas o tecido definhou. Então encomendei réplicas exatas. E quando as réplicas definharam, encomendei outras. Até agora. Por você. Tudo por você. — Continuo furioso, com o rosto desviado e o olhar arregalado. Tento me concentrar em qualquer pedaço deste lugar miserável que não seja ele. Sua voz então se aprofunda: toques de

frustração nas vogais e sibilos de mágoa nas consoantes. — Você precisa falar comigo, Benjamin. — Quando ouço o nome estranho, o encaro abruptamente por um breve segundo. É inconsciente. Quero socá-lo até quebrar todos os seus dentes por insistir nessa merda de “Benjamin”. — Como vou saber no que está pensando se continuar em silêncio?

Sinto meus pensamentos começarem a se enevoar, mas me concentro o suficiente para mantê-los limpos. Fecho os olhos.

— Está com fome? — ele insiste. Sinto a radiação de seu olhar concentrada em meu rosto. Me sinto nauseado apenas por saber que sua atenção está sobre mim. — Com sede? — De todos os garotos do mundo, eu tinha que ser o suficientemente amaldiçoado para acabar nesta situação, neste lugar, com este maldito. — Com dor em algum—

— Me deixe ir — interrompo qualquer merda que ele fosse dizer. Abro os olhos, e me volto a ele lentamente. — Não sei quem é Benjamin. Talvez você esteja tendo algum tipo de surto psicótico. Talvez tenha perdido a completa noção da realidade. — Noto sua respiração cessando, sua expressão se tornando confusa. É minha chance de tentar manipulá-lo. — Mas eu prometo a você, Woody: se me deixar ir — coloco minha melhor máscara de inocência —, vou fugir da casa dos Vilarreal, de Eastview. Nunca vou falar uma palavra sobre o que aconteceu. Você nunca mais me verá. — Me inclino em sua direção voluntariamente. Meus braços continuam presos no cano, mas aproximo nossos rostos o suficiente para não precisar mais erguer o tom além de um sussurro. — Será como se nada tivesse acontecido. — Umedeço os lábios com a língua, engulo a saliva com gosto de sangue, e curvo a nuca para baixo, delicadamente. — Por favor — imploro em um tom choroso —, me deixe ir.

Ele não se afasta, não respira, não vacila por um instante sequer. Seu olhar frio e afiado permanece sobre mim por vários segundos vazios e silenciosos. Me sinto esperançoso e aflito na mesma medida, pelo menos até ele dizer:

— Por que eu iria querer isso? — e pulverizar minhas expectativas. — Por que eu iria querer que nada tivesse acontecido? — Um sorriso genuinamente confuso se abre em seu rosto. — Por que eu iria querer — o sorriso morre — nunca mais te ver? — Fecho os olhos. Me afasto. Minhas entranhas se reviram como se estivessem sendo dilaceradas por um moedor de carne. Estou fodido. Estou completa e absolutamente fodido. — Estive esperando muito tempo por isso, Benji... — Sinto o colchão se mexer quando ele faz menção de se aproximar.

— Eu não sou Benjamin, Benji, porra nenhuma que você está falando — rebato de forma ríspida. O colchão deixa de se mover. Respiro fundo. Engulo a rispidez. Sou brasileiro, então tento outra vez. — Me escute — digo em um tom mais suave. — Você ainda pode sair dessa ileso. — Abro os olhos, e encaro o fundo de suas íris. — Não precisa me machucar, e não precisa sofrer consequência alguma. — Reflito um pouco sobre como isso soa em seus ouvidos. — Não estou tentando te enganar, Woody. Não tenho certeza se eu sequer conseguiria fazer isso. Vou fugir. Nunca mais voltarei aqui — persisto, minha expressão mais angustiada a cada palavra. Ele precisa saber que estou com medo dele, precisa acreditar que é a pior coisa que já me aconteceu, precisa ter pena dos traumas que terei pelo resto da vida por causa disso. É a única maneira de convencê-lo a me libertar.

— *Cale-se!* — ele grita contra meu rosto, e minhas palavras, meu clamor, minha manipulação morrem instantaneamente em minha

garganta. O mesmo brilho feroz e cruel de ontem retorna aos seus olhos por um lapso de temperamento. Ele se controla logo em seguida, e completa em uma voz mais calma: — Você está em choque pelo que aconteceu ontem à noite, eu entendo isso. — Aperta os próprios lábios até perderem a cor, e fita o chão áspero do porão. — Me desculpe... — sussurra em um tom quebrado.

Eu teria que me inclinar para mais perto de seu rosto para ouvir corretamente, mas não tenho coragem para fazê-lo, então pergunto:

— O quê?

— Me desculpe por ter feito o que fiz — ele repete, então complementa: — Era a única forma de te trazer até aqui. — Se exaspera. Suas palavras saem rápidas e intensas, como os disparos de uma arma. Ele cerra os punhos contra o colchão, e parece se controlar para não se aproximar mais. — E eu não conseguia mais suportar ficar sem você. Ver você em Eastview, agir como seu conselheiro... — Quando continua, seu tom está sombrio: — Ver você se envolver com outras pessoas — contrai os lábios —, me dava asco. — Semicerra os olhos em minha direção. — Você tem ideia do quão difícil era para mim te observar de longe, não poder fazer nada? — Uma sensação fria preenche meu estômago. Ter a confirmação de que ele esteve mesmo stalkeando a mim e Matt é, de alguma forma, pior do que não saber de nada. — Mas isso é passado agora. — É quando perde o autocontrole e começa a se aproximar demais de mim. — Nunca mais vai acontecer.

— *Fique longe* — vocifera em um tom tortuoso. Meus músculos todos se enrijecem ao imaginar que ele se jogará sobre mim outra vez. — Fique longe de mim, seu filho da puta desgraçado.

Ele hesita por um breve momento, mas sem retirar os olhos de mim. Sua expressão se torna mais severa, cruel, mais próxima da

expressão que imaginei que E.V. teria. Praticamente rosna:

— Você vai me amar de novo quando se lembrar.

Woody encerra a distância entre nossos corpos e agarra os fios da parte de trás da minha cabeça, curvando minha nuca até seu limite. Uma descarga abrupta de dor atravessa meu couro cabeludo até alcançar meus ombros. Não grito, não grunho, não deixo um maldito som sequer escapar da minha garganta. Mas as lágrimas são inevitáveis, não pedem permissão.

Ele chega próximo o suficiente para seu nariz roçar em minha bochecha, uma das minhas lágrimas de dor umedece sua pele delicada.

— Fique parado. Não tente nada estúpido — sussurra contra meu ouvido, me mantendo preso pelos cabelos.

— O que você vai fazer? — pergunto. Minha voz sai extenuada pela dor.

Ele não se importa em responder e, com a mão livre, apanha algo em um dos bolsos de trás de sua bermuda.

Fico assustado, até ouvir o chacoalhar de um molho de chaves.

— Não tente fugir, é inútil. — É a última coisa que ele diz antes de abrir as algemas que me mantinham preso no cano de metal até então.

Praticamente grito de alívio quando meus braços despencam sobre meu colo, meus pulsos em carne viva doem como se tivessem sido esfolados. As algemas ficam presas no cano pela corrente. Com minha recém-adquirida liberdade, tento empurrá-lo para longe, mas meus esforços são em vão. Ele parece uma placa de concreto.

Para minha surpresa, se afasta voluntariamente e se levanta do colchão. Em pé, guarda as chaves no bolso novamente. Encaro Woody confuso e desorientado, e ele, por sua vez, aponta para o conjunto de roupas que havia trazido e depositado ao meu lado.

— Vista suas roupas — ordena, e vira de costas. — Temos um café da manhã a tomar — fala sobre os ombros, caminhando em direção à porta do porão. — Um que esteve em preparação há muitos, muitos séculos. Séculos demais.

Levanto do colchão. Minhas pernas vacilam por alguns segundos por conta do tempo que passei deitado, mas logo se recuperam. *Que se fodam essas roupas.*

— Será que você pode parar de falar esse monte de merda? Eu tenho 16 anos, você tem 25 — protesto contra suas costas, deixando minha frustração tomar o melhor de mim. Me lembro do que ele disse antes de me torturar: *você vai me amar.* — A única coisa que eu sinto por você é nojo. E nunca vou sentir nada além disso — digo sem emoção alguma. Massageio meus pulsos vermelhos, tentando aplacar a dor latejante dos ferimentos provocados pelo metal das algemas. — Se você me mantiver aqui — ergo o queixo e continuo —, é questão de tempo até Edgar e a polícia descobrirem minha localização. Me chantagear a ficar calado é uma coisa, mas matar um policial dentro da delegacia é outra. — De relance, encaro a janela do cômodo novamente. — Me esconder no porão da sua casa? — comento com escárnio. Uma risada amarga escapa dos meus lábios. — O que há de errado com você?

Nego com a cabeça, e encaro suas costas cobertas pelo tecido de tom marinho e pacífico de sua camisa. Espero por uma resposta. Realmente espero que ele abra sua maldita boca e explique que caralhos está acontecendo, mas como o bom covarde que é, ele fica calado. Seus ombros se erguem e abaixam com mais intensidade a cada movimento respiratório.

— Seus dias estão contados, E.V. — rosno. — E eu nunca, *nunca*, farei o que você quer.

Ficamos em silêncio completo por alguns segundos. Não sei quantos. Talvez tenham sido muitos e passaram rapidamente. Talvez tenham sido poucos e passaram lentamente.

Quando entreabro os lábios para tentar manipulá-lo outra vez, vejo um vulto em minha frente e sinto sua mão forte e calejada agarrando minha garganta outra vez. Ele não tem qualquer cuidado, e me atira contra a parede mais próxima. Um gemido escapa da minha garganta quando minha cabeça encontra a superfície dura, imóvel, e minha visão é preenchida por pequenos pontos brancos e cintilantes. Seus dedos se enterram ainda mais no meu pescoço. Me ergue do chão até nossos olhares ficarem no mesmo nível.

Respiro com dificuldade e, quando minha visão retorna ao normal, vejo a sua expressão: a de um lobo prestes a rasgar a carcaça de uma corça. Suas íris perderam todo e qualquer brilho. Seus lábios tremem em fúria. Seus dentes se projetam como presas.

— Cale a boca, droga. *Cale a boca!* — A cada palavra, Woody bate minha cabeça contra a parede de novo, de novo e de novo.

Agarro seu pulso em volta da minha garganta quando a dor em minha cabeça se torna insuportável. Antes que eu consiga balbuciar qualquer coisa, ele apanha uma faca de caça que manteve presa no cós da bermuda, protegida por uma bainha. Arranca a bainha com os dentes e pressiona a ponta afiada e curva contra o topo da minha garganta, no espaço macio e raso logo abaixo da mandíbula.

Perco o fôlego quando sinto a ponta romper pele, carne, e um pouco mais, mas apenas o suficiente para fazer o mínimo dos cortes. Fico completamente parado, com medo de me debater e acabar enterrando mais dessa coisa em mim.

— Coloque a porra das roupas antes que eu perca a paciência de vez — ele grunhe enquanto afasta a faca do meu pescoço. Seus olhos ficam presos de forma animalesca, doentia, no corte que provocou. — Você é meu — sussurra, e aproxima um dedo do corte. A ponta fica manchada de sangue. *Meu* sangue. — Completamente meu. — Ele leva o dedo à boca, sugando meu sangue como se fosse a coisa mais doce do mundo. Seus lábios são tingidos pelo tom rubro, seus olhos adquirem um brilho possessivo. Mordo meu lábio inferior para não vomitar com aquilo. — E qualquer um que tentar tirá-lo de mim novamente... — murmura contra meu rosto — vai acabar como seu querido Scooper. — Engulo em seco. Sinto a falta de oxigênio começar a afetar meu cérebro. Minha visão escurece aos poucos. E, conforme ele continua falando, minha audição também diminui lentamente: — Abrir o peito de uma pessoa é bem mais fácil do que imagina. Você só precisa de algumas costelas quebradas, e uma lâmina longa e bem afiada: corta a carne como se fosse uma barra de manteiga. — Pausa por um segundo, como se estivesse se lembrando de algo. — E assistir o coração de alguém parar de bater enquanto você corta e corta pelo peito dela... — fecha os olhos, prazer estampado em seu rosto — é tão satisfatório. Estou morrendo para fazer isso de novo... — Abre os olhos, os dedos ainda firmes ao redor da minha garganta. — Então nunca mais me ofenda. Nunca mais erga sua voz. Nunca me desafie.

— Por quê? — rebato, mesmo com dificuldades, mesmo à beira de perder os sentidos. — Se vai simplesmente me matar, por que o não faz logo?

Uma risada alta, do tipo que vem do fundo dos pulmões, eclode de sua garganta.

— Não, não vou matar você. — Inclina o pescoço para o lado. —
Mas todos com quem você já se importou. Começando por Edgar e
Laura Vilarreal.



DOTS

Tommy

S EUS DEDOS SE AFASTAM DA MINHA GARGANTA e meus pés encontram o chão bruscamente. Perco o equilíbrio nos tornozelos, e caio no piso sujo e áspero do porão. Meu primeiro instinto é proteger meu pescoço com as mãos, inspiro profundamente. Tateio o corte logo abaixo da mandíbula. Continua sangrando, mas é pequeno, vai coagular em poucos minutos.

Apesar de recuperado, permaneço no chão, encarando os sapatênis brancos e limpos de Woody. Ele dá alguns passos para trás e cruza os braços sobre o peito. Permanece me encarando de cima, como se quisesse abrir um buraco em minha cabeça com o olhar.

Meus pensamentos estão presos em suas palavras. Não tenho dúvida alguma de que este monstro é perverso o suficiente para machucar Edgar, Laura, Matt ou qualquer um. Todas as pessoas em minha vida estão em risco neste momento, e por minha causa. E é egoísta demais esperar que Edgar se coloque em risco ainda maior para me salvar. É egoísta sentar, provocar esse animal selvagem e esperar que tudo fique bem quando a polícia de Eastview arrombar a porta da frente.

Preciso achar minha própria forma de escapar daqui. Preciso achar minha própria forma de driblar qualquer jogo de manipulação que Duarte esteja colocando em prática aqui.

Preciso encontrar uma forma melhor de atingi-lo com palavras.

Pressiono o ferimento em meu pescoço até parar de doer. Há sangue vazando entre meus dedos, mas não muito. Uso a parede atrás de mim como encosto para me reerguer.

Sem encarar Woody, caminho de volta ao colchão. Me ajoelho sobre a superfície desconfortável e apanho as peças de roupa. Ergo a camiseta marrom-clara e analiso seu corte estranho. Parece feita de um único pedaço de tecido e possui alguns botões do colarinho até a metade do peitoral. A calça tem uma cor mais escura, um tecido mais grosso, e um cordão de amarrar na cintura. São feias. Roupas feias e antigas, do tipo de coisa que você compraria em uma loja de relíquias de um século passado.

Que porra ele quer com me fazer vestir isso?

Temos um café da manhã em preparação há muitos séculos.

Então ele está levando mesmo a sério essa estupidez? Deve ser algum tipo de fantasia. De qualquer forma, me vestir assim é a menor das minhas preocupações no momento. Além disso, preciso de tempo para descobrir como fugir daqui.

Ainda de joelhos, retiro a camisa suja e manchada de sangue que estive usando desde a manhã do dia anterior. Sinto um calafrio atravessar minha espinha: o olhar penetrante de Woody ainda está sobre mim.

— Vai ficar me encarando como um pervertido enquanto me troco? — digo sem encará-lo, apreensivo. E se ele *quiser* continuar me encarando como um pervertido, o que eu posso fazer?

Minha apreensão aumenta enquanto ele não responde. Dezenas de segundos de silêncio se passam até o soar de seus passos descontentes e pesados para fora dali. As solas de seus calçados se arrastam no chão como se suas pernas estivessem se movendo forçadamente.

— Você tem cinco minutos pra se vestir — diz enquanto se afasta — e subir as escadas pra fora do porão. — Para, então me fita sobre os ombros. — Nem um segundo a mais — e vira em direção à saída outra vez.

Quando ele fecha a porta do porão atrás de si, um imenso suspiro de alívio escapa do meu peito. Alívio puro e incontrolável. O ar do porão parece tóxico quando ele está ali, me deixa completamente desnordeado.

Meu próprio professor. Meu próprio professor está fazendo isso comigo.

Mas não posso pensar nisso agora. Não agora. *Não agora.*

Visto a camisa que ele trouxe. É um pouco folgada, mas nada demais. Parece ter sido feita para um versão mais musculosa do meu próprio corpo. Abro meu zíper e retiro meus jeans. Visto a peça marrom-escura. A mesma história da camisa: folgada, mas não grande demais. Deixo minhas roupas antigas cuidadosamente dobradas no colchão.

Levanto. Não sei quanto tempo levei, mas espero que não ter excedido os malditos cinco minutos. Me aproximo da saída do porão, ansioso. Talvez eu consiga usar algo pra desacordar Woody e correr para fora dali. Mas conhecendo-o, sei que isso também já passou por sua mente.

Minha única esperança é vencê-lo em seu próprio jogo.

Fico parado no primeiro degrau das escadas até ouvir seus passos se aproximando do lado de fora. A porta é aberta. Uma abundância de luz artificial me atinge de uma única vez, de modo que preciso encobrir meus olhos com um braço para evitar o desconforto.

Subo outro degrau, a nuca curvada para baixo.

Quando meus olhos se acostumam à luz, encaro o psicopata em minha frente. Está parado no lado de fora do porão, o olhar fixo em mim de forma vacilante. Ele não pisca, não se move, não respira.

— Por que está me olhando assim? — pergunto quando seu olhar se torna pesado demais para suportar.

— Você está lindo — ele balbucia depois de um tempo. — Exatamente como me lembro. — Engole em seco.

Analiso as peças que estou usando outra vez. Seja lá de quem ele tenha se lembrado, essa pessoa tem um péssimo senso estético.

Woody estende uma mão para mim, me convidando a subir os últimos degraus em sua direção. Encaro sua palma por alguns instantes. Devo aceitá-la? Ou devo continuar resistindo, me debatendo até o último momento? Até não ter mais forças para fazê-lo?

A primeira opção parece a mais inteligente.

— Isso é algum tipo de fantasia sua? — Ergo uma das sobancelhas, mas aceito sua mão.

Ele me ajuda a subir um degrau, e então fecha uma segunda algema em meu pulso. O susto me faz puxar o braço, mas ele o mantém firme. A segunda argola está pendurada, aberta.

— Não achou que eu te deixaria andar pela casa com as mãos livres, achou? — ele rebate com um olhar severo e cínico.

Cerro os dentes até sentir uma dor familiar em meu maxilar. A dor da frustração.

Como imaginei, todos os malditos cenários já devem ter passado por sua cabeça.

Será que ele sempre soube que eu e Matt ficaríamos calados depois da morte de Alexis? Ou esse foi o momento em que mais esteve vulnerável?

Se não fosse por minha promessa a Matt, essa expressão cínica e asquerosa não estaria estampada em seu rosto agora.

Ele me puxa para mais perto e fecha a segunda argola no meu outro pulso. Em seguida, me leva para fora do porão, para dentro de sua casa.

TRÊS

Tommy

W OODY ME LEVA PARA FORA DO PORÃO, para dentro de sua casa, me puxando por uma das mãos. Há uma calma peculiar sobre ele neste momento, um tipo bem estranho de calma antes da tempestade. Sinto como se não fossem mãos humanas me tocando, mas sim as garras afiadas de um felino. Um leão. Um leopardo, talvez. Toda vez que tento me afastar, as garras passeiam sobre minha pele, me rasgando. Então, para evitar a dor, simplesmente me deixo ser levado.

A porta do porão fica escondida atrás de uma cortina em uma parede qualquer. Além dela, o espaço amplo da casa se abre. É uma casa normal. Normal demais até. Tão normal que chega a ser entediante. As paredes não possuem muita cor, sua tinta já desbotou há algum tempo. A mobília, porém, é antiga e rústica demais para os padrões de Eastview, mas nada tão especial.

Na mesma parede da porta do porão, há uma escada para o andar superior. O porão dá acesso direto à sala de jantar que, por sua vez, parece ligada ao hall de entrada da casa por um corredor. Um pouco mais adiante, bem ali, à minha esquerda, está a porta principal da casa.

Suspiro alto quando percebo sua proximidade. Apenas alguns passos, alguns metros, alguns segundos de corrida me separam dela.

Woody deve ter muita confiança de que sairá ileso desta situação se o porão fica mesmo tão próximo da entrada da casa.

Além disso, outras duas coisas me chamam atenção enquanto caminho sem rumo pela sala de jantar: as janelas estão todas fechadas, obstruídas por placas de madeira. O único vislumbre que tenho do mundo exterior é a luz natural que vaza para o hall de entrada pelo espaço entre a porta e o chão.

Em minha frente, está a mesa de café da manhã que ele mencionou antes.

Temos um café da manhã em preparação há muitos séculos.

Ele quis dizer que teve muito tempo para preparar a comida? Porque é isso que parece pelo exagero de pratos sobre a mesa: jamais se passaria por um café da manhã normal.

— Você gostou? — sua voz grave e calma ecoa pela sala.

Desvio os olhos da mesa para seu rosto quando ele finalmente solta minhas mãos das algemas e caminha até o lado oposto da mesa.

— Oh... — murmuro. Meu cenho se franze. O que ele *espera* que eu responda? Que resposta o satisfaria? Que resposta me deixaria a um passo mais próximo daquela porta? — Parece ótimo. — Tropeço entre minha língua e meus pensamentos, mas consigo fingir um sorrisinho para complementar a resposta.

— Preparei todos os seus pratos favoritos. — O sorriso dele, ainda mais comparado ao meu, é bem largo. Suas íris brilham em contemplação frente à abundância de comida.

— Certo... — murmuro outra vez, sem vontade de alongar demais a conversa.

Arrasto a cadeira mais próxima e, ainda sem coragem de fazer qualquer investida em direção à saída da casa, me sento. Ele espera até que eu esteja acomodado para fazer o mesmo no lado oposto.

Olho em minha frente. Café. Ovos. Bacon. Suco. Chá. Leite. Torradas. Pão caseiro. Geleia. Manteiga. Frutas. Bolos brancos, escuros e coloridos. Doces que não consigo identificar, pequenos e grandes, redondos e quadrados. Tortas brancas e amarelas. Empadas. Um tipo estranho de pudim. Vitaminas brancas, verdes, amarelas, cinzas.

Parece que meus pratos favoritos são... *todos*.

Embora eu esteja faminto, embora saiba que cada centímetro do meu corpo está implorando pelo banquete, embora minhas entranhas se contorçam em resposta aos aromas e às imagens estimulantes... simplesmente não acho que possa comer qualquer coisa neste momento. Estou hiperalerta, e baixar minha guarda será um erro do qual talvez não consiga me recuperar.

Ele está tentando mexer com minha cabeça com isso, não está? *Está tentando baixar minha guarda*. Ele realmente acha que eu não perceberia que sou apenas uma presa que ele está tentando alimentar para abater depois? Um banquete como armadilha de caça?

Por que me subestima tanto? E que porra se passa em sua cabeça agora?

— Eu sei no que você está pensando — diz sobre o barulho de talheres e louças que se tocam enquanto se serve de porções dos pratos sobre a mesa.

— Uh? — replico quando sou retirado de meus pensamentos.

— Já falei, Benji — responde com os olhos centrados na comida.
— É inútil. — Me encara. — Foque nesse momento, em nós dois. — Sua voz ganha as familiares nuances autoritárias de um professor em

sala de aula, embora seus olhos sejam solícitos como os de aluno implorando por algo.

Woody se inclina em direção ao pudim estranho que repousa sobre um apoio de vidro.

— Aqui — corta um pedaço do doce branco e o deposita sobre meu prato. — Prova um pouco do flan que eu—

— Não estou com fome — rebato, uma ânsia queimando em minha garganta. — E, mesmo se estivesse... — o encaro com uma expressão ríspida — prefiro definhar até a morte.

Estreita os olhos em minha direção, analisando algo por um longo tempo. Me sinto encurralado outra vez, e apenas curvo a nuca para baixo. Quando se aproxima e prende novas algemas em meus pulsos, apenas as encaro; são mais frouxas que as últimas, ao menos, não deixarão tantas marcas.

Ele retorna ao seu lugar depois de um minuto inteiro em silêncio.

— ... *“é mais doce que o céu”*... — sussurra pausadamente. Ergo o olhar confuso. Ele encara o prato repleto de comida em sua frente com uma expressão distante e nostálgica. Quando percebe que estou olhando para ele, repete: — *“É mais doce que o céu”*. É o que você costumava dizer sempre que preparava flan pra mim e comíamos juntos sob a sombra de um grande carvalho, sentindo a brisa fresca da manhã. — Franço o cenho. De que merda ele está falando agora? — Era o momento mais seguro do dia para ficarmos juntos. Quando o sol se tornava forte demais, significava que a maior parte das pessoas na cidade já tinha acordado. — O som de uma risada abafada escapa de suas narinas. — Às vezes, ignorávamos isso e fugíamos para a floresta tarde no dia... quando a distância se tornava extenuante demais, quando meu corpo doía por estar afastado de você. — Nossos olhares se

encontram. Seu rosto perde a nostalgia, perde todo e qualquer brilho que tinha. Fica completamente sem expressão. — Coma o flan — diz sem afastar muito os lábios. Era como se não quisesse que eu o escutasse, como se quisesse me impelir a desobedecê-lo.

Mas, para o descontento dele, escuto muito bem.

Pego o garfo mais próximo e, mesmo com o desconforto de ter meus pulsos presos um ao outro, como um pedaço do maldito pudim.

— Tem gosto de lixo — digo depois de engolir.

— Eu sei. — Ele inclina o pescoço para o lado, seu olhar se desvia também. — Nunca fui um cozinheiro bom como você.

Expiro profundamente.

— Não consigo cozinhar merda nenhuma — rebato entredentes. Jogo o garfo na mesa, fazendo ecoar um estampido irritante de metal contra vidro. — Woody, E.V... — Mordo minha língua, então penso cuidadosamente nas palavras. Ele me observa com uma calma indecifrável. — Eu não sei que merda você tá fazendo. Não tenho ideia do que caralhos tudo isso significa e, honestamente, não quero saber — cuspo, todo o ódio que tenho guardado contra ele se derramando na mesa. — Apenas, por favor... — Fecho os punhos. — Vamos analisar a situação com cuidado aqui, tudo bem?

Decepção irradia por seu rosto por um momento. Ele encara seu prato de comida como se estivesse magoado com minha reação.

Reviro os olhos, sentindo minhas unhas prestes a romper a pele de minhas palmas pela força com que estou cerrando os punhos. Meus ombros se elevam em tensão, e continuo:

— O corpo de Scooper já foi encontrado. Há muito tempo. A Polícia Estadual e a Federal já devem ter sido acionadas. Junte a isso meu desaparecimento e a possibilidade do falso suicídio de Alexis já ter

sido descoberto... Uma busca incessante já deve ter sido empregada no bairro, na cidade, no país inteiro. — Pauso, esperando por sua reação. Ele deveria estar preocupado, irritado, frustrado, ansioso no mínimo. Mas tudo o que vejo é a folha em branco da expressão do homem que roubou a pouca felicidade que consegui cultivar nesses malditos dezesseis anos. — Não há saída pra você, especialmente se continuar perdendo tempo com cafés da manhã e seja lá o que mais você esteja fazendo. — Meu tom começa a se descontrolar, especialmente diante de sua falta de reação. — Sua única chance é fugir. — Passeio o olhar pela mesa de vidro sobre a qual o café descansa. — Mas, por algum motivo, você não quer me matar.

Ele finalmente reage de alguma forma, ergue os olhos bruscamente em direção aos meus, surpreso por minhas palavras.

— Então me desacorde e me abandone em um lugar qualquer. — Arregalo os olhos enquanto digo isso, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. E é. *É* a coisa mais óbvia do mundo. Por que ele não parece entender essa merda? — Por favor, só... faça alguma merda que faça sentido. — Fecho os olhos. Sinto a fúria e a frustração voltando a me dominar. Sinto um calor rubro subir de meu pescoço até meu rosto; meu coração acelera em antecipação às lágrimas indesejadas. — Não posso mais lidar com essa merda por muito tempo. — *Estúpido, estúpido, Tomas. Mantenha-se firme. Mantenha-se firme por apenas essa vez em sua vida.* — Eu só... só... — tento encobrir meu rosto choroso com os braços — quero voltar pra casa. Por favor... — sinto o gosto salgado das minhas próprias lágrimas enquanto tento falar. — Me deixe voltar pra casa...

Escondo meu rosto totalmente com as mãos, fugindo de seu olhar. Não sei que expressão ele tem agora. Não quero saber que

expressão tem agora. Quero apenas fechar os olhos e acordar na minha cama na casa dos Vilarreal, ou na minha cama no orfanato, ou mesmo na rua outra vez. Quero fechar os olhos e descobrir que morri, que estive sendo perturbado pelo Diabo esse tempo todo. Quero fechar os olhos e, quando abri-los... encontrar qualquer coisa que não seja Woody Duarte.

Mas quando o faço, quando afasto as mãos do rosto... ele está sentado ao meu lado.

— Ei, ei... — sussurra de forma preocupada enquanto apanha minhas mãos entre as suas. Meus lábios tremem em decepção por saber que isso tudo ainda é realidade. — Shhh... — ele diz, e afaga os nós de meus dedos. — Por isso eu disse pra você focar apenas em nós. — Sem soltar minhas mãos, se levanta da cadeira e se agacha ao meu lado, me olhando de baixo, uma posição vulnerável a mim ao menos neste momento. Engulo as últimas lágrimas e viro o rosto para o outro lado. — Não precisa chorar. Nunca mais precisará chorar. — Reviro os olhos. — Benji, olhe pra mim.

Não faço o que ele diz, então meu queixo é agarrado de forma agressiva e voltado em sua direção de qualquer forma.

— Você não precisa mais se preocupar com Eastview, com os Vilarreal, com nada, absolutamente nada que não seja eu, você e esta casa... pra sempre. — Seu tom é exasperado. Se já não tivesse passado por tanta merda na vida, poderia até me enganar e pensar que ele se importa mesmo comigo. — Não consegue me entender? Eu nunca — nega com a cabeça —, nunca vou deixá-lo escapar dos meus braços novamente. Não importa o quão difícil seja, quanto tempo leve, quanto sangue e suor tenhamos que derramar... — Ele se aproxima e beija minha testa. Contra minha pele, murmura: — Porque temos a eternidade pra isso.

Sinto como se estivesse prestes a vomitar minhas entranhas na mesa, mas ao menos meus objetivos foram atingidos: ele baixou sua guarda e se aproximou de mim o suficiente para que—

— Eu não queria ter que fazer isso... porque sei que você ainda não foi exposto a magia... e, sem o sacrifício, todos estivemos tendo dificuldades mesmo com o mais simples dos rituais...

— De que merda você está falando?

— ...mas não há outro jeito. — Ele finge que não me ouviu e segura meu rosto pelas laterais. Me encara profundamente. — Preciso que se lembre agora — diz com um brilho decidido no olhar, e me solta.

Woody apanha a faca de caça que usou para cravar um entalhe no meu pescoço. Me sobressalto, e quase pulo para trás. Ele me segura pela corrente das algemas, no entanto.

— Não precisa ficar com medo, não vou machucá-lo — assegura, e não me sinto seguro de jeito algum.

Minha vontade é de correr para longe dessa lâmina o mais rápido possível, mas uma certa curiosidade mórbida me faz ficar parado no lugar, especialmente quando ele estende o próprio antebraço no espaço vazio entre nossos corpos, e crava a ponta curva da faca em sua própria carne. Não satisfeito, ele desliza a lâmina por vários centímetros, abrindo um entalhe considerável em sua pele. O sangue surge do ferimento de maneira quase bela, uma pequena corrente vermelha cada vez mais grossa fluindo de dentro dele, manchando seu antebraço, pingando sobre sua bermuda e o chão.

A imagem me deixa em choque por alguns segundos. Todo e qualquer pensamento é extinto da minha mente. Me sinto mais frio e aterrorizado do que jamais estive.

— O que está fazendo, seu psicopata? — consigo perguntar, a voz entre um gemido e um sussurro.

Se ele tem coragem de fazer esse tipo de coisa consigo mesmo...

O pensamento me faz saltar definitivamente da cadeira. Ele me segura pelos antebraços com o membro ileso, entretanto.

— Continue sentado — ordena de forma tensa, e vejo que está tentando controlar os grunhidos de dor.

Fico tentado a desobedecer, a correr em direção à porta, mas a visão da lâmina afiada ensopada de sangue faz meu corpo voltar ao assento. Woody respira cuidadosamente, tem alguma habilidade em esconder a própria dor. Fito o ferimento aberto em seu antebraço novamente, e acompanho o sangue fluindo em direção à sua mão. Pela primeira vez, noto dezenas de outras cicatrizes em sua pele. Cicatrizes de cortes: algumas quase imperceptíveis, outras que aparentam ser bastante recentes. Estão espalhadas por seus dois braços.

Tudo o que consigo fazer é franzir o cenho. Estou entorpecido demais com essa merda toda para tomar qualquer atitude.

Woody parece se concentrar no ferimento pela primeira vez. Deixa a lâmina atrás de si e mancha dois dedos da mão não machucada no próprio sangue. Sinto uma vertigem intensa.

Ele usa os dedos sujos pelo líquido rubro pra desenhar um círculo na palma da mão do antebraço retalhado. Observo tudo atentamente.

Duarte fecha os olhos, e então murmura:

— *Non solliciti de periculo. Nam dolordevorabit iram meam. Ludamhancpericulosamludum. Tuncinvocabo nomen meumdaemonia.*

Não tenho ideia do que aquelas palavras significam, nem quero saber. Viro o pescoço em direção à porta de saída da casa. *Minha saída.*

Volto a encarar o psicopata. Ainda está de olhos fechados. É minha chance.

— *Veni ad me Rex Demon. Daemonesinferni. Nunc es in carmine meo* — ele continua murmurando e, quando me preparo para saltar da cadeira e correr até a porta, sinto sua palma manchada em sangue tocar minha testa. — Lembre-se.

E é como se eu deixasse de existir.



Parte II
Mais douce
que o céu

The image consists of three pieces of torn, lined paper arranged vertically. The top piece has the word "Parte" on the left and "II" on the right, with a small globe sketch on the left and a small sketch of a building on the right. The middle piece contains the words "Mais douce". The bottom piece contains the words "que o céu" and has a small sketch of a jar and a small sketch of a flower on the left.

"Você precisa
de um Deus
grande o suficiente
pra te preencher"

Big God
(FLORENCE + THE MACHINE)

QUATRO

Tommy

MERDA.

Parece que acabei de ser atropelado.

Sinto meus músculos doloridos contra uma superfície rija e seca antes de abrir os olhos. Sobre mim, as copas esverdeadas de algumas árvores — árvores que nunca vi antes — se estendem. O sol está fraco, e seus raios atravessam os espaços entre as copas, iluminando o que parece ser uma floresta em uma manhã morna.

— Que porra...

Minha cabeça também dói, e, quando tento pensar demais, fico zozzo e meus olhos se fecham. Meu corpo não parece ter qualquer disposição para levantar, e penso em continuar deitado no chão da floresta, não me forçar a fazer coisa alguma. Mas então me lembro de onde estava antes, do porão de E.V., de Woody retalhando o próprio antebraço com aquela faca de caça.

Eu morri?

Como eu poderia estar naquela sala de jantar e então no meio de uma floresta subitamente? Estou alucinando? Essa merda é real?

Apanho um pouco da terra e das folhas secas do chão. Parece real o suficiente. O que significa...

Significa que escapei de Woody de alguma forma.

Me ergo do chão abruptamente com esse pensamento. Talvez bloquear as lembranças de tudo o que aconteceu seja a forma do meu cérebro de me preservar. Me aproximo de uma árvore qualquer e uso seu tronco como apoio. Olho ao redor. Tento identificar onde estou, mas nada parece familiar. Posso ter corrido para fora da casa dele e acabado em uma floresta desconhecida.

Não importa. O que importa é que escapei daquele psicopata.

Um suspiro de alívio escapa de meus lábios e quase perco o equilíbrio. Me mantenho firme, no entanto. Preciso logo encontrar alguém familiar. Edgar. Laura. Matt. Qualquer um.

Começo a caminhar sem rumo pela floresta. Cada passo faz meu cérebro latejar. Me sinto fraco e enjoado, como se pudesse perder a consciência a qualquer instante. Diminuo a velocidade dos passos, mas mesmo assim me sinto mal.

Paro em um tronco largo e amarronzado. Apoio as costas na casca grossa e áspera. Só consigo pensar que esse mal-estar deve ser algum efeito secundário do trauma. Fecho os olhos e inspiro fundo uma, duas, três vezes.

Abro os olhos.

Duas pessoas estão em minha frente. Dois homens. Um loiro e um de fios escuros. Um bem mais alto do que o outro, ambos vestidos em roupas parecidas com aquelas que Woody me deu no porão, as mesmas que ainda estou usando.

Suas costas voltadas para mim não me permitem identificar seus rostos, mas noto que sussurram alegremente entre si. Um deles traz uma

cesta coberta por um tecido em uma das mãos. Parecem um casal, ou apenas amigos muito próximos. Minha cabeça dói pelo esforço de tentar pensar demais.

Os dois então continuam sua caminhada, tomam um caminho em que entro claramente em seu campo de visão. Ainda assim, não notam minha presença. Impossível.

Que se foda.

— *Ei, vocês dois!* — grito, ainda apoiado na árvore. Eles continuam caminhando para longe como se não tivessem me ouvido. — *Ei!* — grito mais alto, e minha garganta falha. — Não me ignorem, *por favor!* — Começo a segui-los, pois eles seguem fingindo que não me ouvem. Me aproximo o suficiente para puxar o ombro de um deles e fazê-lo me encarar. — Sabe onde...? — Meu sangue gela nas veias. — Porra...

É Woody.

CINCO

Tommy

1698

WOODY ESTÁ EM MINHA FRENTE. Seus fios amarelos e olhos verdes são difíceis de confundir, mas suas roupas são estranhas e seu olhar se deposita sobre mim de maneira bizarra. Ou melhor, não se deposita sobre mim, mas sobre o resto da floresta, como se pudesse enxergar *através* de mim.

Solto seu ombro e dou dois passos para trás, confuso e desnortado. Acabo tropeçando em um galho apodrecido e caio no chão. Minha respiração se acelera, meu coração palpita.

Que merda está acontecendo?

— Woodrow? — o homem ao seu lado chama. Ergue as sobancelhas e se vira na direção que Duarte encara. — O que foi?

Consigo ver seu rosto pela primeira vez, e minha cabeça gira. Pisco repetidas vezes para garantir que estou vendo a coisa certa. Sentado no chão da floresta, cubro meu rosto com as mãos e me curvo à

frente. Espero alguns segundos. Quando afastos minhas mãos, eles ainda estão ali, não são uma alucinação.

O segundo homem, mais baixo que Woody... sou eu. Tem uma mandíbula mais afiada, olhos maiores e mais claros, uma voz mais grossa, rouca, talvez seja mais velho, mas mesmo assim... é idêntico a mim.

Um calafrio atravessa minha espinha. *Poderia ser... Esse poderia ser...?*

— Nada, Benji. Eu só pensei que... — Woody não conclui. Seu cenho se franze. Olha profundamente para a árvore em que me apoiei logo antes.

Meus lábios se entreabrem, é como se eu tivesse acabado de levar um murro. Sinto vontade de me deitar no chão e ser atropelado por alguma coisa, qualquer coisa.

Estou alucinando? Isso é o inferno? Acabei caindo e batendo a cabeça em algum lugar? *Estou enlouquecendo?*

— Você viu alguém nos seguindo? — A voz do homem de fios escuros, Benjamin, soa mais preocupada. Também fita profundamente a árvore.

— Não, não... — Woody se apressa a responder. Nega com a cabeça depois de mais alguns segundos de investigação. — Vem — toca no ombro do homem mais baixo, incitando-o a continuar andando —, vamos continuar antes que fique muito tarde.

Benjamin concorda com a cabeça e se deixa ser levado.

Encaro tudo de baixo, do chão, como um inseto. De fato me sinto um inseto; invisível como um ao menos. De alguma forma, os dois não parecem ter me visto. Talvez eu esteja drogado, talvez tudo isso esteja

acontecendo dentro da minha cabeça: é a explicação mais lógica nesse momento.

Minhas têmporas latejam.

Levanto do chão. Olho para trás, pensando no que encontrarei se seguir a direção oposta à que estão tomando. De qualquer forma, me sinto impelido a seguir os dois homens. Curiosidade mórbida e terror se misturam dentro de mim. A desorientação faz meus pés se moverem por contra própria.

Quando dou por mim, já alcancei Woody e Benjamin outra vez, e estou observando cuidadosamente a interação entre os dois. Me agacho e me apoio em uma árvore fina ao lado.

Agora, os dois estão sentados no chão, no espaço entre duas raízes aparentes de um carvalho, apoiados no tronco da árvore larga e alta. Benjamin usa o torso de Woody como apoio, seu corpo perfeitamente encaixado entre as pernas do maior. A cesta está ao lado. Ele se inclina sobre ela e pega um prato branco. No prato, está um pedaço do pudim que Woody me forçou a comer no café-da-manhã. *Flan*, seja lá que merda isso signifique.

Benjamin usa uma colher para oferecer um pedaço do doce a Woody. Pela posição em que estão, ele precisa se inclinar levemente para o lado para fazê-lo. Woody abre a boca, e aceita a pequena porção de flan. Seus olhos permanecem fixos em Benjamin, e então se fecham. Um pequeno gemido de prazer sai de sua garganta.

Um sorriso cheio de dentes se abre no rosto de Benjamin.

— É mais doce que o céu, não é?

“É mais doce que o céu”, você costumava dizer sempre que preparava flan pra mim e comíamos juntos sob a sombra de um grande

carvalho, sentindo a brisa fresca da manhã. As palavras que Woody disse durante o café me atingem como um tiro.

Entreabro os lábios e, mesmo que não entenda porra nenhuma do que está acontecendo, sinto que estou a um passo mais próximo de entender.

Woody abre os olhos.

— É definitivamente doce — diz, e beija os lábios do mais baixo. — Não como você, no entanto. — Aproxima o nariz de seu pescoço, como se quisesse sentir seu cheiro.

— Não fala desse jeito... — Benjamin replica entre uma risadinha e outra.

Woody envolve o corpo do garoto de fios escuros com os braços, apertando-o contra si de maneira quase possessiva.

— Por quê? — ele sussurra.

— É vergonhoso.

— *Vergonhoso?* — rebate com um sorriso cínico. — Todo o resto que fazemos é aceitável, mas, na hora de falar sobre isso, é *vergonhoso?*

Benjamin revira os olhos, desvencilhando-se dos braços de Woody. Ele oferece o prato com o doce ao maior.

— Coma seu flan, Woodrow.

Duarte o apanha com sarcasmo estampado no olhar.

— Sim, *mamãe*.

Essa interação toda me deixa desconfortável. Não bastasse a dor e o desconforto em todo o meu corpo, tenho a impressão absurda de que estou... invadindo a privacidade dos dois neste momento. Além do mais, sinto que deveria estar correndo para o mais longe possível de Woody, não parado aqui, sem fazer absolutamente nada. E, mesmo que essa noção me deixe frustrado... não consigo mover meus pés. *Merda.*

— Eu gostaria de poder ler mentes — Woody comenta casualmente quando termina com o doce no prato.

— Por quê? — Benjamin tem o olhar perdido na floresta que os cerca.

— Para saber o que se passa na sua cabeça sempre que você se desliga da realidade assim.

Benjamin fecha os olhos, os braços cruzados apoiados no joelho curvado, um sorriso tímido adornando seu rosto.

— Não é nada demais.

— Então compartilhe comigo — Woody deixa o prato ao lado e puxa Benjamin para seu peito delicadamente —, se não é nada demais.

— Às vezes... — O garoto se acomoda no peitoral do maior. Seus dedos traçam uma linha entre o pescoço de Woody e suas costelas repetidamente. — Às vezes eu me sinto muito sozinho. — Duarte aproxima o nariz do topo da cabeça cheia de fios escuros do menor. — Não quando estou com você, claro — Benjamin se apressa a completar. — Mas em todos os outros momentos. — Engole em seco, e pausa por um longo instante. Seus olhos ganham um brilho reflexivo. — Talvez, se eu tivesse nascido aqui, fosse diferente. Talvez eu não me sentisse tão... deslocado. — Woody também parece reflexivo. — É como se todo mundo tivesse esse laço inquebrável entre si, formado antes de eu chegar aqui. E agora é tarde demais.

— Isso é besteira — o maior rebate rapidamente. — Muita gente daqui gosta de você.

— Eles apenas fingem — Benjamin diz em um tom de desgosto, magoado, e se desvencilha de Woody outra vez. — Você pode ver isso em seus olhos: um cintilar de indiferença quase imperceptível, mas que está lá sempre que se forçam a sorrir, se forçam a falar comigo. —

Morde o lábio inferior, cabisbaixo. — É como se eu... não pertencesse aqui.

Woody inspira fundo, apanha uma das mãos relaxadas de Benjamin e a leva aos lábios. Acaricia os nós de seus dedos delicadamente, e, em seguida, entrelaça seus dedos nos dele.

— Você não vai precisar se sentir assim por muito tempo — afirma em um tom mais sóbrio, profundo. É o mesmo tom que costumava me deixar fraco em sala de aula. — Esse é o último dia. — Fita os olhos do garoto. — Depois de hoje, você estará em um mundo totalmente novo. Você e eu poderemos fazer nossas próprias regras, nossa própria realidade. Não haverá mais desconforto, pertencer ou não pertencer. Haverá apenas eu e você. Pra sempre.

Com a mão livre, Benjamin acaricia o rosto de Woody.

— Você não tem medo disso?

— Uh-uh — responde, e beija a mão em seu rosto.

— Nem um pouco? — Benjamin insiste em um tom mais baixo, manhoso.

— Nem um pouco. Quanto mais longe daqui estivermos, melhor.

Benjamin retrai suas duas mãos, o que deixa Woody irritado por um mero segundo. A irritação se dissipa quando o mais baixo fala:

— Por causa dos Julgamentos?

Duarte entreabre os lábios, mas não responde imediatamente. Desvia o olhar para as copas das árvores que os cercam, o semblante subitamente distante.

— Por causa de tudo. — Sua voz soa mais baixa. Quando seu olhar retorna a Benjamin, no entanto, parece mais seguro. — E você também não precisa ter medo. — E dá no garoto o abraço mais gentil e

solícito que já vi na vida. — Vou protegê-lo — afirma contra o tecido áspero da camiseta clara que Benjamin usa.

— Hmm... — O garoto envolve o pescoço de Woody. — Promete?

— Prometo. — Beija a lateral de sua face várias vezes. — Sou um homem de palavra.

Outra risada escapa dos lábios de Benjamin, abafada pela camisa bege do maior. Ele fica em silêncio por um tempo, talvez aproveitando o abraço, talvez ainda refletindo sobre suas preocupações.

— Você me ama? — sussurra para Woody enquanto separa seus corpos.

— Sim — responde convicto.

Benjamin mantém o olhar de Woody preso enquanto se afasta apenas o suficiente para remover sua camiseta confortavelmente. Ele segura o tecido pela barra e o eleva, retirando-o pela cabeça. Noto que o corpo dele também é muito diferente do meu: seus músculos são bem mais definidos. Seu abdome é mais pálido que os braços, o pescoço e o rosto, o corpo de quem faz trabalhos braçais sob o sol.

— Então me mostra o quanto você me ama — sussurra. Inclina o pescoço na direção de Woody e joga a camisa para o lado.

Woody abre um sorriso de canto que nunca vi antes em seus lábios.

— Para onde foi toda aquela vergonha? — murmura antes de retirar a própria camisa em um movimento rápido e exasperado.

Benjamin analisa cuidadosamente o torso nu de Woody com os olhos, então tateia cada um dos músculos com as pontas dos dedos. Quanto mais as mãos dele descem no caminho entre peito a cintura do

outro, mais os corpos dos dois se aproximam. Quando o toca sobre o tecido da calça, seus peitos já estão quase colados um ao outro.

Woody então encerra a distância entre seus lábios e funde de uma vez suas peles, trazendo Benjamin para seu colo. O garoto envolve a cintura do maior com as pernas, e Woody os deita cuidadosamente no espaço entre as raízes, as costas de Benjamin se sujando na terra seca. Eles se concentram apenas um no outro, como se o mundo exterior não existisse neste instante.

É perturbador ver alguém tão parecido comigo fazer sexo com meu professor de biologia.

Minha cabeça dói novamente.

Me levanto de onde estive agachado esse tempo todo. Meus olhos se fecham em resposta à dor nas têmporas. Quando volto a abri-los totalmente, a cena se transforma.

— Woodrow! — Benjamin grita quando Woody é tirado violentamente de cima de si e atirado no chão ao lado do carvalho.

Um grupo de quatro homens se aproximou e os rendeu antes que qualquer um de nós três percebesse. Por suas roupas parecidas, os quepes em suas cabeças e seus olhares frios, presumo que são algum tipo de polícia ou guarda antiga. Carregam baionetas consigo, o que também aponta para isso.

Mas por que um grupo de policiais estaria atrás dos dois?

Por causa dos Julgamentos?, a pergunta de Benjamin ecoa em minha mente enquanto observo a cena.

O maior dos homens mantém Woody imobilizado contra o chão, seu rosto e seu torso desnudo se sujando com a terra e as folhas secas. Outros dois agarram Benjamin pelos braços, mantendo-o preso em uma posição dolorosa.

— Não! — Mesmo recebendo a maior parte da agressão, Benjamin grita em direção ao homem que prende Woody. — Deixe-o em paz!

O quarto homem, mais alto do que os outros, se aproxima de Benjamin pela frente e chuta seu rosto.

— Cale a boca, seu sodomita imundo.

O golpe na mandíbula faz a nuca do garoto se contorcer para trás e para frente enquanto sangue espirra de sua boca. Ele realmente se cala, seus olhos fixos no chão como se temesse um novo golpe.

— Estamos aqui por você — o policial agressor continua. Ele se agacha em frente a Benjamin, agarra seus fios e os puxa para trás, fazendo seu rosto ensanguentado encará-lo nos olhos. — Achou mesmo que seus crimes contra a população de Salém ficariam impunes para sempre?

O garoto não responde. Lágrimas se formam em seus olhos, mas ele as controla bem. O policial solta seus fios quando se irrita com o silêncio. De pé, retira um papel amassado do bolso e, com um desdém enfurecedor, lê as poucas palavras escritas nele.

— Estamos aqui para formalmente prendê-lo e levá-lo para julgamento sob os olhos de Deus e dos homens nos tribunais de *Oyer, Terminer e Tribunal Superior de Justiça*, por seus crimes de *bruxaria* e por trazer a doença da sodomia à nossa comunidade.

Além do sangue, dos cabelos bagunçados e da sujeira, consigo ver o rosto de Benjamin empalidecer ainda mais; horror toma seus olhos ao ouvir as palavras de seu captor.

— O quê? — ele balbucia, mas o policial não parece disposto a respondê-lo.

— De que porra você está falando? — Woody grunhe enquanto se debate, tentando se libertar dos braços do homem que o mantém preso no chão. — Quem fez essas acusações? — Ergue o rosto até fitar o policial que leu a ordem de prisão de Benjamin.

— A acusação foi anônima. — Dá de ombros. — Mas ofereceu evidências suficientes para que o decreto de prisão fosse emitido imediatamente. — Ele fita Benjamin com uma expressão de nojo. — Uma praga a menos infestando nossa sociedade.

— Que porra vocês têm no lugar de miolos? — Woody vocifera. — *Eu* sou o maldito bruxo que estão procurando. *Eu* trouxe doença e infortúnio a cada um de vocês desgraçados.

A perversidade em seu olhar o aproxima do psicopata sanguinário que eu conheço.

O agressor de Benjamin olha para os outros policiais ao seu redor e, quando retorna a Woody, tem um sorriso de deboche nos lábios rachados.

— Então você confessa praticar a arte da bruxaria? — Agacha-se próximo de onde o rosto de Woody está preso no chão.

O loiro ergue a nuca em sua direção e diz em um tom mais controlado:

— Deixem-no ir, e confessarei tudo o que quiserem.

— Woodrow, não! *Não faça isso!* — Benjamin se debate contra os dois homens que o mantém preso, tenta se aproximar de Woody.

— Calem-no — o homem agachado próximo de Woody ordena.

Estou tão próximo que consigo sentir em meu próprio rosto os golpes que Benjamin recebe em seguida. Eles o esmurram até próximo da inconsciência. Woody grita, esbraveja, implora, mas não há o que possa fazer.

Quando terminam... o garoto está quase irreconhecível.

O policial então encosta a ponta da lâmina de sua baioneta na nuca do loiro.

— Infelizmente, Woodrow... — diz sem emoção — temos que levar seu amigo aqui para a execução que deverá acontecer... — fita o céu claro entre as copas das árvores — ainda hoje, se tudo correr rápido. — Aproxima-se de seu ouvido, e sussurra: — Você sabe o quão faminto o povo está por sangue amaldiçoado. — O sorriso de deboche volta a se desenhar em seus lábios finos. — Mas nós voltaremos por você. E, quando o fizermos, me lembrarei das palavras que disse hoje.

Woody não responde. Ergue a nuca uma última vez, mesmo com a baioneta em sua nuca, para encarar o rosto deformado de Benjamin. Posso sentir seu coração partido, destruído, estilhaçado.

O policial se levanta e guarda a baioneta. Um corte pequeno se abre na nuca de Woody. Ele se volta ao homem que o manteve preso no chão até agora.

— Espanquem-no até desmaiar — ordena de forma trivial. Um concordar de cabeça de seus subalternos é feito antes de sangue começar a jorrar do rosto de Woody. O policial se volta a Benjamin, inerte entre os dois braços que o mantêm preso. — E você... — Apanha seu queixo e fita seus olhos uma última vez. — Você tem uma força para encontrar hoje. — Dá dois tapinhas no rosto machucado do garoto antes de caminhar para longe.

Os dois policiais arrastam Benjamin logo atrás, levando-o para mais e mais longe de Woody.

— Não... Não, não... — Duarte balbucia entre um murro e outro. — Não, não... — Ele engasga no próprio sangue. — Não... — ele tenta

se arrastar para longe. — Não... — Ele tenta lutar de volta. — Não... — Mas é tudo em vão.

O policial termina o espancamento apenas depois de se certificar que Woody está inconsciente. Larga o corpo desacordado de meu professor no chão da floresta como se fosse a carcaça de um animal que já serviu a seu propósito, e caminha na mesma direção de seus três colegas.

Sinto um gosto amargo e pegajoso em minha garganta. Não sei o que fazer, não sei o que preciso ver agora. Então me aproximo calmamente de Woody.

Respira com dificuldade, e seu sangue foi suficiente para pintar as raízes do carvalho de um vermelho escuro. Me agacho ao lado de seu rosto, e inclino meu pescoço para o lado, dando uma boa olhada nos ferimentos em seu rosto. Talvez seja minha única oportunidade de vê-lo tão fodido assim.

Cerro meus punhos. Me pergunto se teria em mim a coragem de deixá-lo assim mais uma vez.

Sim. Sim. Sim. Sim.

Minha mandíbula se retesa e, quando penso em socá-lo, a mesma escuridão de antes volta a me cercar.



ASSIM COMO DA PRIMEIRA VEZ, cada fibra em meu corpo parece se contorcer de dor quando a escuridão se dissolve, e me vejo em um

cenário completamente diferente da floresta.

Inspiro profundamente. Olho para o céu. É crepúsculo, a noite chegará muito em breve. Expiro rapidamente. Olho ao redor. Estou em uma clareira vazia. Há pegadas de diversos tamanhos ao meu redor: pessoas estiveram aqui recentemente.

Entreabro os lábios. Olho para frente. Há apenas um carvalho na clareira. Em um de seus galhos longos e grossos, uma corda está pendurada. Ou melhor, metade de uma corda. Estou longe, mas consigo ver um homem ajoelhado no chão com uma pessoa deitada em seu colo.

Suspiro.

Não preciso me aproximar para saber de quem se trata. Não depois de tudo o que vi.

Me aproximo cautelosamente, em dúvida se ele ainda não é capaz de me notar. Como antes, meus passos não parecem chamar sua atenção. Já me sinto confortável com isso por mais estranho que pareça. *Merda.*

Fico em pé à sua frente e observo o corpo sem vida de Benjamin em seu colo. O rosto machucado. Os ossos quebrados em seu nariz. Os inúmeros cortes na testa e na bochecha. A visão faz meu estômago embrulhar. É como ver meu próprio cadáver.

Me assusto e dou um passo para trás quando Woody retira uma faca de caça da parte de trás da sua calça — de forma semelhante à que fez no porão — e a crava em seu antebraço — como fez na sala de jantar.

Meu cenho se franze. Que merda ele está fazendo agora?

— ...*Attenrobendumeos, ad consiendrum, ad ligandumeos...* — ele sussurra baixinho —, *pariter et solvendum* — preciso me inclinar sobre ele para escutar corretamente —, *et ad congregantumeos coram me...* — Seja lá que merda esteja dizendo, tenho a impressão de que não

quero entender. — *Attenrobendumeos, ad consiendrum, ad ligandumeos, pariter et solvendum, et ad congregantumeos coram me. Attenrobendumeos, ad consiendrum, ad ligandumeos, pariter et solvendum, et ad congregantumeos coram me.* — Lágrimas densas e amargas se derramam sobre as roupas secas do garoto deitado à sua frente, misturando-se ao sangue e à terra. — *Attenrobendumeos, ad consiendrum, ad ligandumeos, pariter et solvendum, et ad congregantumeos coram me!* — Woody repete uma última vez, gritando as últimas palavras.

Engulo em seco. Um silêncio fantasmagórico preenche a clareira até uma figura estranha e cercada por sombras aparecer do próprio ar à minha direita.

— Faz tanto tempo desde que estive aqui pela última vez... sobre a terra. — Seu timbre é profundo e nada humano. É a voz de uma serpente, a voz que um monstro noturno teria. A voz faz meu peito afundar, e solto o ar que nem sabia que estava guardando até então. — Um milênio, para ser mais exato. — A cada palavra, o chão treme. Não existe mais brisa, então o tremor é tudo o que faz as folhas do carvalho à esquerda farfalharem. — Mas parece que foi ontem. — Sua atenção se deposita sobre Woody. As sombras ao seu redor se esvaem. — O que você quer de mim, *doce, doce criança?*



Tommy

NA TERCEIRA VEZ EM QUE A ESCURIDÃO ME CERCA e se dissolve em seguida, já não sinto tanto desconforto. É como entrar e sair de um veículo em movimento.

Ainda assim, a conversa macabra entre Woody e o homem vestido de preto assombra minha mente. Isso deveria confirmar que estou alucinando, certo? Então por que... Por que sinto o exato oposto?

Abro os olhos.

Já é noite. Estou em um ambiente fechado desta vez, o interior de uma casa antiga. A escuridão da noite é cortada pela luz de algumas velas. Sombras se projetam pelas paredes de forma distorcida. Há um farfalhar distante de folhas sendo carregadas pela brisa noturna. Consigo ver a lua cheia por uma janela aberta na parede em minha frente.

Ouçó o murmúrio de pessoas atrás de mim, e me viro lentamente para ver de quem se trata e, assim como quando vi Woody, assim como quando vi Benjamin... meu coração para por um segundo. Me sinto enjoado. Minhas pupilas se dilatam em descrença pelo que está em minha frente.

— Edgar? Laura? — balbucio.

Meus pais adotivos estão neste lugar, assim como Wolmer, assim como uma dezena de outras figuras que conheci casualmente em Eastview. Os pais de Fabian, Scooper, Samara, Sr. Fleet. Todos eles. Todos ali, idênticos a como os conheço, exceto pelas roupas antiquadas.

Fico desnorreado. Pisco várias vezes. Aperto bem os olhos. Mas quando os abro, eles continuam ali, com expressões de preocupação e ansiedade, seus olhos cruzando direto com os meus e sem sequer me notar.

Engulo em seco.

— Conseguem me ouvir? — Me aproximo de Edgar e Laura. Ele sussurra algo no ouvido dela, e Laura aperta os lábios. Balanço os ombros de meu pai adotivo, mas sua expressão permanece inalterada. — Por favor, por favor, digam alguma coisa! — grito contra seus rostos e, como tudo até aqui, é completamente inútil. Cerro os dentes. Mordo a minha língua. Encaro o chão, inspirando fundo. — *Merda...*

A porta da casa então se abre com um golpe violento. A madeira encontra a parede adjacente com tanta força que acaba se despedaçando. Me sobressalto com o susto, e pareço ser o único no cômodo a fazê-lo. Todos os outros já esperavam por ele.

— Woodrow... — Laura murmura quando o loiro atravessa a porta.

A respiração dele é ofegante, seu olhar descontrolado. Está vestido com as mesmas roupas de antes, mas agora estão encardidas de terra e sangue. Seu rosto também está sujo. Ele parece ter acabado de... enterrar alguém.

Woody finge não ouvir a voz de Laura e apanha o primeiro móvel que vê pela frente — uma pequena mesa que serve de apoio para

algumas velas —, e o atira contra uma das paredes. Os fragmentos de madeira voam pelo cômodo apertado e acertam algumas pessoas.

— *Woodrow!* — Laura se aproxima um pouco mais, tentando tocar seus ombros, mas ele desvia, partindo para o próximo móvel infeliz. Uma cadeira, que logo se desfaz em pedaços bem como a mesa. — Quebrar coisas não irá trazê-lo de volta — minha mãe adotiva insiste, o tom sereno.

Os dedos dela se aproximam das costas de Woody outra vez e, novamente, ele se afasta. Apoia a testa contra uma das paredes do cômodo. Fica parado por alguns segundos, até que começa socar a superfície rija repetidas vezes. Depois de alguns murros, os nós de seus dedos estão em carne viva.

Laura se afasta, talvez assustada com tamanha violência.

— Woodrow, por favor... — A voz rouca de Wolmer se ergue no cômodo. — Se acalme.

E Woody finalmente volta sua atenção para algo além de sua ira.

— Eu não posso, não... — Suspira entre um golpe e outro. Quando rachaduras começam a se formar na parede, ele para. — Não consigo. — Inspira e expira profundamente como se tivesse perdido todo o controle. Se recosta contra a parede e desliza até parar de joelhos no chão, de costas para todos os presentes na sala. — Meu peito parece prestes a explodir de tanta cólera. — Fita o restante do cômodo sobre os ombros. — Como eu poderia me acalmar? — Seus lábios tremem.

Edgar se afasta do pequeno grupo e se aproxima do homem de joelhos.

Os vincos em minha testa se tornam mais e mais profundos conforme esta merda progride.

— Sabemos que está sofrendo... — Edgar afirma calmamente —, que vocês dois eram amigos bastante próximos... — uma pequena risada escapa de meus lábios —, mas você não pode deixar essa perda enevoar seus pensamentos. — Woody fita seus olhos atentamente. Edgar toca seus ombros e o ajuda a se erguer do chão. — Se ele fosse parte de nossa comunidade — sussurra mais próximo de seu rosto, arrumando, ou tentando arrumar, a camisa bagunçada e castigada que cobre seu torso —, provavelmente estaríamos todos mortos neste momento.

Woody estreita os olhos.

— O que está dizendo?

Edgar ergue as sobrancelhas.

— Estou dizendo que precisamos escapar daqui antes que algum de nós seja capturado dessa mesma forma.

Woody contrai os lábios e afasta a mão de Edgar que toca sua camisa com um tapa.

— Qualquer um de nós mereceria mais a morte do que ele. Ele era inocente — rosna entredentes, sua expressão adquirindo nuances de fúria novamente. — Seu único crime — desvia o olhar para o lado — foi ficar próximo de mim. — Caminha até a única janela do cômodo e observa o cenário noturno lá fora. — Somos todos seres sujos, imundos — afirma depois de algum tempo em silêncio. — Nosso lugar no Inferno está garantido desde o segundo em que nascemos. Mas não Benji. Benji não merecia isso... — Sua voz soa amargurada e quase, quase sinto remorso pelo que aconteceu. *Quase*. — Talvez mereçamos todos ser enforcados.

— Pare de falar coisas sem sentido — Laura intervém, o tom menos gentil desta vez, mais impaciente. — Se recomponha, Woodrow. Não há mais tempo a perder.

— Para vocês, talvez — ele continua falando sobre os ombros, sem fitar as outras pessoas. — Eu acabei de perder todo o tempo que ainda tinha.

— Me escute bem... — Edgar volta a se aproximar de Woody e o vira pelos ombros, fazendo-o encará-lo. — Se houvesse alguma coisa, qualquer coisa, que pudéssemos fazer pra remediar essa situação... nós faríamos, mas não há. Então engula isso e siga em frente, para o bem dessa comunidade, para o bem de nossa fuga.

O rosto de Woody fica tão tenso que tenho a impressão de que ele irá socar Edgar neste momento, mas tudo o que faz é retirar a mão dele de seu ombro calmamente e erguer o queixo.

— Está errado, irmão — rebate em uma voz sombria. — Ainda há *uma* coisa a ser feita, mesmo que eu tenha enterrado o corpo de Benji com minhas próprias mãos. — Fita os nós machucados dos próprios dedos, e então a enorme cicatriz recém-feita no antebraço. — Uma coisa proposta a mim pelas trevas, *pelo próprio Diabo*.

Um arfar escapa dos lábios de Edgar, e ouço sussurros se erguerem atrás de mim.

— Está mentindo — Edgar afirma sem muita confiança em um tom simultaneamente cínico e assustado.

Woody se aproxima dele, as íris esverdeadas em chamas.

— Por acaso *pareço* estar mentindo neste momento?

Edgar não responde. Em vez disso, dá um passo para trás.

— Nem mesmo *você* teria coragem de fazer isso. — Quem responde é Wolmer, que também se aproxima da janela.

— Você não tem ideia do que sou capaz de fazer.

E, outra vez, vejo em seus olhos uma parte do assassino que eu conheço, do assassino que ainda preciso destruir.

— Caso se recusem a me ajudar — ele se aproxima das outras pessoas na sala, a expressão severa, a voz perversa —, vou entregar todos ao Tribunal de Oyer. — Um sorriso de satisfação se abre em seus lábios quando vê o medo estampado nos rostos à sua frente. — E me certificarei de que ninguém consiga escapar de Salém esta noite — diz a Wolmer e Edgar às suas costas.

— Você estaria entregando sua própria cabeça em uma bandeja para aqueles miseráveis — Wolmer rebate.

— Acha que tenho alguma vontade de viver sem Benjamin?

Apesar de não ser uma retórica, ninguém responde à pergunta. O cômodo é preenchido por uma atmosfera vertiginosa de anseio e temor. Anseio, temor e mágoa.

Esfrego meu braço esquerdo com a mão direita, e fico cabisbaixo. Se todas as pessoas em Eastview eram realmente monstros...

Então Woody era o maior monstro de todos.

— O que temos que fazer? — Laura pergunta quando a tensão na sala se torna insuportável. — Você fez um acordo para trazê-lo de volta, não fez? — Edgar se aproxima dela e segura sua mão. — O que precisamos fazer?

Também fico apreensivo pela resposta de Woody, mas, quando vejo seus lábios se entreabrirem, minha cabeça lateja, e as sombras me envolvem novamente.



SETE

Tommy
Presente

CADA PARTE DO MEU CORPO SE DEBATE enquanto a escuridão se dissipa pela quarta vez. Agora, porém, estou de volta à sala de jantar, de volta à casa de Woody.

Seus braços me envolvem fortemente, meu rosto pressionado contra seu peito. Abro os olhos bruscamente, inspirando como se tivesse acabado de escapar de um afogamento. Minha audição é preenchida por um zumbido agudo e irritante.

Após alguns segundos, o zumbido começa a se dissipar, e posso ouvir os murmúrios de Duarte acima da minha cabeça.

— Tá tudo bem, tá tudo bem — ele diz. Uma de suas mãos acaricia a parte de trás da minha cabeça. — Você tá aqui comigo agora. — Me afasta de seu corpo, segurando meu rosto pelas laterais. Meus músculos continuam anestesiados por seja lá o que tenha acabado de acontecer, então permaneço em silêncio. — Benji, consegue me ouvir?

Tudo o que faço é encarar seu rosto com o que assumo ser uma expressão atônita, já que me sinto assim por dentro: atônito e estranhamente vazio, como se tivesse acabado de perder algo naquela estranha alucinação.

Foi uma alucinação, não foi?

— Está tudo bem — ele continua, seu rosto preocupado, sua expressão tensa. Seus polegares descem até minha mandíbula. — Inspire fundo. — Faz o que diz, me incitando a imitá-lo. — Isso. Agora expire — e expira profundamente. Meu corpo faz o mesmo, mecanicamente. — Inspire. Expire. Continue fazendo isso.

Sigo sua deixa, ao menos até me sentir recuperado o suficiente para controlar meus próprios músculos. A sensação de anestesia se desfaz lentamente. Ele não me larga, no entanto.

— Você está seguro. Foi tudo uma visão, está me ouvindo?

Seus dedos se emaranham nos fios da lateral da minha cabeça. Sinto a ponta de suas unhas massageando meu couro cabeludo.

Concordo com o queixo.

— Ótimo — ele diz..

Continua passeando com os dedos pelos meus fios por alguns momentos. Sua expressão passa de preocupada a contemplativa, esperançosa. Quando seus lábios finos se entreabrem outra vez, sua voz parece absorta, reflexiva:

— Agora você se lembra de tudo. Agora você entende. — Beija minha testa. — Sinto muito, Benji. Sinto muito por ter deixado aquilo acontecer, por ter deixado eles te levarem de mim. — Aperta meu rosto contra a parede de músculos em seu peito outra vez. — Isso nunca mais vai se repetir. Nunca mais vão te tirar de mim. — Encaro o espaço vazio da casa às suas costas. As janelas obstruídas, a porta do porão logo à

direita. — Vamos ficar juntos — beija o topo da minha cabeça —, pra sempre. — Seu aperto se torna mais intenso. O ar entra e sai dos meus pulmões com mais dificuldade. — Tudo valeu a pena. Valeu a pena esperar você por 310 anos. — E se afasta apenas o suficiente para encarar meus olhos, o brilho esverdeado cor de vômito de suas íris fazendo meu estômago se revirar. — Eu esperaria por mais 310 se fosse necessário. — E praticamente golpeia meus lábios contra os seus em um beijo duro, desconfortável e nojento. Minhas entranhas se contorcem, me sinto a um passo de vomitar. — Eu te amo tanto — sussurra contra meus lábios, um sussurro gélido e incômodo.

Não permito que ele fite meu rosto quando me afasto, e ergo os pulsos presos pelas algemas, passando-os por cima de sua cabeça e apoiando-os perto de sua nuca. Meus antebraços descansam sobre seus ombros, trazendo-o para mais perto, tão perto que consigo sentir claramente sua respiração morna e gutural contra minha pele.

É uma visão romântica se você ignorar as algemas.

— Sim... — murmuro enquanto tomo a iniciativa para encerrar a distância entre nossos lábios desta vez. — Sim... Eu me lembro de tudo.

Ele volta a me apertar, seus lábios ansiosos quase me fazendo perder a concentração.

— Sinto muito, meu amor — murmura entre um beijo e outro.

Mas não perco a concentração.

Minha mente continua bem atenta a tudo o que vi e ouvi naquela visão. Se for real, significa que todo mundo que conheci naquele bairro é um monstro. Significa que estive convivendo entre demônios durante esse tempo todo. Significa que 31 garotos foram brutalmente assassinados, sacrificados... por mim.

Não. Não por mim. Por Benjamin.

Se não for real... então significa apenas que estou nas garras de um psicopata que está tentando me quebrar e me moldar ao personagem de uma fantasia perversa.

Seja qual for a verdade, vou incendiar esse demônio de dentro pra fora.

— E, Woody... — Afasto nossos lábios e curvo a nuca para baixo, ainda impedindo que ele encare meu rosto diretamente. — Meu nome é Tomas, não Benjamin. Já te disse isso.

Cerro os punhos e, em um piscar de olhos, rápido demais para que ele possa fazer qualquer coisa, uso meus braços para empurrar sua cabeça em direção à mesa. O vidro se parte com a velocidade e a força do impacto, e caímos juntos sobre os estilhaços. Os pratos sobre a mesa nos acompanham, as comidas e os líquidos se derramam e se misturam. O flan que fui obrigado a provar se desfaz, pedaços brancos machados pelo sangue dos ferimentos de Woody.

Ele fica desorientado pelo golpe na cabeça, e aproveito pra me levantar e me posicionar às suas costas. Puxo o pescoço de Woody para trás com a corrente das algemas, usando toda a maldita força que me resta para estrangular o filho da puta.

— Benji.

Posso sentir sua traqueia tremer, sua cabeça rapidamente se tornando fria pela falta de oxigênio.

— Benji.

Ele joga os braços para trás para tentar me alcançar, mas pela posição em que estamos, consigo desviar. Ele morde uma de minhas mãos até romper a carne, mas isso não é nada perto da dor que o metal das algemas está provocando em meus pulsos. Apenas ignoro, e aperto sua garganta com mais força.

— ...*não*...

Um grunhido de esforço escapa de minha garganta.

Um gemido rouco escapa da dele.

— O que você acha disso, *uh?* — grito contra seu ouvido, uma ira descontrolada faz todos os meus músculos queimarem. — Essa é a história de amor que você queria? — Ele tenta, mas não consegue falar. Sua mão esquerda alcança a corrente prestes a romper sua traqueia, e tenta puxá-la para longe. É inútil. — Fale comigo, E.V. — repito suas palavras em um tom cínico —, não consigo saber o que você pensa se você não falar comigo.

— Benji...

Estou quase lá. Só mais alguns segundos. Um minuto, no máximo, e estarei livre desse maldito.

Vida eterna? Que piada.

Um sorriso de êxtase se abre em meus lábios.

— Morra, seu desgraçado. *Morra!*

Mas não dura por muito tempo.

Ele não consegue me alcançar com as mãos, mas o cotovelo de seu braço esquerdo atinge meu estômago repetidamente. Consigo suportar os primeiros cinco golpes, mas se tornam cada vez mais fortes enquanto meu aperto em seu pescoço afrouxa.

Tento desviar do sexto golpe, mas é em vão. Ele me atinge logo abaixo das costelas, o que me faz perder o ar. Meu corpo se curva para trás e meus braços se afastam, deixando a abertura necessária para Woody se libertar.

Ele afasta meus braços de sua garganta e os usa para me atirar no chão de forma semelhante à que fiz com ele momentos atrás. Meu rosto atinge o chão de forma brusca e minha visão escurece por um breve

segundo. Um líquido quente umedece minha barriga. Talvez seja o café no chão, ou qualquer outra merda. A esse ponto, não importa. Fragmentos minúsculos do vidro da mesa penetram e rasgam a pele do meu rosto. Filetes de sangue escorrem até atingirem meus lábios.

Talvez seja isso. Talvez ele finalmente vá me matar. Não tenho certeza se ainda me importo, qualquer coisa para atenuar o desespero que sinto em meu peito. No entanto, ele não mantém meus braços presos por muito tempo. Talvez queira se levantar. Talvez esteja desnorreado. Bateu a cabeça mais violentamente do que eu, afinal.

Com o rosto ainda rente ao chão, olho para meus pulsos presos pelas algemas. Há gotas de sangue pingando do local onde o metal parece ter penetrado em minha carne, mas o líquido rubro não é o que chama minha atenção.

Atirado logo ao lado dos meus braços, um pedaço de vidro reflete a luz artificial que ilumina a sala. Não parece ser do mesmo tipo de vidro da mesa. Talvez seja de um dos pratos, de um dos copos. Não importa. É grande e pontudo o suficiente para se parecer com a lâmina de uma faca.

Não tenho qualquer dúvida.

Entre o momento em que Woody bate minha cabeça no chão e permanece sentado ao meu lado antes de se erguer totalmente, me arrasto até alcançar o pedaço de vidro. Me curvo na direção de meu captor, cravando a ponta afiada no lado direito de sua barriga. Emprego toda a minha força no movimento e, mesmo com a resistência do tecido de sua camisa, o vidro penetra profundamente.

Você só precisa de uma lâmina longa e bem afiada, suas palavras reverberam em minha mente. Ela corta a carne como se fosse uma barra de manteiga.

Encaro seu olhar por uma fração de segundo e vejo um amontoado de emoções disfóricas, confusas e incompreensíveis. Ao mesmo tempo, não vejo nada, apenas um vazio escuro e morto. E, quando empalo o pedaço de vidro ainda mais profundamente contra seu abdome, não vejo sinal algum de dor em seu rosto.

Ele não se move, não geme, não grunhe. Seus lábios tremem, mas nenhum som parte deles. Com isso, considero meu trabalho feito. E.V. morto, e minha liberdade finalmente recuperada. Não perco mais um segundo sequer. Solto o vidro sem me importar com os cortes que deixou em minhas palmas.

Me ergo e corro em direção à porta de entrada da casa.

Não olho para trás enquanto me jogo em direção à superfície rija. Não olho para trás enquanto giro a maçaneta. Não olho para trás enquanto abro a porta, enquanto sou agredido pela luz do sol da manhã, enquanto dou o primeiro passo para fora deste inferno e de volta a Eastview.



Tommy

NÃO TENTE FUGIR, É INÚTIL.

— Porra...

Foque nesse momento, em nós.

— Não, não, não, não!

Você não precisa mais se preocupar com Eastview, com os Vilarreal, com nada, absolutamente nada que não seja eu, você e essa casa... pra sempre.

— Não...

Meus joelhos perdem o equilíbrio e tocam a camada de folhas secas que encobre o solo. Me inclino sobre o chão e vomito qualquer coisa que tenha entrado no meu estômago nos últimos dias. Cada músculo em meu corpo se tensiona em horror completo.

Ouçó o canto de um pássaro selvagem acima, nas copas das árvores altas, nos morros que me cercam em todas as direções.

Não estou em Eastview.

Não apenas não estou em Eastview, como estou na porra do meio do nada. Olho para trás. A casa parece se localizar em uma clareira. Há

árvores espaçadas constituindo a floresta que a cerca. Os morros ao longe me deixam claustrofóbico. É como estar preso no fundo de um penhasco.

E meu peito pesa. Ainda no chão, entreabro os lábios e grito alto, alto o suficiente para que qualquer criatura que esteja neste local me ouça. Apesar disso, tenho a vertiginosa sensação de que não há nada, não há ninguém por aqui.

Ouçõ passos se aproximarem pelas minhas costas. Quando me viro, Woody está fatalmente próximo, sua expressão contorcida em fúria e em dor, suas roupas manchadas e sujas. O vidro que deveria tê-lo matado não está mais em seu abdome e, apesar do ferimento continuar sangrando, não parece impedir seus movimentos.

A faca de caça que usou para cortar meu pescoço no porão está firme em uma de suas mãos enquanto ele encobre o ferimento na barriga com a outra.

Agora, se parece mais com um demônio do que com um homem.

— *Merda...*

Levanto do chão, e corro em direção à floresta. Se eu morrer neste lugar, pelo menos não será pelas mãos dele. Talvez eu possa até encontrar alguma coisa que funcione como—

Caio no chão outra vez, violentamente. Antes que eu sequer consiga entender o que aconteceu, uma dor excruciante atravessa meu tornozelo esquerdo e se projeta para cada osso da minha perna. Sinto a dor antes de ver o ferimento hediondo feito pela armadilha de ursos que ele colocou no chão. Os dentes de metal se cravam e rasgam minha pele. Tento me erguer outra vez, mas a dor me desequilibra, turva minha visão.

Gritos de agonia escapam de minha garganta enquanto tento achar uma maneira, qualquer maneira, de me livrar disso. Noto que o demônio em forma de homem continua se aproximando.

— Depois de tudo o que fiz por você, depois de vender minha alma, as almas de Eastview inteira, depois de toda essa espera... — Ele se atira sobre mim, seus joelhos imobilizando meus braços, seu corpo inteiro pesando contra meu torso, dificultando minha respiração. — É assim que você me recompensa? Acha mesmo que pode passar por cima de mim assim? Que pode simplesmente fugir?

O primeiro murro em meu rosto não é uma surpresa, e sequer dói tanto. A armadilha ao redor do meu tornozelo, em contrapartida, ainda me deixa tonto. Mas quando os nós de seus dedos encontram meu nariz pela segunda, terceira, décima vez... começo a perder consciência.

Meus sentidos se tornam uma bagunça de sangue e escuridão.

— Eu vendi minha alma ao diabo por você. Ninguém nunca fará algo remotamente parecido. Ninguém vai te amar da forma como eu amo, ninguém se importará com você da forma como eu me importo, ninguém matará, estripará, sequestrará, sacrificará por você como eu.

Os murros cessam. Ele se inclina sobre meu rosto quebrado e ensanguentado, apanha minhas bochechas com as mãos, intensificando a dor dos ferimentos que provocou. Aproxima nossas testas.

— Eu sou sua única resposta, Benji. — Não consigo manter meus olhos abertos, então não tenho ideia da expressão doentia que está fazendo agora. Para meu azar, meus ouvidos continuam funcionando perfeitamente. — E se você quer continuar resistindo, terei que puni-lo. O que você acha que faço com garotos desobedientes como você? — Seus dedos se fecham em meu queixo. — Uh? Me responda, caralho. Essa não foi uma perg—

Ainda tenho força suficiente para cuspir minha saliva tingida de sangue em seu rosto.

— Vai a merda, Woody. Espero que você morra a morte mais dolorosa de todas. — Minha voz perde intensidade a cada palavra, até se tornar um sussurro.

— Resposta errada — ele rosna de volta. — Com garotos desobedientes... — sinto a lâmina levemente curva e denteada de sua faca de caça encostar em meu pescoço, no exato mesmo local em que abriu o pequeno corte mais cedo — eu faço... — ele pressiona a lâmina até reabrir o corte — isso — e a arrasta em minha garganta, rasgando pele, carne e cartilagem.

Desmaio antes de sentir o rio de sangue se derramar do meu pescoço.

Parte

III

A verdade

do Diabo

"Eu quero que você
chore por mim
do mesmo jeito que eu
chorei por você"

Cry For Me
(Twice)



6 meses atrás

WOODY PRESSIONOU O CORPO DE ALEXIS contra uma das quatro paredes pequenas daquela minúscula sala de utilidades do colégio, cerrando a distância entre os lábios dos dois de forma voraz, predatória. O presidente do clube de xadrez era menor que ele, mas não muito. Alexis envolveu o pescoço de Duarte com os braços, e os peitorais recobertos pelos uniformes de aluno e professor de Eastview se friccionaram mais quando Woody pressionou a cintura contra a sua.

— É apertado demais aqui — o garoto disse entre os beijos quando sua cabeça bateu contra uma das prateleiras mais próximas.

Alexis tentou encontrar uma posição mais agradável, mas o professor o manteve pressionado naquela. Woody ajeitou para o lado as mechas bagunçadas que caíam sobre a testa de Alexis e atrapalhavam sua visão dos olhos profundos e esverdeados do garoto.

— Mas é seguro — sussurrou. Seu timbre profundo e distintamente grave ecoou pela pele de Alexis enquanto beijava a porção mais acentuada de suas bochechas.

Ele tinha razão: aquele era um local seguro.

Mas Alexis também tinha razão: era muito apertado.

A melhor alternativa seria a sala do professor de biologia, mas, naquela manhã em especial — a manhã de retorno às aulas do primeiro semestre de 2018 —, estava ocupada pela nova equipe de limpeza contratada pelo Diretor Wolmer. Aquela sala foi o melhor que conseguiu arranjar.

Alexis suspirou fundo e aceitou o desconforto, se concentrando no calor do corpo de Woody contra o seu. Abraçou o torso do outro, descansando a cabeça no espaço amplo entre o seu pescoço e seu ombro. Naquela posição, enxergava a frente do prédio do colégio através da única janela fenestrada da sala. Ficava no segundo andar, mas dava uma boa visão para o primeiro.

Woody beijou o garoto do rosto até o vão entre o osso de sua mandíbula e a garganta.

— Além disso — sussurrou enquanto roçava o nariz ao redor do pomo-de-adão de Alexis —, achei que você gostasse de quando te aperto contra a parede desse jeito.

— Não tente usar meus gostos contra mim, sr. Duarte — o garoto replicou.

Woody lançou uma risadinha curta e abafada.

— Eu nunca faria isso com um dos meus alunos.

— Eu sei... — Alexis se afastou o suficiente para fitar o rosto do professor. — Você faria coisas muito piores. — E tocou seus lábios outra vez.

Woody abriu a boca e deixou que a língua de Alexis explorasse a sua. Depois disso, mudou a posição dos dois, pressionando o garoto contra as janelas que encobriam a janela de vidro da sala.

— Senti tanto a sua falta — Alexis disse entre um beijo e outro.

— É... — Woody voltou a pressionar seus paus um contra o outro. — Eu também.

E, enquanto Alexis matava sua autoproclamada saudade, o professor ousou espiar o pátio do primeiro andar do colégio por uma das janelas da janela. A visão era entediante como ele esperava: carros de pais deixando seus filhos para uma manhã e aulas e grupos de alunos se aglomerando em todos os locais possíveis: escadas, gramado, corrimões. Depois de três séculos, você começa a achar tudo entediante.

Porém, pela primeira vez naquele milênio, algo o fez perder o fôlego, e não foram os beijos sôfregos de Alexis.

Um carro bem distinto estacionou em frente ao prédio: a viatura de Edgar Vilarreal.

E dali...

Dali desceu o garoto por quem esteve esperando havia trezentos anos.

Tommy

Presente

MINHAS PÁLPEBRAS SE ERGUEM LENTAMENTE contra a parca iluminação diurna que alcança meu rosto pela única janela no porão.

Estou vivo.

Este pensamento, no entanto, não me deixa aliviado. Pelo contrário, me deixa ainda mais desesperado e ansioso.

Deitado de lado sobre o colchão duro e com meus braços pendurados pelas algemas sobre minha cabeça, fecho os olhos e engulo em seco. A saliva dói ao passar no local da minha garganta que Woody machucou. O corte que fez ainda arde a cada respiração, mas menos do que ontem. Menos do que quando a lâmina cortou minha pele.

Woody sabia exatamente onde cortar e que tipo de bandagem fazer para um ferimento como esse. As ataduras e faixas de algodão se fixam logo abaixo da minha mandíbula e se enrolam sobre a porção superior do meu pescoço até próximo das orelhas.

Será que ele já cortou a garganta de muitos outros garotos antes?

Acabo engasgando ao engolir minha própria saliva. Minha garganta está seca e inflamada, meu corpo está desidratado pelas lágrimas que derramei durante a noite inteira, pela dor, pelo desalento. Pela pena de mim mesmo.

Há algo doendo em meu peito também. Não sei bem o que é, pode ser físico ou emocional. A esse ponto, eu não ligo. Me dá vontade de chorar, mas não consigo. Não há mais lágrimas restantes dentro de mim. E não há mais razão para chorar, de qualquer forma. Não é como se eu vá conseguir escapar deste inferno. Não é como se alguém possa me escutar.

A porta do porão se abre. Com os olhos fechados, escuto os sons das dobradiças e noto a luz artificial que se derrama sobre o cômodo.

Minha mente me manda continuar parado e de olhos fechados. Talvez ele me veja dormindo e me deixe em paz. Meu corpo, no entanto, reage de forma instintiva. Quando dou por mim, já estou sentado, o corpo encolhido no canto, o olhar afiado observando cada movimento desse ser miserável.

— Você acordou... — Woody murmura quando nossos olhares se encontram. — Finalmente... — Umedece os lábios com a língua. Há uma certa manha em sua forma de se movimentar, de descer aqueles degraus. Sua voz está mais baixa, e meus dentes se cerram ao ouvi-la.

Ele se aproxima com passos cautelosos. Tem as mãos escondidas nos bolsos do jeans, as tatuagens nos braços expostos pela camisa escura de mangas curtas e dois curativos em seu pescoço — cobrindo os machucados que fiz — escondendo parte dos desenhos que se arrastavam em sua pele até ali.

Minha camiseta do século passado está endurecida e suja pelo meu próprio sangue. Ainda assim, de todas as coisas neste lugar, é Woody quem me provoca nojo.

Quando alcança o colchão, ergo a nuca para cima e me espremo contra a parede na melhor posição de defesa que consigo fazer nesta situação.

Diante de minha reação arisca, ele fita os próprios pés e diz:

— Não precisa se preocupar, não vou mais machucá-lo... — Estreito os olhos: isso *definitivamente* significa que ele ainda tem planos de me machucar. — O corte vai cicatrizar em breve. — Senta-se na ponta do colchão desconfortável. Olha de relance para as ataduras em minha garganta, quase como se tivesse medo de fitar o asco explícito em meus olhos. — Não atingiu nenhuma artéria ou vaso importante. Era só pra te assustar — explica o inexplicável em sua voz suave e profunda, então afasta os olhos.

Minha expressão não se altera, meus músculos não relaxam, nem o entalhe em meu pescoço dói menos com isso. As palavras, a voz... apenas fazem fúria se misturar ao nojo em meu interior.

— Me desculpa — balbucia. Se aproxima um pouco mais e volta a me fitar. Um som grosseiro escapa da minha garganta, avisando-o para permanecer onde está. — Me desculpa por isso — repete mais alto e mais rápido. Continuo em silêncio, meus olhos se arregalam lentamente. *Quão psicótico ele realmente é?* — Você não pode fazer isso. Não pode continuar me testando dessa forma. — Seu tom se tensiona, assim como seus ombros. Ele se afasta, apoiando um dos braços sobre o joelho fletido. — Eu te disse que era inútil. Por que não me ouviu? Por que continua resistindo?

Não consigo mais encará-lo, meus olhos ardem apenas por ter sua imagem em minha frente. Em vez disso, fito a porta aberta do porão, imaginando como seria fácil correr para fora daqui se não fosse pelas algemas.

Mas então me lembro da floresta e dos morros além da casa, de quão remoto este lugar parece, de quão absolutamente *fodido* estou. E isso me enche ainda mais de ódio.

— Benjamin... — ouço sua voz ao meu lado. — Olhe pra mim, *caralho!* — E seus dedos agarram minha mandíbula, apertando o local onde sua faca de caça antes passou. Uma descarga de dor delirante atravessa minha garganta.

— *Ah!* — grito, meu rosto se contorce de dor.

Ele me puxa para frente pelo queixo, aproximando nossos rostos. A dor quase me faz vomitar.

— Eu não dormi essa noite. Sabe no que pensei? Sabe sobre o que fantasiei? — Mantenho meus lábios bem fechados, contendo as poucas lágrimas que ameaçam escapar dos meus olhos. — *Quebrar suas duas pernas* — rosna, então completa em um sussurro: — Então... eu te manteria aqui pra sempre.

Um brilho sádico atravessa seus olhos. Embora não tenha coragem de admitir, isso faz a sensação dolorosa em meu peito se aprofundar, medo se emaranhando ao nojo e à fúria. Mas não deixarei isso transparecer. Não deixarei que ele saiba o quão assustado estou. Vou morrer antes de dar qualquer tipo de satisfação a ele outra vez.

— Mas não vou fazê-lo — afirma após alguns segundos. — Não quero que sinta mais dor, Benji — e solta meu queixo.

Minha cabeça se impulsiona para trás. A dor provoca pequenos calafrios em minha nuca.

— Não sou Benji — digo entredentes. Meu tom rouco pela falta de água soa áspero e feroz. — Não importa o quanto nos pareçamos, ou em que fantasia distorcida você acredite. *Eu não sou ele* — pontuo cada uma das palavras, a raiva extravasando de meus lábios como o veneno de um animal peçonhento. — Você está fazendo tudo isso com alguém que não tem relação alguma com seu namorado. — Arrasto uma fileira

de dentes sobre a outra. — Espero que isso te faça sentir melhor, seu desgraçado.

Observo cuidadosamente a reação de Woody. Ele passa de frio e sádico a irritado e magoado em um instante, quase rápido demais para que eu consiga notar. Seu olhar se desvia outra vez em direção ao chão em sua frente.

— Você deveria me escutar, sabe? Se vocês me escutassem, as coisas seriam muito mais fáceis — murmura tão baixo que preciso me inclinar um pouco para ouvir corretamente.

— “Vocês”? — repito, cinismo e desprezo se acumulando em minha voz mais grossa do que o normal. — De quem você tá falando? — Quando ele parece incomodado com minha súbita percepção, ergo uma sobrancelha. — Alexis?

Woody me fita de relance, quase como se a menção ao garoto o deixasse desconfortável. E isso... Isso acende uma faísca dentro de mim. O metal das algemas se arrasta sobre o cano em que estão presas quando me inclino um pouco mais em sua direção.

— Por que você o matou? Por que fez toda essa merda? — engatilho as perguntas com cuidado, como se estivesse mirando um animal longínquo que só terei uma chance de acertar.

Woody morde o lábio inferior, me fita de soslaio por um milissegundo.

— Alexis foi apenas uma casualidade... — resmunga cabisbaixo.

— É assim que você chama alguém que matou com as próprias mãos? Uma *casualidade*?

— Eu tentei salvá-lo — rebate em um tom um pouco mais acelerado, o peito subindo e descendo mais profundamente. — Mas ele

não me escutou... — Aperta os lábios fortemente e se volta para mim antes de completar: — Ele ameaçou você.

— *Eu?* — Uma risadinha de descrença escapa dos meus lábios.

— Sim — ele responde com o semblante sério.

— E por que Alexis Luna me ameaçaria?

Woody fica em silêncio por um breve momento, parece mensurar as próximas palavras e analisar minha expressão.

— Tentei avisá-lo sobre o sacrifício — finalmente responde em uma voz vacilante. — E ele achou que estava sendo trocado por você.

Trocado. Trocado. Trocado por você. A frase ecoa em minha mente.

Trocado por mim.

Quando me dou conta do que ele quer dizer com isso, um misto de nojo e terror me domina. Um filme de minhas memórias com Alexis atravessa minha mente.

Alexis me recepcionando no clube de xadrez no primeiro dia de aulas.

Alexis usando seu próprio tabuleiro para me ensinar suas jogadas favoritas.

Alexis sorrindo e tocando em meu ombro.

Fabian inventando defeitos no garoto para poder provocá-lo, já que Alexis parecia não ter defeitos de verdade.

Todos ao redor brigando por um segundo que fosse de sua atenção.

Uma ou outra vez em que as reuniões do clube foram interrompidas porque Alexis precisava encontrar... Precisava encontrar...

Não.

Não. Não. Não. Não.

Me sinto nauseado apenas por pensar nisso.

Poderia ser? Alexis poderia mesmo... ter tido *um caso com Woody?*

Fito o rosto do meu professor de biologia enquanto o pensamento ressoa em minha cabeça. Ele pareceu sincero. Não sei em que nível posso ou não acreditar em sua sinceridade, mas ele não pareceu mentir naquele momento.

E por que mentiria?

Se houvesse qualquer coisa, *qualquer coisa*, em meu estômago neste momento... eu teria vomitado. Vomitaria o próprio ácido do meu estômago se pensasse demais nisso.

Alexis realmente morreu por causa de uma paranoia? Realmente morreu por causa de algum tipo de rumor falso sobre mim? Porque... é falso, certo? Não há uma maldita chance de que Woody realmente esteja planejando...?

Minha espinha enrijece.

— As fotos no meu quarto... — murmuro, a voz trêmula e baixa.
— Por que as tirou?

Minha respiração acelera. Meus lábios permanecem entreabertos quando percebo que não quero saber a resposta, que *tenho medo* da resposta. É melhor continuar ignorante. Não quero sequer imaginar que Woody realmente—

— Eu estava com ciúmes — responde com hesitação, como um assassino confessando um crime.

Todos os momentos em que Woody foi bom para mim, me deu qualquer tipo de atenção especial, ajeitou meu uniforme amassado, conversou comigo depois das aulas, me ligou depois da escola, me encarou nos olhos, me tocou... Tudo me atinge como um caminhão.

Meu maxilar trinca, e encaro o rosto distraído do psicopata em minha frente. O rosto que esteve sob o capuz da figura que assassinou Alexis naquela noite. O rosto que tem tentado me destruir, destruir qualquer tipo de felicidade que eu possa ter.

Tudo por... *ciúmes*? Tudo por um garoto que morreu há séculos atrás, ou que, até onde sei, pode nem sequer ter existido?

Me esforço para controlar a crise de risos que se forma dentro de mim. É absurdo demais. É fodido demais. Se eu tivesse sido adotado por qualquer outro maldito casal, nada disso teria acontecido então? Se eu tivesse completado dezoito anos como um órfão, e finalmente me livrasse do sistema de adoção... eu teria tido uma vida normal? Não teria sido perseguido e atormentado? Eu sou tão culpado assim por ter aproveitado alguns meses ao lado de pais que me amavam? Por ter tido uma família por tão pouco tempo?

Talvez eu seja amaldiçoado. Talvez Tomas Minori não mereça ter nada de bom em sua vida.

Me lembro daquela visão estúpida, do quão semelhante aquele garoto era a mim, do quão feliz ele e Woody pareciam... até os guardas aparecerem. Talvez — apenas talvez — aquele garoto tenha se livrado de muita dor por morrer tão cedo, levando em conta que isso significa que não teve que passar sua vida inteira ao lado deste homem.

— Então... — balbucio quando minha fúria se converte em cinismo em meu interior — a coisa do sacrifício a cada dez anos... — Woody me encara sobressaltado, mas não parece notar o cinismo em minha voz, meu rosto, meus olhos — é verdade? Todos em Eastview são monstros?

Ele se senta de forma um pouco mais confortável no colchão, virando o corpo completamente para mim.

— Sim... — responde depois de refletir um pouco — e sim.

Ergo uma sobrancelha.

— E Alexis foi o escolhido pra ser sacrificado nesta década?

— Sim — afirma, e acena com a cabeça para enfatizar.

Novamente, preciso afogar minha crise de risos — o que não é fácil, visto que minha garganta está dilacerada por causa dele.

— Escuta... — digo em um tom retraído —, talvez eu não seja Benjamin... — finjo me enrolar nas palavras —, mas me ajude a entender... — Finjo um brilho de súplica no olhar. — Me ajude a entender tudo o que aconteceu, tudo o que você fez... — finjo um interesse real em suas atrocidades — e talvez... — finjo não sentir nojo ao encará-lo — talvez... — finjo ter sido quebrado por ele — eu não fique mais tão assustado.

Woody engole em seco e concorda com a cabeça.

— Na noite em que você morreu... — se interrompe, cerra as pálpebras e as aperta, como se tivesse cometido um erro. — Na noite em que Benjamin, *meu Benji*, morreu... — abre os olhos, um suspiro sem ar escapa de seus lábios —, tentei fazer um acordo com o Diabo.

Vincos se formam em minha testa. Ele se apressa a completar:

— Bruxos são os únicos seres que podem contatá-lo. Nascemos com uma gota do seu sangue correndo em nossas veias, e desse sangue tiramos nossa força. — Desvio o olhar para o lado, não consigo me obrigar a encará-lo outra vez. — De qualquer forma — seu tom se torna reflexivo —, fazia um milênio desde que um último feito como esse havia sido registrado, então... eu não sabia se daria certo.

— Mas deu — complemento.

— Sim... — ele concorda com o queixo. — Quer dizer, não completamente.

Entrelaça os dedos e fita a parede atrás de mim no mesmo local em que me prendeu e me ameaçou com a faca pela primeira vez. Observo-o de relance. O brilho escasso do sol faz seus fios amarelos ganharem um tom dourado, reluzente, e aprofunda o tom esverdeado de seus olhos.

— O Diabo não queria apenas a minha alma, ou a de meus irmãos e irmãs... — Move a mandíbula de um lado para o outro. — Ele queria as almas de todos os inocentes da comunidade. Crianças, bebês... *todo mundo*. Até daqueles que ainda não tinham nascido. Por isso, Ele nos deu vida eterna... — diz em um tom sôfrego, quase ressentido — para continuar gerando vidas inocentes pra que... — Vejo o final da frase morrer em sua garganta. Ele me encara sorrateiramente, mensurando minha reação. — E eu tive que aceitar suas condições. Não tinha outra opção — sussurra, curvando a nuca em direção aos dedos ansiosos em seu colo.

— Você podia ter se matado — retruco com um grau de desinteresse genuíno.

— O quê?

Ergo as sobrancelhas.

— Aí você e seu namorado estariam juntos — dou de ombros. — Pra sempre.

Há uma óbvia ironia em minha frase, mas que não parece tão óbvia para Woody. Ao invés de se irritar e me deixar em paz, ele apenas parece magoado; sua pálpebra inferior treme conforme tenta esconder suas emoções.

— Benji estaria no céu — sussurra de forma ácida. — Eu, no inferno. Acha que não considerarei isso? Não havia outro jeito. — Não há nada que eu possa fazer além de concordar com a cabeça. Ele está

mesmo imerso até o pescoço nesse delírio. — Fugimos de Salém naquela mesma noite, e viemos pra essa colônia. Fundamos Eastview, e permanecemos isolados do restante do mundo até então. Por que você acha que é tão difícil entrar e sair daqui? — Seu tom se exalta. — Por que ninguém realmente parece pertencer a esse país? Por que a intolerância? Por que o ódio?

— Mas isso é impossível. — Suspiro. — Alguém já iria ter sacado o que acontece aqui — digo sem qualquer animação, sem qualquer sentimento. — Não se pode ter um grupo de pessoas imortais no seu país e ninguém desconfiar de nada.

— Sim, pode — ele rebate, e se arrasta um pouco mais para perto. — Se esse grupo de pessoas ocupa um local conhecido por ser elitista e inacessível. Ninguém entra sem permissão. Ninguém sai sem ser vigiado. Apagamos registros de nossa existência a cada século para então recomeçar tudo de novo. Controlamos quantos bebês nascem e quantos... morrem. Ninguém questiona demais — seu tom se torna frio outra vez, melancólico — e as pessoas que questionam... — me encara profundamente — morrem de velhice. Nós — aponta para o próprio peito, a voz inundada em uma confiança macabra — não morremos.

Consigo sentir sua tentativa de opressão no ar, mas não me permito ficar intimidado.

— Está me dizendo que vocês são monstros que assassinam uma pessoa a cada dez anos e seguem a vida como se nada tivesse acontecido? — pergunto com um sorriso sem qualquer tipo de humor. — Crianças são criadas pra serem abatidas — estreito os olhos — e ninguém questiona isso?

Woody se afasta. A confiança de antes derrete diante de minha descrença.

— Não temos escolha. É isso — pausa por um momento — ou...
— e, novamente, o final da frase parece morrer em sua garganta.

Contraio os lábios. Olho para cima.

— Como eles são escolhidos? — pergunto. Ele fica em silêncio.
— Os garotos? Como vocês os escolhem?

— É Ele quem os escolhe. — Reviro os olhos. — Na noite mais longa do dia mais frio de cada ano terminado em 8.

— Por que 8?

— É o seu número favorito.

Desta vez, não consigo abafar minha risadinha.

— Do Diabo? O número favorito do Diabo é 8? — Ele assente. Outra risada, mais encorpada, deixa meus lábios. Quando controlo meu fôlego, o encaro fixamente e pergunto: — Não é 666? — A risada cessa, mas o sorriso permanece em meus lábios.

Vejo a expressão de Woody lentamente mudar, lentamente se gelificar, lentamente se enfurecer.

— O que é engraçado sobre isso? — questiona em um tom de genuína incompreensão.

Seu tom me deixa eufórico, completamente abismado. Tão abismado que começo a rir descontroladamente.

— Você tá brincando? — consigo falar entre uma crise de riso e outra. Ele inclina o pescoço para o lado, confuso. — *Tudo!* — Arregalo os olhos. — Tudo isso é hilário.

Os risos me fazem fechar os olhos e me recostar sobre a parede atrás de mim. Toda vez que sua expressão desnorteada volta à minha mente, as risadas se intensificam. Após alguns minutos, a dor em meu estômago me faz parar. Quando abro os olhos, ele ainda me encara de forma patética, perdida.

— Espera. — Lufadas de ar escapam da minha boca. — Espera, espera, espera... — Meu sorriso se alarga, e minhas bochechas também doem. — Você realmente espera que eu acredite em toda essa merda de bruxas, reencarnações e Diabo? O que é isso, um filme? Um livro? Em que mundo você vive, seu psicopata? — digo tudo com um tom exasperado e sarcástico. Os lábios de Woody se entreabrem, mas ele não fala nada. — Essa é a história que contou a Alexis? E você esperava que ele simplesmente acreditasse em tudo de boa? — Ele cerra os punhos, mas não responde. — *Como você pode não achar isso hilário?*

Woody pula sobre mim e agarra os cabelos da parte de trás da minha nuca, puxa-os para baixo e faz minha nuca se curvar para cima. Seu rosto fica tão próximo do meu que consigo sentir seu hálito nojento.

— Pare com isso — vocifera, as pupilas se movendo de um lado ao outro do meu rosto sem um objetivo claro.

Lágrimas se formam em meus olhos pela dor, mas não são nada. Não mais. Todo o resto já me deixou anestesiado a essa merda.

— Você é um psicopata pedófilo assassino — rosno de volta contra seu rosto. — Você abusou de um garoto de dezesseis anos e o matou com as próprias mãos. Depois, arquitetou para que tudo parecesse um suicídio. Me perseguiu e aterrorizou, assim como a Matt. Você abriu a porra do peito de um policial, me sequestrou, tentou rasgar minha garganta. — Agarro a mão presa aos meus fios, puxo-a para longe violentamente. Ele não se afasta por um centímetro, mas minha bravata está ali. — Você espera que eu caia nesse papo furado e voluntariamente fique aqui pra sempre? *Uh?* — Um grunhido animalesco deixa minha garganta. Como o covarde que é, ele permanece calado. — Se existe um Diabo nesse mundo... é *você*. — Engulo em seco, minha voz esfriando. — Na verdade, acho que nem isso. O Diabo não tenta justificar suas

atrocidades. — Meus lábios se contraem e tremem, mas continuo firme. — Convivi com monstros durante minha vida inteira, mas você... — Um riso seco escapa da minha garganta. — Você é uma coisa completamente diferente. Algo que eu não consigo entender.

Woody não aperta ou afrouxa os dedos em meus fios. Não se aproxima ou se afasta mais. Ao invés de reagir como eu esperava — explodindo e me deixando em paz —, ele semicerra os olhos, sem desviá-los das minhas lágrimas. Seu polegar livre alcança minha mandíbula e esfrega as bandagens delicadamente.

— Se você acredita mesmo que eu vá algum dia sentir qualquer coisa por você além de nojo e repulsa, então, por favor... — sinto seu polegar traçando o corte em minha garganta sob as bandagens — termine o que começou. — Largo a mão atrás da minha cabeça e agarro a mão que toca as bandagens. — Rasgue minha garganta *agora*. — Forço sua palma a agarrar meu queixo. — Não há mais motivos pra continuarmos nesse limbo estúpido.

Os lábios do monstro se abrem e fecham logo em seguida. A mão em meu queixo se afasta. Os dedos em meus cabelos se afastam. Ele se levanta, me dá as costas e caminha para longe.

— Pra onde você está indo, seu desgraçado? — grito. Puxo abruptamente as algemas, provocando o som irritante de metal contra metal entre a corrente e o cano. — Não ouviu o que eu disse?

Ele dá alguns passos em direção à porta, mas então para. Sua nuca está curvada para baixo, a mão encobre sua boca.

Quando se volta para mim, não está irritado, desequilibrado ou qualquer merda no espectro. Sua expressão calma e reflexiva e seus olhos serenos e contemplativos fazem meus músculos enrijecerem.

— Eu sei por que você está se comportando dessa maneira. É por causa dele... não é? — Ergue as sobrancelhas. — Mateus Armani.

Ouvir o nome de Matt na voz dele é como levar um murro. Não um, mas centenas. Angústia se acumula em meu peito. Abro os lábios, mas não consigo responder. Não tenho coragem de responder.

— Não se preocupe — ele continua diante do meu silêncio. — Vou resolver isso — afirma em um tom convicto.

Tento me levantar, me esquecendo momentaneamente das algemas que me prendem. Quando percebo que ele acabou de ameaçar Matt e não há porra nenhuma que eu possa fazer, entro em desespero.

— Não se atreva — ordeno, em uma voz que lembra demais uma súplica para ser levada à sério. — Você já tem tudo o que quer, já me tem na porra dessas algemas. — Puxo as malditas à frente outra vez, mas o som de metal contra metal não parece mais interessá-lo ou incomodá-lo. — Não se atreva a tocar em um fio de cabelo de Matt.

Ele finge não me ouvir e retira um celular do bolso frontal do jeans. Meu cenho se franze até ouvir o clique característico do aplicativo de câmera. O maldito acabou de tirar uma foto minha: sujo e ensanguentado, com bandagens no pescoço e preso por algemas em um porão imundo. Se qualquer pessoa ver isso, ele está acabado.

Mas quando percebo o que ele pretende fazer com a maldita foto, meu mundo desaba ainda mais. Observo em assombro enquanto ele volta a se aproximar, os passos tão mansos quanto quando entrou, apesar da expressão de um predador.

— Não... — murmuro silenciosamente.

— Depois que eu acabar com ele — se ajoelha na ponta do colchão —, depois que eu rasgá-lo de dentro pra fora... como as suas

palavras estão me rasgando... — Suspira e se arrasta até mim. — Então... — Toca meu rosto. — Então poderemos ser felizes pra sempre.

Balanço meu rosto bruscamente, afastando sua mão.

— Não, não, *não!* — grito. — Por favor, não faça nada com—

Um tapa acerta meu rosto e me faz cair para o lado. As correntes, porém, me mantém sustentado.

O susto e a dor súbita me fazem parar de respirar momentaneamente. Sinto o gosto desagradável de sangue se acumulando em minha boca. Cuspo a saliva sanguinolenta no colchão.

— Talvez você esteja certo — ele diz em um tom sóbrio enquanto se ergue. — Talvez não seja Benjamin... — Volto o rosto o suficiente para encará-lo. — Mas não precisa ser. — E em seus olhos vejo o reflexo de meu próprio nojo, do asco, do ódio que sinto quanto estou perto dele. E isso... Isso sim me assusta. — Não mais.

Caminha em direção à saída do lugar.

— Volte aqui! Volte aqui, Woody! — Me levanto, puxo as algemas, me debato, faço toda a merda que consigo, mas não adianta de nada. — *Por favor, não!*

A porta do porão é fechada bruscamente às suas costas.



DEZ

Matt

A LGO FOI DERRUBADO EM UMA SALA PRÓXIMA, no corredor logo à frente. Merda.

Retirei os braços dos ombros de Tommy.

— O que foi isso? — sussurrou ao meu lado. O barulho se repetiu, dessa vez mais alto. — Matty?

Completamente perdido, não soube o que responder. Rascunhos de explicações passaram pela minha mente, mas, no final, decidi que era melhor descobrir por conta própria. Precisava me assegurar de que ninguém havia nos visto.

Minha respiração começou a pesar quando dei os primeiros passos à frente, em direção ao corredor de onde os sons vieram. Era a primeira sala à direita: 009, o laboratório de biologia. Tommy me seguiu logo atrás, um pouco hesitante.

Como todas as salas de aula em Eastview, a parede junto do corredor tinha enormes janelas de vidro. Sobre nossas cabeças, as luzes das lâmpadas embutidas ao teto do corredor estavam quiescentes. Havia penumbra demais — particularmente naquele corredor.

Senti o toque exasperado de Tommy no meu braço, me fazendo encará-lo.

— O que você tá fazendo? — sussurrou quase sem voz, seus olhos ansiosos, seus dedos apertando demais minha pele.

Dei de ombros, minha ansiedade já tinha se misturado à curiosidade mórbida àquele ponto. Vi ele entreabrir os lábios para dizer mais alguma coisa, mas nenhum outro som deixou sua garganta. Quando estava prestes a sugerir que ele permanecesse ali e me esperasse, outro barulho veio da sala, mais vivo e agudo.

Havia alguém ali. E eu definitivamente precisava descobrir quem era.

Tommy puxou a manga de minha camisa outra vez, mas eu o ignorei, me voltando à janela escura da sala. Me inclinei em direção a ela, tentando ver que merda estava acontecendo lá dentro. Tommy se aproximou de mim e se posicionou ao meu lado depois de alguns segundos. Encaramos juntos a sala imersa em escuridão.

As primeiras silhuetas que consegui identificar foram as das cadeiras, da mesa do professor — que tinha algo sobre si —, e da lousa digital. Forcei minha visão um pouco mais, praticamente me esfregando no vidro da janela.

Outro impacto fez eu me sobressaltar. E mais um. E mais um. Havia alguém se debatendo lá dentro, cadeiras sendo empurradas, mesas derrubadas. Me concentrei um pouco mais, até que consegui distinguir grunhidos e gemidos de luta.

Quando as silhuetas se tornaram nítidas em meio à penumbra, senti meu rosto empalidecer; meus olhos se arregalaram de uma maneira dolorosa. Não era apenas uma pessoa na sala, mas duas. Uma

delas encapuzada, vestindo um sobretudo longo e preto que a fazia parecer uma sombra em meio à escuridão. A outra...

Merda.

A outra era Alexis Luna, o presidente do clube de xadrez. O conhecia apenas de longe, apesar de já tê-lo visto junto a Tommy algumas vezes.

Ele estava sendo estrangulado contra o chão. Seus olhos estavam fechados, mas as mãos agarravam os pulsos do agressor. Os lábios abertos deixavam grunhidos baixos escaparem.

Me afastei da janela com um passo. Tommy agarrou meu braço outra vez, e, quando encarei seu rosto, percebi que estava tão assustado quanto eu — talvez até mais.

Fiquei paralisado, sem saber o que fazer. Alexis estava sendo estrangulado. Eu deveria simplesmente entrar na sala e tentar salvá-lo? Eu tinha que fazer isso, certo? Era o que qualquer um faria. Mas a figura encapuzada parecia alta e forte, e provavelmente tinha uma arma escondida em algum lugar. Mesmo que eu conseguisse distraí-la por tempo suficiente para salvar Alexis, quem poderia garantir que ele não partiria para cima de Tommy em seguida?

Enquanto aqueles pensamentos enevoavam minha mente, deixei que Tommy me puxasse para longe.

— Matt...

Depois de alguns segundos, percebi que havia algo que eu podia fazer sem colocar Tommy diretamente em risco.

— Matt...

Paro abruptamente, me desvencilho de seu toque e pego o celular em um dos bolsos da calça.

— Mateus? — A voz grossa de Edgar me tira violentamente do transe daquelas memórias.

— *Uh?*

Arregalo os olhos no meio do corredor do laboratório de biologia, encarando a janela de vidro pela qual vi Alexis ser assassinado. Minhas mãos tremem dentro dos bolsos, a respiração acelerada por ter que reviver tudo aquilo em detalhes de novo, de novo, e de novo, a manhã inteira, a tarde inteira.

Expiro fundo, tentando voltar a mim, e me viro em direção ao policial ao meu lado.

— O que aconteceu depois? — Ele ergue a sobrancelha. Há uma prancheta em suas mãos com anotações e descrições de tudo o que confessei e expliquei nas últimas horas, um brasão dourado da polícia de Eastview no peito de sua farda cinza-escura, e um rádio acoplado em seu colete. Seus olhos, sua expressão e sua linguagem corporal são estranhamente afiadas, acusatórias. — Depois de verem Alexis ser estrangulado? — completa.

Engulo em seco e fito o chão da sala pela janela, lembrando a posição em que E.V. e Alexis estavam naquela noite. Me lembro também do toque de Tommy em meu braço, de seu rosto assombrado, da súbita noção de que eu poderia fazer algo para ajudar e do pânico que senti quando a merda já tinha sido feita.

— Eu... — balbucio, mas não consigo completar por um tempo. Aperto o aparelho frio em meu bolso e tento não soar tão frustrado quanto me sinto por dentro. — Eu tentei... registrar — murmuro cabisbaixo —, tirar uma foto.

A caneta paira inerte na mão do pai de Tommy.

— E...?

Reviro os olhos.

— O assassino acabou percebendo — respondo em um tom irritadiço, amargo. — Foi quando nos avistou. Então nós corremos... — Fito o corredor além de Edgar, onde as fileiras de armários começam. — Tomas se escondeu em um dos armários, e eu... — viro de costas e me apoio na janela, cruzando os braços sobre o peito — tentei despistá-lo.

Encaro a parede entediante em minha frente, mas meu semblante permanece distante, preso naquela noite.

— O que aconteceu? — Edgar pergunta com um interesse quase vertiginoso, se aproximando mais.

Vejo seus olhos de relance, e há certa animosidade neles. Fico incomodado, mas o sentimento logo passa. *Talvez ele esteja apenas ansioso para descobrir o paradeiro do filho. Eu também estou.*

— Ele foi direto até Tommy — respondo. A expressão de terror no rosto de Tommy naquele instante me invade, faz minhas entranhas se revirarem. Cerro os punhos. A certeza de que E.V. conseguiu colocar suas garras nele arranha minha espinha, me enfurece. — E eu o ataquei por trás com um extintor de incêndio.

Eu devia ter aberto o crânio dele com aquela coisa quando tive a chance.

— Então vocês conseguiram desacordá-lo? — Edgar continua o interrogatório, e percebo que seu olhar está fixo em meu punho cerrado.

Expiro fundo no mesmo segundo, e tento me acalmar. Escondo as mãos nos bolsos laterais da jaqueta do time de basquete.

— Por um tempo curto, sim...

— Por que não viram quem era naquele momento? — ele questiona em um tom ríspido, impaciente, inclina o pescoço para o lado e me fita intensamente.

— Eu não sei... — Sinto o lado esquerdo da minha nuca queimar pelo seu olhar, e engulo em seco. — Estávamos mais preocupados em escapar daqui o mais rápido possível. — Dou de ombros.

Ele esfrega o rosto com uma das mãos. *Seu merdinha idiota, posso ouvir seus pensamentos. Você foi um covarde na hora errada e agora meu filho está em perigo por sua causa.*

Ele suspira, nega com a cabeça, vira de costas em direção ao nada — talvez apenas para afastar o olhar de mim brevemente — e, em seguida, atira a caneta que usou para fazer as anotações na parede oposta à das janelas. O tinteiro racha com o impacto, e alguns dos pedaços se espalham pelo chão. Posso ver a tensão excruciante em seus ombros. É a mesma tensão que se espalha nos ombros do meu pai quando estou prestes a receber uma surra.

Esfrega a testa e, ainda de costas, pergunta:

— Ainda tem a foto que tirou?

Pego o celular no bolso frontal da calça. Abro a galeria de dez dias atrás.

— Sim — respondo quando encontro a maldita foto. — Aqui. — Estendo a tela a ele. Edgar vira em minha direção e apanha o celular sem muita delicadeza. Seus olhos se fixam na imagem borrada, amarela e escura. — Falei pro Tommy que a apaguei... pra ele parar de insistir em contar tudo — confesso em um tom sôfrego, arrependido. Volto a esconder as mãos nos bolsos da jaqueta.

— Você devia tê-lo escutado — o policial resmunga enquanto amplia a foto.

— Eu sei... — Engulo meu orgulho. Quando vejo vincos se formarem em sua testa enquanto analisa a imagem, minha ansiedade toma o melhor de mim. — É Woody. — Aponto para o aparelho. O

policial me fita de relance. — Nessa foto, é Woody. — Seus olhos pairam sobre a tela outra vez. — Foi ele que comprou o terceiro sobretudo também — digo pela milésima vez desde que roubei aquela página do livro de registros.

Me lembro da sensação eletrizante de finalmente descobrir a identidade desse desgraçado, da alegria genuína que senti ao contar aquilo a Edgar, da incerteza ao ver que ele não acreditara em mim imediatamente, da angústia ao voltar para a delegacia em seu carro e ensaiar mentalmente o que diria, do choque ao ver a porta da frente do lugar arrombada, do terror ao ter vislumbres rápidos do corpo retalhado de Scooper, do desespero ao saber...

Ao saber que Tommy tinha desaparecido.

Me lembro também do fracasso ao finalmente encarar o fato de que aquela merda toda tinha acontecido por minha causa. Da impotência ao perceber que era minha responsabilidade salvá-lo, e, mesmo assim, eu não podia fazer merda alguma sozinho, apenas esperar por ordens de Edgar.

— Acredito em você... — ele murmura baixinho.

— Acredita? — pergunto com o cenho franzido.

— Sim. — Ele aperta os lábios, seus olhos se erguem da tela do celular ao laboratório de biologia vazio atrás da janela. — Apesar das evidências fracas, decidimos questionar Woody para saber seu álibi na noite da morte de Scooper e do desaparecimento de Tommy.

Me afasto do vidro e me volto em sua direção.

— Vocês o encontraram? — pergunto exasperado, meu coração acelerando.

— Não — ele responde frio, o olhar fixo no laboratório, na mesa de Woody. — Ele não está em lugar algum. Parece ter desaparecido logo

depois da morte de Scooper... — retesa a mandíbula ao completar: — Bem como Tommy. — Com a mão livre, esfrega a barba rala por fazer no queixo. Seus olhos pairam sobre a foto no celular outra vez. — Esse garoto Alexis... — diz em um tom sugestivo. — Sabe se havia alguma coisa errada com ele? Alguma coisa... suspeita?

Isso me pega desprevenido. Levo alguns segundos até sequer compreender o que ele quer dizer.

Diante do meu silêncio, o policial continua:

— Sabe de algo que poderia ligá-lo a Woody? Ou a Tom? Qualquer coisa, Matt? — Percebo uma leve irritação em sua voz.

— Não, não. Não que eu saiba — respondo apressadamente. Seu tom sugestivo fica grudado em minha mente, no entanto, como um chiclete em uma sola de sapato. — Mas o problema não está no garoto, Edgar. Ou em Tommy. O problema está no filho da puta que—

— Claro, claro. Esqueça que eu perguntei — ele me interrompe e atira o celular em meu colo. O apanho por reflexo, e percebo que o policial não ampliou a imagem nas sombras do rosto do assassino, e sim no de Alexis.

Guardo o aparelho e coloco minhas mãos nos bolsos. Encaro a face de Edgar e percebo, então, as olheiras escuras sob seus olhos, os cabelos mais bagunçados do que o normal, a voz ríspida e rouca de alguém que está submerso em estresse e preocupação.

— Ele é um psicopata — afirmo com convicção. — Nos ameaçou, perseguiu durante dias. E agora... — Cerro as pálpebras, minha respiração fugindo de controle. — Se ele tiver feito alguma coisa com Tommy... — Meus lábios tremem. Retiro as mãos dos bolsos, os nós de meus dedos sem sensibilidade alguma pelo tempo em que

mantive os punhos fechados. — Se alguma coisa acontecer com ele, eu nunca vou—

— Ei, ei... — Edgar toca em meus ombros. — Se acalme. — Ergue as sobrancelhas, e, em seguida, se afasta, descansando as mãos na fivela proeminente do cinto do uniforme. — Nós vamos encontrá-lo logo... eu prometo — garante com uma expressão segura. Sua certeza realmente me acalma.

Ele suspira profundamente, mordiscando o lábio inferior enquanto reflete sobre algo. Quando volta a falar, sinto meu rosto começar a queimar.

— Não sei que tipo de relação você tem com meu filho e, honestamente, não quero saber. Mas... — Pisca várias vezes até encontrar as palavras certas, talvez tão desconfortável quanto eu. — Mas se você se preocupa com ele, então...

— Ele é a única coisa com a qual me preocupo — me apresso a dizer. Desvio o olhar para o laboratório. — Só levei tempo demais pra perceber isso.

O policial abre um sorriso murcho, sem alegria alguma, e aperta meus ombros outra vez.

— Ele estará em casa logo, logo — afirma. Concordo com a cabeça. Ele afasta a mão e se agacha para apanhar os pedaços da caneta despedaçada no chão. — Você devia ir pra sua agora — diz sem me encarar, e então suspira. — Não há muito mais que possamos fazer.

Encaro sua cabeça cheia de fios curtos e escuros curvada em direção ao chão.

— Vocês vão acionar a polícia do estado? — pergunto. Ele pausa a coleta dos pedaços da caneta por um instante, os músculos de seus ombros enrijecem. — Esse tipo de merda já devia estar sendo noticiado

por aí. — O policial levanta e caminha até a lixeira mais próxima, se livrando dos resquícios da caneta. — E se ele levou Tommy para fora de

— *Mateus* — praticamente rosna sobre os ombros. A surpresa faz o restante das minhas palavras ficarem presas na garganta. — Vá para casa — continua no mesmo tom ríspido, ácido, nada característico do policial que eu costumava conhecer. Seu olhar fuzila o meu, e já não sei mais se posso justificar isso com o estresse ou a preocupação com Tommy. — Descanse — ordena entredentes. — Quando tiver notícias de Tommy, vou te avisar. Não meta mais o nariz onde não deve. — E então volta-se em minha direção, toda a rispidez e animosidade de antes se desfazendo. Um sorriso acolhedor se abre em seus lábios quando toca em meus ombros pela terceira vez. — Esse é um conselho amigo. — E dá um leve tapa em minhas costas.

Edgar dá a conversa por encerrada e passa por mim, segue para fora do corredor.

Observo suas costas se afastarem e estreito os olhos.

— Sim — murmuro de forma cínica. Não vou deixar essa conversa morrer tão facilmente. — Até porque meu nariz ainda não tá enfiado o suficiente nessa merda. — Ele para de caminhar, e me fita sobre os ombros. — Há algo que você queira me dizer, Edgar?

— Como...? — Seu cenho se franze.

Dou um passo em sua direção.

— Sobre Eastview? — Dou outro passo em sua direção. — Sobre 1963? — Mais um passo. Bato minhas mãos em palmas silenciosas e fomentadoras. — Qualquer coisa? — Cerro os dentes. — Vi umas coisas bem estranhas naquela loja. Coisas que me fizeram... duvidar dos meus próprios olhos.

Ele parece genuinamente confuso por um milésimo de segundo, até que um sorriso curioso se abre em seu rosto. Não parece intimidado pela acusação implícita em minhas palavras e, para minha surpresa, nem mesmo disposto a refutá-la.

Uma risadinha de escárnio deixa seus lábios.

— Quer mesmo que eu fale algo? — Faz uma careta de desdém. — Certas coisas... — umedece os lábios — funcionam melhor quando deixadas em subtexto. — Sua voz rouca e fria atravessa o corredor e me atinge como um soco. Uma sensação estranha e angustiante se forma em meu peito. Talvez seja medo. — Volte pra casa. — Deixa de me fitar e continua seu caminho para fora daqui. — Logo ficará escuro.

Ouçõ a porta mais próxima se abrir e se fechar.

Sozinho no corredor, o ar que estive segurando esse tempo todo sem perceber escapa de meus lábios em um suspiro doloroso. Não me sinto mais seguro neste corredor, neste prédio, neste bairro. É como se um monstro pudesse pular de qualquer canto escuro e me atacar.

A resposta de Edgar ecoa em minha mente, penetra minha pele como as garras de um animal. Me dá a certeza de que... talvez Woody não seja a única pessoa com quem eu e Tomas devamos nos preocupar.



DEIXO O PRÉDIO DE EASTVIEW — vazio por causa das investigações da morte de Alexis, que reabriram depois do meu depoimento —, e me aproximo do estacionamento onde minha moto está estacionada. Apanho

as chaves de um dos bolsos dos jeans e as giro entre meus dedos, minha cabeça ocupada demais relembrando a resposta de Edgar.

Certas coisas funcionam melhor quando deixadas em subtexto.

Que porra de subtexto é esse?, eu deveria ter respondido. *Qual é sua prioridade: salvar Tommy ou capturar Woody?*

Esfrego os olhos. Se tivesse falado aquilo, talvez ele me enxergasse ainda mais como uma pedra em seu sapato nessa investigação.

Posso mesmo confiar nele?, o pensamento me atinge instintivamente. A resposta é óbvia. *Não. Absolutamente não. Não depois do que vi naquele maldito anuário.* Um calafrio atravessa minha espinha. Esfrego os olhos com mais força. *Um monstro de cada vez. Quando tiver Tommy nos braços novamente, me preocupo com o resto.*

Alcanço a moto e encaixo a chave na ignição. Monto no banco. Antes de colocar o capacete, no entanto, meu celular vibra no bolso. Deve ser Babi outra vez, ou qualquer um dos caras do time.

Apanho o aparelho apenas pra não parecer um cuzão caso seja algo importante. Quando leio a prévia da notificação na tela de bloqueio, o mundo gira ao meu redor.



Desbloqueio a tela.



Meu corpo inteiro começa a tremer. O celular cai da minha mão, mas consigo segurá-lo contra o tanque da moto antes de se espatifar no chão. Olho ao redor, em todas as direções, me certificando de que não há ninguém ali. Não sei o que faria se tivesse. Talvez pedisse ajuda imediatamente. Eu deveria fazer isso, não deveria? É a mesma merda de antes. Tenho que levar isso para Edgar e deixar a polícia cuidar do caso.

Mas não consigo. Por vários segundos, não consigo fazer nada além de tremer e de ver as coisas girarem ao meu redor, o que me deixa com uma náusea aterrorizante, do tipo que nunca senti antes.

Eu sabia que E.V. tinha sequestrado Tommy. Sabia em minhas entranhas. Mas o limbo de não ter uma confirmação clara ainda me dava

algum tipo pífio de esperança. Como minha mãe costuma dizer, uma mentira bem contada pode machucar menos do que uma verdade dolorosa.

Começo a tremer mais, então percebo que estou hiperventilando. Meu peito sobe e desce sem que eu o controle. Minha boca seca. Tampoa com uma mão e tento engolir meu descontrole. Leio, releio e leio outra vez as mensagens. Aproximo o dedo da foto anexada, mas não tenho coragem de abri-la. Não tenho coragem de ver seja lá que merda aquele desgraçado fez com Tommy. Não tenho coragem de ver o que... o que minha covardia em assumir quem sou fez com Tommy.

Mas, ao mesmo tempo, eu preciso. *Preciso fazê-lo*. Não posso continuar sendo um covarde com Tommy. *Não posso*.

Meu dedo praticamente amassa a parte da tela em que está o ícone anexo, e a foto horrorosa preenche a tela.

Desço da moto despenco de joelhos no chão, consigo tempo suficiente apenas para me inclinar para o lado e vomitar meu almoço. As correntes, as bandagens, as roupas ensanguentadas e o porão escuro da foto se fixam em minha mente. Vomito mais um pouco.

Sento no chão e apoio minhas costas no motor frio da moto. Meus joelhos flexionados apoiam meus cotovelos e as mãos que seguram o celular. Encaro a foto outra vez. Está borrada pelas minhas lágrimas. Uma dor lancinante preenche meu peito bem no local onde meu coração fica, uma mão apertando a carne que faz o resto do meu corpo funcionar. Me falta ar.

Olho para cima, para o céu, e tento me concentrar em respirar corretamente. Contra as lágrimas incessantes e a mão que esmaga meu coração, é impossível. Acho que vou morrer. Por alguns segundos, *tenho certeza de* que vou morrer. Até me lembrar de que não posso.

Não posso morrer. Não agora. Não posso simplesmente fugir e deixar Tommy nas mãos daquele monstro. Não posso fazer o mesmo que minha mãe fez.

Então, por mais que pareça impossível, controlo minha respiração. Fico imóvel o suficiente para que a dor em meu peito lentamente se desfaça. Enxugo as lágrimas. Fecho a imagem aberta na tela e digito uma resposta.



A fúria é como um remédio para a dor em meu peito. Esfrego meu rosto de forma agressiva, me livrando dessa fraqueza inútil. Uso a

moto como apoio para levantar do chão. Soco o banco emborrachado enquanto espero pela resposta.

Ela não demora muito a vir.



Mastigo um dos meus lábios. Meus dedos começam digitar antes que minha mente possa pensar em qualquer outra coisa.



Meu peito aperta.

Paro por alguns segundos, apenas o suficiente para tentar pensar com clareza. Mas quando o sorriso de Tommy me invade como um disparo, não há porra de clareza alguma.



E é verdade. Eu faria qualquer coisa que ele quisesse. Faria qualquer coisa pra livrar Tomas daquele inferno. Meus dedos trêmulos batem contra o banco emborrachado enquanto espero sua resposta.

Desta vez, no entanto, demora uma eternidade a vir. *O que ele está planejando fazer com Tommy?* Começo a me desesperar.

Estou prestes a implorar outra vez quando uma mensagem nova aparece na tela.



17:05

54%

< Voltar

Número desconhecido

Detalhes

17:02

faço qualquer porra que vc quiser, mas prometa que não vai machucar ele



bom garoto

17:05

estacione sua moto no endereço do link

17:05

sozinho

17:05

se a polícia, se edgar vilarreal, se qualquer um desconfiar da sua ausência

17:05

diga adeus ao rostinho bonito do seu namorado

17:05



vai ser um prazer abrir o peito dele do msm jeito que fiz com aquele policial

17:05



Clico no link sem pensar duas vezes. O aplicativo de GPS abre um local a alguns quilômetros dali, entre São Paulo e uma das cidades do interior. Parece ser inóspito. *É claro. É claro que ele levaria Tommy para longe de Eastview.*

Engulo em seco. Olho para o prédio do colégio à minha frente, me lembrando da conversa com Edgar. Entre todos os pensamentos que cruzam minha mente, não alertá-lo sobre esse local parece o menos absurdo.

Decidi não recorrer à polícia da primeira vez, e agora farei o mesmo. Desta vez, no entanto...

Estarei preparado.

— Sei o que fazer — murmuro para mim mesmo.

Subo na moto, coloco o capacete e giro a chave na ignição.



ONZE

Matt

DIRIJO NO LIMITE DE VELOCIDADE PERMITIDO NAS RUAS DE **EASTVIEW** até chegar em casa. Não me permito parar por um segundo além do que preciso. Não me permito pensar em qualquer coisa que não seja Tommy. Não me distraio por um momento sequer do plano que se torna cada vez mais claro na minha mente.

Poucos minutos se passam, mas é tempo suficiente para o sol começar a se afastar no horizonte. Está escurecendo mais rápido do que o usual.

Volte pra casa. Logo ficará escuro.

Estaciono na calçada em frente ao muro de casa. Desligo o motor. Guardo a chave no bolso da jaqueta. Retiro o capacete e o deixo preso no banco. Se tudo correr bem, não vou precisar me afastar da moto por muito tempo. Respiro fundo em frente ao portão de casa, que mais se parece com as grades de metal de uma cela na delegacia de Eastview. Aperto os olhos e afogo a ansiedade que se disseminava em meu peito.

Abro o portão e corro em direção à porta da frente. Antes de entrar, já consigo ouvir os sons altos da TV na sala de estar reprisando

um jogo de futebol antigo qualquer. Era a mesma merda. Todo santo dia. Entro sem desacelerar meu passo e deixo a porta aberta atrás de mim. Praticamente pulo os degraus da escada branca que leva ao segundo andar. Cruzo o corredor e entro no meu quarto.

Paro. Analiso a bagunça que o lugar se tornou enquanto minha mente esteve presa no desaparecimento de Tommy. Há roupas sujas sobre as cadeiras, pedaços de hambúrgueres antigos e latas de refrigerante na mesa de estudos, conectores demais ligados em uma mesma tomada, meu notebook aberto em um site *supostamente* ilegal de compra de armas. Devia ser uma farsa. Para o Matt de ontem, não importava. Para o de hoje... importa.

Apanho minha mochila do colégio sobre as cobertas bagunçadas da cama e a esvazio de tudo que não seja minha carteira, meu canivete suíço e um casaco de Tommy que veio parar aqui por coincidência. Livros, cadernos, materiais didáticos: tudo o que é inútil é deixado de lado. Tento continuar arrumando o que preciso, mas simplesmente não consigo retirar os olhos do casaco cinza.

É estúpido. É estúpido. Se concentre, Mateus, minha mente diz, mas meu corpo não parece dar a mínima.

Pego o casaco do interior da mochila. O tecido é macio em meus dedos, lembra demais a pele de Tommy. Até as manchas nos bolsos, os pequenos arranhões nas cordas.

O rosto dele vem à minha mente.

Eu preciso de você, Matt. Muito. Não está sendo fácil lidar com toda essa merda. E ter você me tratando como uma aberração só torna tudo pior.

A voz dele também ecoa dentro de mim.

Levo o casaco até o rosto. Sinto o cheio residual ali. Um riso escapa dos meus lábios quando não sinto perfume algum, ou qualquer coisa que remotamente lembre Tommy. Acho que isso só acontece nos filmes.

Dobro o casaco e o coloco dentro da mochila outra vez.

Abro meu guarda-roupas. Pego todas as peças que vejo pela frente. Não tenho muita coisa, de qualquer forma. Dobro e enfito o que consigo dentro da mochila, mas evito deixá-la pesada demais.

Olho pro notebook, o retrato de minha mãe na escrivaninha ao lado da cama, a bola de basquete que ganhei do Sr. Fleet. Se eu tentar levar qualquer uma dessas coisas, vai ficar difícil de carregar a mochila, então desisto. Meu celular, a foto 3x4 da minha mãe que tenho na carteira e a jaqueta do time que estou usando vão ter que ser suficientes para substituí-las.

Fecho o compartimento principal da mochila. Engulo em seco, mas não penso em desistir do plano por um segundo sequer. Sempre achei que esse momento chegaria, que eu eventualmente fugiria desta casa. E, desde que conheci Tommy, sempre imaginei que fosse ter uma ou outra coisa a ver com ele.

Jogo a mochila sobre os ombros. Desligo o notebook. Dou uma última olhada no retrato de minha mãe.

Talvez fugir esteja na família.

Deixo o quarto, mas paro no topo das escadas. Tento espiar a sala de estar daqui, mas não consigo ver muita coisa. *Que se foda. Tenho que arriscar então.*

Caminho lentamente até o quarto do meu pai no outro lado do corredor e giro a maçaneta da porta com muito cuidado. Nunca fiz isso

com ele em casa antes. As dobradiças da porta não fazem um som sequer. Suspiro de alívio. Está vazio. Suspiro novamente.

Assim como o meu, o quarto dele está uma bagunça. Porém, está mais frio. As janelas não parecem ter sido abertas o dia inteiro.

Não penso demais, caminho direto até o guarda-roupas e o abro com tanto cuidado quanto a porta. Encaro as prateleiras e os cabides e um receio bem peculiar me atinge: *e se ele tiver mudado as coisas de lugar hoje em específico por algum motivo? E se descobriu de alguma forma que sei onde ele o guarda?*

Tateio a prateleira mais alta e afasto suas roupas até o metal frio e austero encostar em meus dedos. Meu coração palpita. *Ainda está ali.*

Apanho o revólver preto e cinza, sentindo o peso familiar em minha palma. Analiso de um lado, analiso do outro. O cão está travado. O cartucho de munição está cheio. Coloco um dedo no gatilho, e miro a parede vazia em minha frente, recuperando a prática.

Guardo a coisa na mochila quando me sinto confortável o suficiente. Viro em direção à porta, até que percebo algo que me interessa sobre a escrivaninha ao lado de sua cama. Apanho a carteira fina de couro. Abro-a. Meus dedos vão direto aos cartões de crédito e às notas. Devolvo-a à escrivaninha um pouco mais vazia. Guardo o que peguei na mochila, junto à arma.

Desço as escadas e considero fortemente passar pela porta aberta e nunca mais encarar esse homem. Fugir sem lhe dar qualquer tipo de satisfação seria pífio perto de tudo o que ele já me fez. Mas seria algo.

Aperto o corrimão diante desse pensamento. Minha mandíbula se retesa. Por mais que o impulso chegue bem próximo de me consumir, penso no retrato da minha mãe. Ela fugiu sem dar satisfações — para meu pai ou para mim, para ninguém.

Eu poderia fazer o mesmo? Meu pai sobreviveria a ser abandonado duas vezes da mesma forma?, os pensamentos cruzam minha mente. Eu os odeio, *me* odeio por ainda ter qualquer tipo de consideração com esse homem. Me xingo internamente de várias coisas. Xingo minha mãe por me abandonar com ele. Xingo minha incapacidade de sair por essa porta aberta sem um maldito adeus.

Afasto as mãos do corrimão, e as cerro. Continuo me xingando mentalmente enquanto caminho até a sala de estar. Me xingo quando cruzo a entrada do cômodo. Me xingo quando vejo as costas da poltrona que meu pai está ocupando em frente à TV.

Me xingo mentalmente quando abro a boca.

— Pai...

— Não fale comigo enquanto estou assistindo TV — ele rebate. Esfrego o rosto, e bufo. *Por que esperava por algo diferente?* Contraio os lábios. Agarro firme na alça da mochila e dou meia-volta em direção à saída. — Ei, espera... — ele me interrompe. — Você soube do desaparecimento daquele *viadinho*?

Meus ombros enrijecem. Me viro na direção dele lentamente, sentindo um misto de ódio e inquietação. Ele contorce o pescoço na poltrona até conseguir me fitar, mesmo com o corpo ainda direcionado à TV.

Continua em um tom risonho:

— Ele me ligou naquela noite perguntando por... — Quando vê a mochila em minhas costas, se interrompe; qualquer rascunho de riso morre em seu rosto. — O que está fazendo?

Ignoro a última pergunta e a desconfiança em sua voz.

— Como assim ele ligou pra você? — pergunto ríspido, severo, preocupado. Agarro a alça com mais força. — Na noite em que

desapareceu? — Meu peito começa a subir e descer sem controle. — Por quê?

— Não importa.

— É claro que importa — praticamente grito. Me aproximo de sua poltrona. Ele a vira para me encarar diretamente. — Por que ele ligou, pai?

— Queria falar alguma merda pra você.

Sinto meu coração se partir ao meio. Desvio o olhar para o lado, tentando me controlar. A frustração sobre meus ombros cresce, e cresce e cres—

— Você não pensou em me dizer isso até agora? — vocifero, minha voz entrecortada pelos suspiros profundos.

Meu pai arqueia as sobrancelhas, um brilho repreensivo em seu olhar.

— Não tem importância alguma — diz, e levanta da poltrona. Ele é quase trinta centímetros mais alto do que eu, preciso curvar a nuca para cima para acompanhá-lo. — O que importa é que aquele degenerado agora está bem longe de nós.

Arqueio as sobrancelhas da mesma forma.

— Você fala como se tivesse alguma coisa a ver com seu sumiço — falo em um tom acusatório, e ele percebe.

— Honestamente... — rebate, risonho como antes — gostaria de ter mesmo. Garotos como ele... — uma lufada de ar escapa de sua boca — você sabe.

— Não, eu não sei. Por que você não me explica? — Arregalo os olhos, já sem intenção alguma de esconder meu ódio. — Garotos como ele...?

— São aberrações — responde em um tom ácido, seus ombros se erguem, tensos. — E como toda aberração... — nega com a cabeça, o olhar se distanciando — deveriam ser abatidos o quanto ant—

Não permito que ele termine essa frase de merda. Os nós dos meus dedos encontram seu rosto em um estampido alto e doloroso, bem no maxilar, bem onde sei que vai doer e sangrar.

Ele perde o equilíbrio e precisa se apoiar na parede mais próxima para não cair. Mantenho meu punho erguido, em posição de defesa, caso ele tente revidar.

Meu pai cobre o local do golpe com a mão e me fita em parte assustado, em parte furioso.

Sinto pequenas descargas de eletricidade se espalharem a partir dos meus dedos, consumindo meu corpo até o interior. Meu pai podia ser maior, mais forte, mais cruel... mas eu estava cansado de conviver com esse tipo de merda.

— Agora eu sei por que minha mãe não aguentou ficar aqui — digo com a mandíbula tensa, um tipo diferente de nojo em meu rosto. Não. Não é nojo. *É pena.* — *Você é a aberração aqui, pai.* Lembre-se disso — cuspo, e viro de costas.

Algumas lágrimas se acumulam em meus olhos, as enxugo sem muita delicadeza.

— Para onde acha que está indo? — ele pergunta às minhas costas quando deixo a sala de estar e me aproximo da porta da frente. Ouço seus passos apressados atrás de mim.

Não respondo até estar do lado de fora da casa, até sentir a brisa fria do estado de transição entre a tarde e a noite. *Crepúsculo*, a voz de Tommy ecoa em minha mente, *é minha parte preferida do dia.*

Abro o portão com um chute.

— Pra algum lugar bem, *bem* longe daqui — respondo depois de subir na moto.

Meu pai fica parado na porta de casa, chocado demais com minha fuga súbita ou covarde demais para falar qualquer coisa que possa me convencer a ficar.

Giro a chave na ignição da moto. Coloco o capacete. Antes de descer o visor, dou uma última olhada no rosto detestável do meu pai: sangrante, machucado. Acelero para longe, para o local que E.V. me enviou.

— Matt... — seus gritos desaparecem sob o barulho do motor. —
Mateus!



DOZE

Tommy

PASSO O DIA INTEIRO SOZINHO.

Sem água. Sem comida.

Desesperado. Angustiado. A um passo de enlouquecer pensando em qual será o próximo passo de Woody, e o que ele planeja fazer com Matt.

Meu estômago dói. Não por fome, mas por ansiedade. Minha garganta está seca. Não por sede, mas por medo. O corpo mutilado, aberto, de Scooper e o rosto sem vida, estrangulado, de Alexis me vem à minha mente quando tento imaginar Matt.

Meu peito dói. Eu preciso salvá-lo.

Mas como? Como posso fazer qualquer merda com as mãos presas nestas malditas algemas, preso neste maldito porão?

Grito internamente. Meu peito dói. Cada fibra do meu corpo agoniza.

A única coisa pior do que ser ferido..., uma das professoras do orfanato me disse uma vez, é ver alguém que você ama ser machucado.

Ainda assim, não tenho outra opção a não ser continuar nesta angústia de não saber que merda está acontecendo, ou vai acontecer.

Woody só retorna ao porão ao anoitecer. Reajo ansiosamente à abertura da porta, esperando ver o corpo ensanguentado de Matt ser carregado em seus ombros.

— Desculpa ter te deixado sozinho por tanto tempo — Woody diz enquanto desce os degraus —, tive muito trabalho até decidir o que fazer, sabe?

Quando chega à base da escada, percebo que não há nada em seus ombros, nem corpo nem sinal de Matt em lugar algum. *Corpo*, que pensamento horrível. As roupas de Woody não estão manchadas de sangue nem amassadas demais. *Graças a Deus*.

Suspiro aliviado e fecho os olhos. Matt ainda está salvo. *Graças a Deus*.

Woody continua se aproximando. Quando alcança o colchão, abro os olhos e o encaro outra vez. Não há traços de sangue ou de luta em suas roupas, mas ele traz duas coisas nas mãos: um rolo de fita cinza e uma corda grossa e amarela.

Ele se agacha, se aproximando mais.

— O que você vai fazer? — questiono assustado, me comprimindo contra a parede às minhas costas.

O rosto de Woody está diferente de desta manhã. Está mais frio, mais inexpressivo. Além disso, sua voz está mais severa, seus gestos, mais imponentes.

— Se você colaborar, não precisa se machucar — responde em um tom vazio de qualquer emoção. Deixa a corda no chão, mas não solta a fita. — Agora, vem aqui. — Agarra minha camisa suja e me puxa para

frente. Meu corpo treme sob seu toque. — Não resista — ordena, me encarando profundamente.

Suas mãos se afastam de mim e abrem a fita, puxando sua extremidade o suficiente para um longo pedaço ficar exposto. Ele o corta com os dentes.

— O qu—

Meus lábios são obstruídos por essa coisa. Me debato, tento empurrar a cola com a língua, mas ele se apressa e enrola o pedaço longo pela minha nuca.

— Assim. Ótimo.

Balanço a cabeça de um lado para o outro violentamente quando ele me solta. Grito com os lábios fechados. Arregalo os olhos, tentando implorar a ele que me solte, mas minha garganta dói pela secura.

— Não precisa ter medo — afirma com um sorriso cáustico no rosto. Eu choraria se ainda tivesse lágrimas dentro de mim. — Em breve, seremos só eu e você.

Toca as laterais do meu rosto. Seus polegares acariciam a parte superior da minha bochecha. Ele segura meu queixo e, sem qualquer tipo de aviso, me beija sobre a fita.

— *Hm* — grunho, e tento me afastar. — *Hmm!!!*

Ele afasta meu queixo bruscamente e permanece me encarando. Retira uma chave do bolso traseiro da calça. É a chave das algemas.

— Tem só mais uma coisa que eu preciso fazer. Só uma. — Observo-o destrancar a algema da minha mão direita, e a da esquerda em seguida. Meus braços caem sobre meu colo como os braços de um boneco inflável, sem sustentação. Grunho baixinho e me aperto contra a parede atrás de mim. Massageio os pulsos em carne viva até sentir algum tipo de alívio. — E você é parte dela — sussurra.

— *Hm?* — Meu cenho se franze.

— Você descobrirá logo — diz. — Posso confiar em você o suficiente pra te deixar sem algemas por um tempo? — Ergue uma sobrancelha.

Não sei o que responder. A pergunta é retórica, certo?

Sua expressão se fecha ainda mais com meu silêncio.

— Usa a porra da cabeça e me responde, caralho.

Meneio positivamente, sem encará-lo nos olhos. Penso em mil coisas que poderia fazer para tentar fugir agora, com minhas mãos livres, mas então penso em Matt, em seja lá o que Woody esteja planejando fazer, e todas as possibilidades evaporam da minha mente.

Duarte apanha a corda ao seu lado e levanta do colchão. Em pé, estende uma mão para me ajudar a fazer o mesmo, um brilho arrogante em seu olhar, um sorriso atroz em seus lábios finos.

— Pronto? Seu namorado está quase aqui.

Parte

IV

A mentira

dos anjos

"Esse é o final.
Inspire fundo
e conte até dez"

Skyfall
(Adele)



TREZE

Matt

D EPOIS DE MEIA HORA, desvio da rodovia principal e pego um atalho até o endereço do link que Woody me enviou. O asfalto acaba depois de alguns minutos, e os pneus da moto se sujam com a estrada de terra. Estou cercado por vegetação e morros. Quando olho para trás, não consigo ver qualquer outro sinal de civilização. Engulo em seco, mas sigo em frente.

O celular está preso ao guidão, e o GPS aberto me indica o caminho a seguir. A linha azul da trajetória se torna menor e menor, até finalmente acabar. Estaciono no local indicado e retiro o capacete do rosto.

Olho ao redor, atento a qualquer som estranho, qualquer movimentação suspeita. Mas não há nada além do canto longínquo de um pássaro.

Suspiro. Desço da moto. Prendo o capacete no guidão e solto meu celular. A bateria está quase acabando. Desligo os dados móveis: vou precisar dos últimos resquícios de energia caso precise ligar para a

polícia ou pedir uma ambulância. Não tenho certeza de qual possibilidade me assusta mais.

Meu peito se aperta quando imagino que Tommy está por aqui em algum lugar. Está mais próximo de mim do que estive nos últimos dias. Fito o interior da floresta, os morros altos e longínquos, verdes e marrons.

Onde está você?

Sinto um súbito impulso de gritar por ele, mas me contenho. Apesar do barulho da moto, ainda é possível que eu pegue Woody desprevenido.

Meu coração acelera. Observo o caminho pelo qual cheguei até aqui e então o restante da trilha à minha frente. Eu poderia cortar caminho pela floresta, não me expor de forma tão estúpida, mas... não sei até que ponto ele está disposto a ir para machucar Tommy. O melhor era dançar conforme sua música, fazer a merda que ele quisesse, esperar sua guarda baixar e só então tomar minha chance.

Parado próximo à moto, retiro a mochila das costas e abro o compartimento principal. Apanho o revólver e o destravo. Miro em uma direção qualquer, depois o escondo na parte de trás da calça.

Ele não espera por isso. Um tiro na cabeça. Apenas um, é tudo o que preciso. Uma risada baixa me escapa.

Enfio a mão mais fundo no compartimento da mochila até encontrar meu canivete suíço. Abro a lâmina e a fecho logo em seguida. *Se a arma do meu pai falhar, pelo menos essa coisinha aqui nunca falhou.* Guardo o canivete no bolso frontal da calça.

Deixo a mochila sobre o banco da moto, não vai ser útil agora.

Começo a caminhar à frente, seguindo a trilha amarela de terra que corta a vegetação.

O cano do revólver está a um segundo da minha mão, penso quando meu coração começa a palpitar. Meus olhos alternam entre o resto do caminho e a vegetação ao meu redor. Não há motivos para entrar em pânico agora. Engula isso.

Mas quando passo por uma leve curva na trilha e me deparo com uma clareira, rente ao pequeno caminho de terra e propositalmente desmatada, entro em pânico.

Tommy está ali, amarrado a uma árvore de tronco grosso, a nuca curvada para baixo. Suas roupas estão sujas e ensanguentadas, uma fita recobre a boca e há bandagens imundas no pescoço. Meus olhos ficam úmidos instantaneamente. É como ser apunhalado.

— Tommy...? — murmuro para mim mesmo, mas não tenho dúvidas. — *Tommy!* — disparo em sua direção. Ele se assusta ao ouvir minha voz.

Ele está vivo, é o primeiro pensamento que cruza minha mente. Graças ao maldito Deus está vivo. Se aquele desgraçado tivesse—

Quando nossos olhos se encontram, sinto algo dentro de mim se partir. Meus passos aceleram. Meu coração quase pula pela boca. O desespero queima meu peito e minha garganta, me nauseia. Tudo em que consigo pensar é em livrá-lo dessas amarras e levá-lo de volta à moto, fugir para bem longe daqui.

Quero dizer isso a ele. Quero dizer que tomei a decisão mais importante da minha vida, e que, ao mesmo tempo, foi a mais fácil. Quero dizer que sinto muito por tê-lo deixado sozinho naquela noite, que nunca mais vou deixá-lo sair do meu campo de visão novamente.

Quero dizer tantas coisas, e todas elas ficam presas em minha garganta quando o alcanço.

— Hm... — geme sob a fita na boca. — *Hm!*

Seus olhos se arregalam, tentam me contar algo.

Franzo o cenho.

Há algo diferente nos olhos de Tommy. Não é alívio por me encontrar, não é desconforto pela corda que envolve seu torso inteiro e o aperta contra o tronco. É outra coisa, algo tão peculiar que levaria algum tempo para ser decodificado. E eu não tenho o caralho desse tempo.

Me ajoelho ao seu lado, os olhos nas cordas. Arranco o canivete suíço do bolso.

— Está tudo bem — digo apressadamente e logo começo a cortar as cordas. — Estou aqui.

Tento lhe dar algum tipo de segurança, mas entre confortá-lo e livrá-lo deste lugar de merda... a escolha não é difícil.

A adrenalina faz meus braços empregarem no canivete mais força do que costumo ter. Há três voltas prendendo Tommy à árvore. A lâmina parte as duas primeiras sem muitos problemas. A terceira é a mais firme, no entanto, e demanda um pouco mais de tempo.

— Hm! — ele geme outra vez quando o canivete começa a desfazer a última parte que o prende. — *Hm!*

Encaro Tommy outra vez, então paro o movimento sobre a corda. Toco seu rosto exasperado com as mãos. Talvez esteja com dor no ferimento sob as bandagens, ou em algum outro lugar.

— O que ele fez com você? — pergunto angustiado.

Ele começa a se debater, tentando se livrar da corda por conta própria. Lágrimas se acumulam em seus olhos. Começa a grunhir em completo desespero, como se *eu* estivesse prestes a machucá-lo.

Confuso, uso o canivete para cortar a fita sobre sua boca e livrá-lo da mord—

CATORZE

Tommy

A TRÁS DE VOCÊ! — grito antes mesmo que a fita esteja totalmente fora da minha boca; seu canivete permanece grudado ali. A voz rasga minha garganta, sai fanha e aguda demais, mas é o suficiente para fazer a atenção de Matt finalmente se voltar para a figura atrás dele.

É tarde demais, no entanto. Woody acerta sua cabeça com o cabo do machado que balançava de um lado para o outro enquanto se aproximava.

Matt é arremessado para o lado, alguns ossos de seu rosto certamente se partem com o golpe. Parte do seu sangue respinga sobre mim e a outra parte se espalha pelo chão enquanto ele rasteja grunhindo de dor, ainda tentando compreender o que aconteceu. Duarte poderia matar Matt bem ali, sem qualquer tipo de resistência. A lâmina do machado parece afiada e pesada o suficiente para decapitar uma pessoa com apenas um movimento certo.

Mas isso não é sobre acabar com Matt, mas sobre acabar com Matt *em minha frente*, me fazer entender toda a merda que achava que

eu ainda não tinha entendido sobre ele. Woody queria matar Matt devagar, brincar com a presa em minha frente.

— *Não!* — grito para Woody, todo o ódio dentro de mim concentrado em meu olhar enquanto o encaro. Continuo me debatendo contra as cordas, que ainda me prendem firme demais para que apenas o peso de meu corpo consiga arrebentá-las ou afrouxá-las.

O psicopata, por sua vez, tem um sorriso vitorioso no rosto ao me ver resistir, ao ver Matt rastejar. Um sorriso cheio de dentes, radiante, orgulhoso. Entretido, apoia o machado sobre os ombros. Quando Matt se revira no chão e consegue encará-lo, Woody chuta seu queixo, fazendo seu corpo se contorcer para trás. Mais sangue respinga dos ferimentos de Matt, mais grunhidos de dor ressoam pela floresta.

Minhas objeções são inúteis, não servem para porra alguma além de satisfazê-lo.

— Não, por favor... — imploro, mas, de um instante para o outro, Woody está diferente.

Sua expressão corporal está mais rígida, calculada, o brilho de sadismo em seu rosto está mais acentuado. Há algo desumano na forma como estreita os olhos em minha direção, algo que me faz perder todas as esperanças em implorar. Porém, quando ele caminha em direção ao corpo desnorteado e ensanguentado de Matt, tento outra vez, mesmo que por instinto:

— Por favor — e, como imaginava, é como se minha voz não existisse.

Woody deita o machado ao seu lado e monta sobre o peito de Matt, prende os braços dele com os joelhos e limita a expansão de seus pulmões com o peso do corpo.

Isso faz algo dentro de mim despertar, um instinto de sobrevivência que nunca senti antes, mesmo quando era esmurrado pelos garotos maiores no orfanato, mesmo quando chegava bem próximo de ser adotado e não era, mesmo na noite em que vi Alexis ser morto, mesmo quando achei que eu mesmo iria morrer na delegacia.

Algo frio toca minha bochecha, e me torno consciente do metal balançando na fita presa ao meu rosto. *O maldito canivete.*

Matt respira com dificuldade uma, duas vezes, até receber o primeiro murro no nariz. Ouço a cartilagem quebrar, entortando de forma bizarra. Meus punhos se cerram pela agonia de assistir a isso.

Antes que a situação piore, tento desesperadamente soltar o canivete da fita. Apenas com meus músculos faciais, não consigo. Preciso esfregar meu rosto contra a casca áspera da árvore para conseguir soltar a coisa. O movimento é doloroso e parece esfolar minhas têmporas, mas vale a pena.

A pequena lâmina de metal aberta cai no chão, um pouco longe das minhas mãos. Me estico penosamente contra as cordas até conseguir tocá-la. Meu coração palpita, mas não perco tempo algum. Com um pouco de malabarismo do meu pulso dolorido, seguro o objeto no ângulo certo para deslizá-lo sobre a corda.

Percebo, então, que fiquei tempo demais em silêncio.

— Não — murmuro mecanicamente e arrasto minhas pernas sobre a serrapilheira, balançando folhas como se ainda tentasse me debater contra as cordas. — Por favor!

Me volto à cena que se desenrola em minha frente. Os murros de Woody já parecem atingir um Matt anestesiado, semiconsciente. Ele não reage quando seu sangue começa a pintar os nós dos dedos de Woody, o máximo que faz é cuspir quando parece prestes a se engasgar com o

próprio sangue. Não consigo encarar a cena por muito tempo, volto a me concentrar no canivete.

— Pare. — Os murros continuam, então corto a corda com mais força. — *Pare.* — Continuam, corto com mais força. — *Pare!*

Os murros cessam, e as cordas se rompem.

Woody levanta do chão, o corpo cambaleante pelo esforço que empregou em destruir o rosto de Matt, a respiração profunda como a de um monstro, os ombros largos parecendo mais imponentes do que nunca, mais assustadores do que nunca.

Ele apanha o machado abandonado ao seu lado e encosta a lâmina sobre o pescoço de Matt. Empina o nariz, encarando o garoto sob si com um desprezo ardente, contagioso. O desprezo de um predador que encara a carcaça da presa depois de sujar os dentes com sua carne.

— Últimas palavras? — murmura tenso, sua mandíbula tremendo.

Matt cospe um amontoado de sangue e saliva sobre si quando tenta murmurar alguma coisa. Seu rosto machucado vira para o lado, em minha direção. Ele sorri, um sorriso ácido, doloroso, intenso. Um sorriso que deixa Woody confuso.

— *Vá para o inferno* — Matt diz ao se voltar para ele.

Woody se vira para trás lentamente, lento demais para me fitar antes da lâmina do canivete penetrar seu pescoço, bem na jugular, fundo o bastante para dilacerar a artéria, o esôfago, a traqueia e com violência e certeza o suficiente para ser irremediável. Giro a lâmina para cima antes de me afastar. A base do canivete fica protusa para trás, a lâmina completamente envolta em sua carne.

O psicopata continua se virando em minha direção enquanto percebe o que acabou de acontecer. Seus olhos se arregalam, perplexos,

mas é tarde demais. Tenta falar algo, mas um esguicho de sangue pula de sua garganta, manchando a mim, o chão entre nós, e ele próprio. Sua boca logo é preenchida de sangue. O pulmão deve estar também.

Sua mão solta o cabo do machado por choque ou fraqueza. A pressão da lâmina sobre o pescoço de Matt se desfaz, e a arma cai ao lado. Woody me fita profundamente, como uma criança encarando um fantasma, como um pai encarando um filho desobediente, como uma vítima encarando um assassino. Suas mãos se fecham na base do canivete, e ele faz a única coisa que poderia fazer nesse momento para me ajudar: arranca a lâmina do pescoço. Um rio vermelho escuro deixa o ferimento, fluindo do pescoço como uma nascente, caindo em direção ao chão delicadamente. A lâmina também padece em meio às folhagens mortas, esquecida como o machado. Tenta estancar o ferimento com uma das mãos, mas o sangue vaza pelos vãos entre seus dedos.

Sua expressão antes chocada se fecha em ira. Mesmo nos últimos fôlegos, não parece desistir de me destruir, não parece aceitar sua morte ou sua derrota, e sua atenção se volta totalmente a mim. Dá dois passos largos à frente e consegue me alcançar. Sua mão envolve minha garganta e me eleva do chão.

Seu aperto é mais forte do que jamais foi; não há qualquer rascunho de benevolência ou arrogância em seu rosto, não há sequer qualquer traço da psicopatia que deve tê-lo levado a me sequestrar para início de conversa. Há apenas ódio puro e pragmático.

Enquanto encaro o brilho esverdeado de seus olhos e sinto a escuridão se aproximar à medida que o fôlego me deixa, me pergunto se toda essa merda pode ser verdade, se ele é mesmo um ser de mais de trezentos anos de idade que não pode morrer.

*A ferida em seu pescoço vai simplesmente se fechar sozinha?
Eastview tem mesmo um psicopata imortal andando por suas ruas?*

Mas enquanto os segundos se prolongam, o líquido escarlate de suas veias continua jorrando para fora pela ferida e pela boca, escorre entre os dedos até seu aperto em minha garganta se afrouxar. Woody começa a tremer, como se lentamente perdesse controle sobre si, mesmo que devagar demais. Mais um pouco e eu estaria acabado. Seus dedos se arrastam até a base de minha mandíbula e seguram meu pescoço e minha nuca simultaneamente. Seu polegar se apoia em meu pomo de adão. É quando me dou conta de que ele se prepara para quebrar meu pescoço.

Uma última tentativa de me prender a ele para sempre? Um último esforço miserável de levar seu Benji para o mesmo buraco no Inferno?

Quando sinto o golpe se aproximar, olho para trás, para além da cabeça de Woody, para a mancha ensanguentada e quebrada que ele esqueceu no chão, e sorrio. Um sorriso ácido, doloroso, intenso. Um sorriso que deixa Woody confuso.

Ele escuta o som do gatilho antes de sentir o projétil penetrar seu flanco direito. O tiro o impulsiona para frente e seus dedos largam meu pescoço definitivamente. Caio sem jeito no chão, inspirando fundo para tentar recuperar o fôlego.

Matt está de pé, o revólver firme em suas mãos enquanto sangue continua se derramando de seu rosto, do nariz quebrado, dos inúmeros cortes em sua testa. Woody se volta para nós como um animal preso entre dois caçadores, sem qualquer tipo de reação além de segurar com a mão livre o local do flanco onde a bala o penetrou.

No chão, agarro minha garganta com força e tusso várias vezes até sentir o ar atravessar minha traqueia com facilidade outra vez. Olho para cima.

Woody se joga na direção de Matt. De longe, meu namorado consegue disparar duas vezes — ambas nos ombros de Duarte —, antes de ser derrubado. O revólver é arremessado de sua mão e cai no chão como uma fruta podre do topo de uma árvore. Os dois rolam algumas vezes, a terra do solo se emaranhando entre as feridas e ossos quebrados, até pararem sem muito fôlego a alguns metros dali.

Mesmo com o pescoço, o ombro e o flanco em retalhos, Woody ainda consegue se erguer, um pouco cambaleante. Matt, por outro lado, parece em pura agonia pela queda brusca. Duarte chuta sua boca, fazendo mais sangue escapar de seus lábios, e pisa sobre seu pescoço, ameaçando quebrar sua traqueia.

No chão, vejo o machado abandonado na metade do caminho entre mim e eles. Não penso muito. Não tenho muito em que pensar, para ser honesto. Mesmo sem estar totalmente recuperado, me lanço à frente. Apanho a arma com as duas mãos e, meio correndo, meio tropeçando, desfiro a lâmina afiada e pesada sobre as costas de Woody, cortando o tecido de sua camisa, sua pele e qualquer coisa que esteja por baixo. É apenas um golpe, simples e certo, mas demanda todo o meu equilíbrio. Acabo caindo de joelhos no chão.

Woody se enrijece e se contorce à frente, seus braços se elevam no ar como se fosse crucificado. Um único gemido de dor consegue escapar de sua garganta apesar do sangue.

Me arrasto no chão para longe, o machado ainda em minhas mãos. Matt consegue superar a dor o suficiente para fazer o mesmo.

Duarte despenca sobre o chão, ajoelhado, as costas fatiadas, mas sua nuca ainda erguida.

Que merda?

Matt e eu nos erguemos do chão ao mesmo tempo e observamos o homem entre nós com olhares preocupados e assustados. Vejo o garoto do outro lado se engasgar e engolir algo, talvez sangue, talvez um dente quebrado. Seu rosto está destruído, mas seu peito ainda sobe e desce profundamente. Esfrego a base do meu pescoço e tusso mais uma vez. Vamos sobreviver. Nós dois vamos sobreviver. Mas Woody não. Woody não pode sobreviver. Se há uma maldita certeza em minha vida, é que esse desgraçado não pode ver mais um pôr do sol sequer.

Matt parece chegar à mesma conclusão ao mesmo tempo. Trocamos mais um olhar, demorado e cheio de coisas que poderíamos dizer em voz alta, mas não precisamos. Não mais.

Woody se vira em minha direção, ainda de joelhos, e faz menção a se erguer do chão. Há uma dor fria, distante, em seu rosto. A dor de um amante abandonado, talvez. A dor de alguém que esperou séculos para ser apunhalado pelas costas — se ele realmente acredita nisso.

Contraio os lábios, bufando, quando Matt corre em direção ao psicopata, o agarra pelas costas dilaceradas e o imobiliza em um abraço convicto e doloroso. Woody tenta se debater, mas suas tentativas são em vão. Matt envolve os ombros de nosso inimigo de modo a deixar o peito dele totalmente exposto para mim.

Eu sei o que fazer, penso enquanto dou o primeiro passo em sua direção. Minha respiração dispara, meu coração sobe à garganta. O machado em minhas mãos vacila por um segundo durante a corrida. Apenas um segundo. Em todos os outros, está firme e furioso.

Você sabe o que fazer, os olhos de Matt me dizem enquanto encerro a distância até eles, o machado se erguendo até meu ombro em um movimento oblíquo, desenhando sua trajetória de descida.

Obrigado.

A lâmina desce, cravando-se no peito de Woody com um estampido abafado de metal estilhaçando carne e osso. Cravo-o com toda minha força no lado direito de seu torso, e então o arrasto até onde posso, até alcançar a axila esquerda.

Sangue espirra em meu rosto, minhas roupas e cada centímetro da minha pele que está em frente a ele. E isso me deixa estranhamente... eufórico.

Abrir o peito de uma pessoa é bem mais fácil do que imagina.

Minha respiração está descompensada enquanto observo a fissura longa e profunda que abri no peito de Woody. Meu olhar sobe até os olhos dele, e enxergo ali, para meu maldito prazer, as primeiras e últimas lágrimas que jamais veria em seu rosto. São lágrimas secas, inertes.

Você só precisa de uma lâmina longa e bem afiada.

Matt o larga e se afasta. O olhar pálido, aflito e triste de Woody ainda repousa com vida sobre mim por alguns segundos. Observo-o piscar uma, duas, três vezes. Ele não pisca na quarta, e finalmente se deita de bruços sobre o chão, os olhos e lábios bem abertos, as lágrimas inertes se misturando à terra, seu sangue nutrindo o solo da floresta.

Ela corta a carne como se fosse uma barra de manteiga.

Inspiro profundamente e dou alguns passos para trás como se tivesse acabado de levar um murro. É um murro de alívio. Caio sobre meus próprios joelhos, o machado sujo de sangue até o cabo esquecido ao meu lado. Encaro fixamente minhas mãos trêmulas e frias, banhadas por um sangue que não é meu.

Embora esteja inundado de alívio, a atrocidade do que acabei de fazer me atinge lentamente, escala a parede construída pelo medo e pelo desespero sobre minha moral e derruba tijolo por tijolo até eu ser completamente atacado pela monstruosidade que me tornei, pelas monstruosidades que estas mãos manchadas de sangue cometeram. Meus lábios também tremem, e só sinto as lágrimas que me deixam quando caem sobre meus dedos, se misturando ao sangue de Woody.

Os braços de Matt me envolvem antes que eu possa perceber que ele se moveu de lugar, caminhou até mim e passou pelo corpo sem vida à minha frente. Me aperta forte, mais forte do que jamais apertou, e encaixa o rosto fraturado no vão entre meu ombro e o pescoço. Há umidade em seus olhos também, e a sensação fria contra minha pele me fazer tremer ainda mais.

— *Matt...* — tento dizer, argumentar qualquer coisa, me lembrar de que não sou apenas um animal de sangue frio. — *Matt...* — minha voz vacila.

Com um dos braços, ele obriga minhas mãos ensanguentadas a se abaixarem.

— Está tudo bem. — Beija a lateral do meu rosto, sua testa encosta em minha têmpora. — Está tudo bem agora. — E me agarra com ainda mais força, como se eu pudesse escapar de seus braços.

Não tenho opção, nem gostaria de ter, além de agarrá-lo da mesma forma. Fecho os olhos quando o calor dele passa de seu corpo para o meu e começa a desfazer a sensação fria, vazia e pegajosa dentro de mim: a sensação que um monstro deveria sentir.

As lágrimas se afogam sob minhas pálpebras, a parede sobre minha moral se eleva outra vez quando me lembro da tortura que sofri nos últimos dias, quando me lembro da morte de Alexis, da *forma* como

Woody falava sobre Alexis. Então, um novo tipo de nojo me preenche... um nojo por estar banhado no sangue dele.

Matt me mantém em seus braços; nossos peitos se movimentam no mesmo ritmo, nossas respirações encontram um meio-termo confortável entre a minha ansiedade e a calma dele. Meu peito desacelera a cada segundo. E, mesmo durante esses segundos, ainda tenho a impressão de que Woody vai se levantar do chão, pegar seu machado e acabará o que começou.

Nós não morremos, a voz dele ecoa em minha mente. *Nós não morremos*. E a cada vez que a voz me atinge, meus músculos enrijecem. E, quando enrijecem, Matt me envolve mais forte. E, quando me envolve mais forte... relaxo.

O ciclo se alonga por segundos, e então minutos.

Até que um novo som se ergue no lugar: o som de um motor.

QUINZE

Tommy

É O MOTOR DE UM CARRO. Matt também percebe, e encaramos juntos a chegada da viatura de Edgar pela estrada de terra que corta a floresta. Meu cenho se franze. Fito Matt. Os vincos em sua testa estão ainda mais profundos do que os meus.

Edgar freia o veículo bruscamente quando nos avista, desce e corre em nossa direção. Vê-lo correr depois de tudo o que aconteceu não é exatamente reconfortante. Eu desejava que fosse. *Deveria* ser. Mas as palavras de Woody ainda ecoam na parte de trás da minha cabeça.

Fugimos de Salém e viemos pra essa colônia. Fundamos Eastview, e permanecemos isolados do restante do mundo até então. Por que acha que é tão difícil sair e entrar daqui?

Minha mandíbula se retesa.

Nós não morremos.

Mas Woody está morto, não está? Isso significa que tudo aquilo era mesmo um delírio, certo? *Certo?*

— *Tommy!* — Edgar grita enquanto corre. A arma em suas mãos é apontada ao corpo sem vida de Woody. Quando se dá conta de que não

há outra ameaça à vista, ou ao redor, encaixa o revólver de volta no coldre do cinto.

Para minha surpresa, Matt não se afasta completamente de mim, seus braços continuam me envolvendo. Em seu rosto, há uma objeção quase absurda, uma hesitação inexplicável à chegada de Edgar. Enquanto o policial parece ter se certificado de que não há mais ameaças à vista... *Matt não parece tão certo.*

— Você tá bem? — Edgar faz a curva ao redor do cadáver de Woody e se aproxima de mim. Matt se afasta pela primeira vez, mesmo que contra sua vontade.

— Acha que estou bem? — respondo sem pensar muito. Engulo em seco, me arrependendo pelo tom grosseiro logo em seguida.

— O que ele fez com você? — Ele se agacha e toca a lateral do meu rosto. Matt se levanta do chão e dá alguns passos para trás como se algo em Edgar o incomodasse. Fico em silêncio, pensando em uma maneira de colocar os últimos dias em palavras. Quando fito Woody, não consigo. O policial percebe isso. — Não, não precisa falar agora.

— Como você...? — É Matt quem pergunta, sobrancelhas erguidas e olhar acusatório.

— Era óbvio que Duarte tentaria te eliminar e que você não me informaria merda nenhuma. É teimoso demais. — Edgar responde em um tom descontente, a expressão séria, mas calma, como se a situação ao redor não fosse nada menos do que um inconveniente para ele. Seu olhar paira sobre Matt, e então sobre mim. — E você também. O que pode ter passado por sua cabeça pra não falar nada sobre isso? — Aponta com uma mão para o corpo de Woody; a poça de sangue debaixo de seu corpo se torna mais escura pelo contato com a terra.

— Não era... Não era tão simples.

— Foi culpa minha — Matt intervém — e você sabe bem disso.
— A expressão desconfiada no rosto dele se acentua.

— E agora tenho um cadáver para cuidar... *por sua culpa*, Mateus.

Edgar ergue o queixo e afasta as mãos de mim momentaneamente. Assente e suspira.

— Bom... — Dá uma leve olhada para o cadáver do antigo professor de biologia. — Isso não importa mais — diz de forma despreocupada, e volta a nos encarar. — Vocês agiram em autodefesa.

A serenidade com que diz isso me deixa inseguro por algum motivo. Me lembro da vida que tive antes de Eastview, de como era ser transferido de um orfanato para outro orfanato, e calafrios atravessam minha espinha.

— O que vai acontecer agora? — pergunto com medo.

Edgar se aproxima outra vez e segura minha cabeça pela lateral, seus dedos se entremeando entre meus fios úmidos e pesados pelas gotas de sangue.

— Nada. Nada vai acontecer com você, me entendeu? Não vou permitir. — O tom de segurança em sua voz me reconforta, embora eu ainda sinta a inquietação de Matt atrás de mim, como se as palavras do meu pai adotivo apenas o deixassem mais inseguro. — Esse pesadelo finalmente acabou, me ouviu? Está tudo acabado. Ninguém mais vai machucar você. — Seus olhos se erguem até a figura além da minha cabeça. — Vamos levar vocês dois pro hospital de Eastview... — diz calmamente — e então voltarão pra casa.

Seu olhar sereno repousa sobre mim outra vez.

— Laura e eu estivemos desesperados, Tommy. — Seus braços me envolvem, me abraçam. Minha cabeça descansa confortavelmente

contra o peito de seu uniforme. Sinto sua respiração e o batimento de seu coração. Ambos estão lentos. Se Edgar está tão despreocupado, então eu também deveria ficar. Talvez Matt só esteja em choque. — Está tudo bem agora. Seu pai está aqui. — Ele beija o topo da minha cabeça.

Me permito aproveitar o momento, deixar que a calma de Edgar, seu cheiro amadeirado e seus batimentos lentos me embalem. Fecho os olhos.

Se ele fosse parte de nossa comunidade, provavelmente estaríamos todos mortos neste momento, uma voz estranha ecoa em minha mente. Abro os olhos quando reconheço a voz de Edgar naquela visão. Se houvesse alguma coisa, qualquer coisa que pudéssemos fazer pra remediar essa situação... nós faríamos, mas não há. Então engula isso e siga em frente, para o bem dessa comunidade, para o bem de nossa fuga.

Um leve tremor me atinge, se misturando à coisa escura e viscosa que envolve meu peito desde a morte de Woody. Encaro as folhas secas e mortas sobre o chão ao meu lado.

Uma dúvida me atinge.

E se...

Edgar esfrega a parte de trás de minha cabeça e meus olhos se viram casualmente até a pele descoberta de seu antebraço.

Não precisa ficar com medo, não vou machucá-lo.

Pela primeira vez, tomo consciência das cicatrizes no pulso, punho, braço e mãos de Edgar. Cicatrizes claras, finas, apenas linhas suaves sobre sua pele áspera. Mas estão ali. Sempre estiveram. Mas quem se importaria em procurar cicatrizes no corpo de outra pessoa? E quem as acharia suspeitas se as encontrasse? Não eu. Não quando Edgar

era a mão que me alimentava. Mas talvez Matt. O escuto dar dois passos para trás quando as cicatrizes de Edgar ficam visíveis para ele também.

O que está fazendo, seu psicopata?

Me lembro então de Woody mutilando seu próprio braço, rasgando carne e pele antes daquela visão, antes de tocar minha testa e fazer o mundo ao redor desaparecer, antes de...

Não.

Não. Não. Não.

— Tudo vai ficar bem — Edgar diz quando me sente estremecer sob seus braços. — Quando voltarmos a Eastview, tudo ficará bem.

DEZESSEIS

Tommy

E SPALMO MINHAS MÃOS SOBRE O PEITO DE EDGAR E O EMPURRO.

Bem como Matt, dou dois passos para trás. Um desespero incrível e enfurecido martela minha mente, machuca meu cérebro e tudo o que eu achava conhecer, saber e acreditar até então.

Meus olhos estão fixos nas cicatrizes nos braços de Edgar, que me fita incrível. É quando entendo a natureza da desconfiança de Matt, suas reações defensivas e a quase imperceptível nuance acusatória em sua voz quando conversou com Edgar.

Entendo tudo.

— É verdade? — minha voz sai tensa, arrastada.

Edgar franze o cenho.

— O quê?

Matt se afasta da conversa lentamente. Talvez ache que isso deva ser resolvido entre Edgar e eu. Quero pedir que fique, não dê um passo sequer para longe, mas estou horrorizado demais com a descoberta em minha frente para fazê-lo.

— É verdade, não é? — repito, engolindo as lágrimas de medo que ameaçam escapar. Ainda assim, o medo se derrama sobre minha voz.

— Tommy... — Ele suspira. Os vincos em sua testa se aprofundam. — Do que está falando?

— *De tudo!* — grito, dou mais um passo para trás. Sinto meus olhos arderem, minha garganta queimar. — Tudo o que ele disse.

Arregalo os olhos e levo as mãos à cabeça; algo se quebra em meu interior.

— Tommy... — Edgar faz menção a se aproximar, e pulo para trás. — Tomas... — ele começa a perder a calma metódica. — *Não importa o que ele disse.* Ele era um psicopata, sequestrou e torturou você. — Aponta com as duas mãos para si mesmo. — Laura e eu te amamos. — As palavras fazem minhas lágrimas finalmente se derramarem. Meu peito começa a apertar, um tipo estranho de dor se espalha pelos meus músculos. A dor de perder tudo... *outra vez.* — Eastview inteira esteve preocupada com você nesses dias. — A frase me faz soluçar. Sua voz está transtornada, como uma criança tentando colocar de volta os pedaços de uma peça de cerâmica que estilhaçou no chão. Ele continua se aproximando e eu, me afastando. — Todos receberam você de braços abertos... — fala de forma sugestiva. — Agora é a hora de voltar.

De relance, vejo Matt apanhar alguma coisa do chão atrás de Edgar.

Passamos pelo corpo de Woody, e meu olhar se deposita sobre ele enquanto as palavras se assentam em minha mente.

— O que quer dizer? Você ia... — meu queixo treme — ia matar Alexis...? — Fico sem ar. — Você é um maldito monstro também? —

balbucio de forma quase incompreensível.

Edgar ergue o queixo como se tivesse levado um tapa. A calma se desfaz totalmente de seu rosto. Até a exasperação parece ter ido embora. Por um momento, vejo a mesma sociopatia gélida de Woody nos olhos dele.

— Tommy, me escute—

— Você é um monstro também? — insisto em um tom mais compreensível.

— Não é bem assim. Não existem monstros, Tommy. Se acalme — diz a última frase como uma ordem. — Vou explicar tudo assim que voltarmos a Eastview.

— Você não negou... — engasgo. — Não negou que... — Olho para todos os lados, para a vegetação que me cerca. — Oh, meu Deus. — Seguro firme em meus fios, cerro fortemente as pálpebras. — *Oh, meu Deus.*

— Tommy...

Edgar aproveita meu descuido para se aproximar, para me segurar pelos braços. Me debato contra ele, mas estou fraco, me dar conta dessa merda levou embora a pouca força que ainda restava depois de tudo o que passei com Woody.

Quando canso de me debater, ergo os olhos até os dele.

— Você teria me sacrificado também...? Teria rasgado minha garganta... — *de orelha... a ombro* — se eu fosse o maldito escolhido?

Nega com a cabeça freneticamente antes de responder:

— Você nunca poderia ter sido o escolhido... — Seu toque em meus braços se afrouxa, ele desvia o olhar para cima da minha cabeça e engole em seco. — Você não nasceu em Eastview.

Meu coração se parte ainda mais.

— Está mentindo... — rebato amargurado. — Você não consegue me olhar nos olhos quando mente.

Ele volta a me fitar, sobressaltado, mas é tarde demais. Minha confiança em Edgar está despedaçada, um vaso de cerâmica frágil impossível de ser rearranjado.

— Precisamos voltar agora — ele continua balbuciando, embora eu possa ver a ansiedade em seus olhos, a ansiedade de um criminoso pego em flagrante. Seus dedos tentam apertar meus braços outra vez, mas sou rápido o suficiente para me afastar. — Tudo vai ficar mais claro. Eu prometo. Você só precisa entender...

— Vocês me adotaram e me trouxeram aqui pra ser sacrificado? — A pergunta me deixa como um disparo, a dor recrudescendo em meu peito. — É por isso que quer que eu volte? Por isso não quer confessar aqui? — Minha voz adquire progressivamente um tom de fúria.

Edgar faz a melhor imitação de um pai preocupado, ofendido.

— Não, não, nada disso, Tommy. Como você pode pensar que—

Edgar não consegue terminar a frase. Em vez disso, cai de joelhos no chão, e então de bruços, em posição parecida à de Woody. Continua respirando, no entanto. Matt está atrás logo dele, o machado firme nas mãos. A parte do cabo que acertou a cabeça de Edgar está levemente manchada de sangue.

Cubro a boca com as mãos e olho para o homem que me trouxe a Eastview com um horror que jamais pensei ser possível nutrir por ele. Mesmo que fosse a pior pessoa do universo, eu ainda poderia perdoá-lo. Mas Edgar não era uma pessoa, assim como Woody. Era um monstro. Todos em Eastview eram monstros. *Matt era...*

Meu olhar se ergue até ele, arisco. Matt me encara de volta. Sua expressão de leve satisfação ao perceber que tinha conseguido

desacordar Edgar com um golpe só se desmancha. Ele atira o machado para longe e ergue as mãos no ar em sinal de paz.

— Você sabia dessa merda? — questiono frígido. — Sabia de tudo isso?

— Não, não. — Nega com a cabeça veementemente. — Descobri na noite em que você desapareceu. — Suas sobrancelhas escuras se arqueiam.

Inspiro profundamente, pensando se acredito ou não em suas palavras. Já não sei se posso confiar em alguém sequer.

— Como...? — pergunto depois de um silêncio curto.

— Um anuário. — Ele abaixa as mãos. — Na loja em que os sobretudos foram comprados, havia um anuário de 1963. Eu vi as fotos. — Pausa. Seus olhos se desviam para o chão. Quando fala outra vez, sua voz está mais sóbria, quase sombria: — Wolmer, Edgar, Woody e Laura estavam lá, idênticos a como se parecem hoje.

Sinto o mundo girar ao meu redor. Dou mais um passo para trás. Me lembro dos meses que passei em Eastview, dos dias em que frequentei aquela escola e de todas as noites em que dormi sob uma falsa sensação de segurança.

Foi por isso que todos os outros garotos pensaram antes de mim? Quantos deles... descobriram essa merda toda antes de serem levados para o abate?

Sinto essas perguntas levarem embora uma parte fundamental de mim. Uma parte que jamais recuperarei. Uma ferida se abre em meu peito. Uma ferida que jamais cicatrizará.

Matt continua:

— Tinha uma foto dos Vilarreal sozinhos também... com o filho deles. — Encaro Matt bruscamente, e ele esfrega o rosto com as mãos.

— Ele era... muito parecido com você, Tommy.

Ele se aproxima de mim. Meus olhos recaem sobre o corpo inconsciente de Edgar. Eu não era o primeiro, então. E provavelmente não seria o último.

O quão azarado Alexis era pra ser escolhido no meu lugar?

— Matt... — murmuro seu nome em um tom que se parece muito com um gemido.

— Eu sei.

Ele me envolve em seus braços e me puxa para mais longe de Edgar, obriga meus olhos a mudarem de foco. Descanso a cabeça em seus ombros enquanto caminhamos lentamente. Passamos pelo carro estacionado de Edgar e logo estamos na estrada amarela de terra.

— Obrigado... — entrelaço meus dedos sujos de sangue nos dele — por me salvar.

Matt inspira bruscamente e geme quando o ar passa por seu nariz quebrado.

— Eu te amo — responde depois de mais alguns passos em silêncio. É uma afirmação quase redundante, como se seus sentimentos por mim explicassem integralmente tudo o que fez, tudo o que fará e tudo o que já pensou em fazer.

Depois de mais alguns passos, percebo que está me levando para longe do local do confronto com Woody, em uma direção que não conheço, para um lugar que não conheço. Não conheço nada além dos orfanatos e de Eastview, afinal de contas.

E tenho certeza de que, para ao menos um desses lugares, jamais posso voltar.

— Eu não posso voltar pra lá, Matt. Não posso. — Puxo sua mão e o obrigo a parar no meio da estrada. Afasto meus dedos dos dele e

esfrego meu braço, meus olhos fixos na terra entre nossos corpos. — Nem tenho certeza se essas pessoas são humanas — murmuro baixinho. Meu cenho se franze. — Você precisa voltar sem mim. Precisa... — as palavras doem ao sair — esquecer que existo.

Matt encerra a distância entre nossos corpos, segura meu rosto pelos lados e me faz encará-lo. Mesmo com o sangue cobrindo seu rosto e o meu, mesmo com seu nariz quebrado, mesmo com meu lábio machucado, ele me beija. Meus lábios se entreabrem quase mecanicamente. Ele não desliza a língua para dentro, no entanto, e se afasta pouco depois.

— Não fale besteiras. — Seus polegares esfregam minhas têmporas. Um sorriso triste se abre em seu rosto. — Acha que eu quero me misturar àqueles monstros? Minha vida inteira naquele lugar... — ele envolve meus ombros com o braço, e voltamos a caminhar pela estrada — não foi nada mais do que uma longa sessão de repressão e tortura. Os únicos momentos em que me senti livre... — beija o topo da minha cabeça — foram quando estava com você.

Me sinto corar sob a camada de sangue que começa a secar em minha pele. Minha respiração se acalma, a névoa em minha mente se desintegra. Há algo no aperto de Matt, em suas palavras, que me dá a certeza de que... enquanto estiver com ele, estarei bem.

— Eu nunca vou te abandonar, Tommy. Nunca.

Me aperta mais contra si. Envolver suas costas com uma mão e admiro seu rosto, escuro sob a parca iluminação do crepúsculo. Sinto vontade de tocá-lo, mas então me lembro de que isso provavelmente arrancaria um gemido de dor dele, então me detenho. Ele percebe que estou observando-o e me encara de volta. Caminhamos assim, admirando um ao outro, até outra coisa se fazer visível na estrada.

É a moto de Matt.

Um alívio me atinge ao pensar que não teremos que caminhar para fora deste lugar.

Matt me solta e dá uma corridinha até o veículo. A mochila que costumava levar para o colégio está sobre o banco. Ele a abre, bagunça um pouco o interior, e então retira um casaco, que é atirado em minha direção. Apanho a peça e a observo do lado oposto da moto.

— Como você conseguiu isso?

É um dos meus casacos.

— Não sei. Destino, talvez. — Ele dá de ombros, a sombra de um sorriso cínico em seus lábios.

— Cuzão.

Uma risada alta escapa de sua garganta.

— Bem... — ergue a sobrancelha —, acho que você vai ter que lidar com esse cuzão o resto da vida. — Me lança uma piscadela.

Reviro os olhos, mas suas palavras me atingem quase como um golpe. Ele está realmente desistindo de sua casa e de sua vida por mim. Realmente não pretende me abandonar. *Realmente... planeja ficar comigo para o resto da vida.*

Matt usa uma camisa escura pra esfregar o excesso de sangue do corpo e troca as roupas ali mesmo, do lado da moto, em minha frente. Antes de retirar a calça, apanha o canivete suíço de um dos bolsos; deve tê-lo pegado do chão em algum momento da minha discussão com Edgar — o que significa que ele podia tê-lo usado contra o policial da mesma maneira que o usei contra Woody. Matt limpa a lâmina suja de sangue na calça em piores condições, e o joga em um dos bolsos secundários da mochila. Quando termina de se trocar, se parece um pouco menos com um assassino de beira de estrada.

Olho para mim mesmo e percebo que devo parecer muito pior. Assim, também retiro o excesso de sangue sobre minha pele e troco as roupas por peças de Matt, que não faz o mínimo esforço para olhar para o lado.

Todos os dias serão assim? Surpreendentemente, eu não reclamaria muito se fossem.

Quando termino de amarrar os tênis — as únicas peças que precisei reaproveitar — ele me estende a mochila. Apanho-a sem pensar muito e a coloco nas costas. Matt monta na moto, concentração em seu olhar enquanto gira a chave na ignição e esquento o motor.

Subo logo atrás, me segurando fortemente em sua cintura. Ele oferece o único capacete que trouxe para mim, mas recuso.

— É melhor você usar... por causa do nariz. — Aponto para a região em meu rosto.

Parece prestes a recusar como o bom teimoso que é, mas, no fim, acaba aceitando. *Progresso*. Depois de travar o capacete em sua cabeça, ele dá meia-volta e para antes de acelerar.

— Pra onde? — Me fita sobre os ombros.

— Pra um hospital, primeiro. — Encaro seu rosto machucado. — Então... para qualquer lugar longe daqui.

EPÍLOGO

Algum lugar longe de Eastview

Matt

PASSO PELA ÚLTIMA PRATELEIRA da pequena loja de conveniência do posto de gasolina e vejo uma embalagem branca, comprida. Apanho duas, e as coloco dentro da cesta junto com os dois pedaços de bolo congelado e as duas latas de refrigerante que seriam nosso jantar.

Meu nariz ainda dói sob os curativos feitos pelas enfermeiras no hospital público em que paramos no caminho, mas essa é a menor das minhas preocupações. São quase dez da noite e a escuridão está profunda lá fora, uma brisa forte assovia contra as janelas.

Que bom que peguei aquele casaco para o Tommy.

Me aproximo do caixa. É um homem gordo com uma barba escura por fazer e manchas escuras demais sob os olhos. Veste uma camisa azul escura com o logo que vi nos tanques de abastecimento lá fora. Deixo a cesta sobre bancada. Ele a esvazia e passa as embalagens pelo leitor de código de barras sem qualquer tipo de consideração ou

empatia. Deve estar cansado depois de um dia longo, parece se importar comigo tanto quanto me importo com ele.

Enquanto os bipes ecoam, desvio o olhar para fora da loja; vejo Tommy apoiado na moto através das janelas de vidro. De costas para mim, ele esconde as mãos nos bolsos do casaco cinza, seu olhar voltado à alguma parte inespecífica da escuridão no outro lado da estrada. Meu olhar fica preso em seus fios escuros, azulados sob a luz intensa do posto. Sinto algo quente em meu peito.

— Tanque 3, certo? — A voz do homem me tira da distração. Volto minha atenção a ele quando a última embalagem é escaneada. Meneio a cabeça. — 119,95.

— Desculpa?

— 119,95 — ele repete, seguido de um suspiro de cansaço, impaciência ou qualquer merda no meio.

Aperto minha nuca enquanto pego o cartão de crédito do meu pai do bolso e o aproximo da máquina, que lê os dados sem que precise de senha. Guardo o cartão quando o alerta de transação aprovada aparece na tela. Vou precisar arranjar logo uma maneira de conseguir dinheiro. O cartão não vai durar para sempre.

O homem apanha uma sacola plástica do monte ao seu lado e começa a embalar as compras. Me volto a Tommy outra vez. Inspiro fundo. Um sorriso bobo se abre em meu rosto. Ele fica tão bonito apoiado na minha moto desse jeito.

— Quantos anos você tem, garoto? — A voz do caixa me retira de novo dos meus devaneios. A pergunta acende uma luz vermelha na minha cabeça desta vez. Me viro para ele com uma expressão defensiva, fingindo incompreensão. Ele se inclina sobre a bancada e aponta para a

moto lá fora. — Não acho que aquela belezinha esteja se dirigindo sozinha, não é?

Sua voz tem uma nuance distante de antipatia, uma bem próxima de acusação.

Ergo o queixo quando percebo que ele mantém minhas compras em suas mãos, sem a intenção de entregá-las antes de receber a resposta. Minha mão esquerda viaja sorratamente até a parte de trás da minha calça e descansa sobre a coronha do revólver preso ali.

— Sou velho o suficiente — é tudo o que respondo. O homem estreita os olhos em minha direção. Dou um passo para trás, meu coração começa a acelerar. — Não quero problemas, cara. Só, por favor... — meus dedos envolvem a coronha — me dê a sacola — digo no meio-termo entre uma ordem e um pedido.

Ele hesita em fazer qualquer coisa, fica parado por um tempo. Me olha de cima à baixo, desconfiança explícita em seus olhos frios.

Quando estou prestes a sacar a arma, ele responde:

— Ok.

Tommy

— **QUER UMA?**

Me viro em direção à voz que se aproxima por trás. Matt estende uma barra de cereal branca em minha direção enquanto mastiga outra. Sua testa e suas bochechas estão cheias de band-aids, há um curativo maior no nariz.

Volto a encarar a estrada à frente enquanto ele dá a volta e se apoia ao meu lado na moto.

— Não tô com fome — respondo baixinho.

— Quando foi a última vez que você comeu?

— Não tô com fome, Matt. — Reviro os olhos diante da insistência. Ele guarda a barra extra na sacola branca que trouxe de dentro da loja de conveniências e morde mais um pedaço da sua. — Não agora — adiciono em um tom mais complacente quando me arrependo de ter recusado.

Minha mente está imersa demais em reflexões e possibilidades para prestar qualquer atenção em meu estômago. Ou em Matt. Os dois reclamam disso depois de um tempo.

— O que tá passando pela sua cabeça? — Matt pergunta.

Deixa a sacola sobre o banco da moto e come o último pedaço de sua barra. Enfia as mãos nos bolsos da jaqueta de couro quando termina, amassando a embalagem plástica. Seu rosto está concentrado em minha expressão distante.

Não respondo imediatamente. Estou cansado e nada recuperado da luta contra Woody, da mágoa com Edgar, do horror de pensar que, se voltasse a Eastview... seria o próximo garoto a ser sacrificado. Quando todos esses pensamentos cruzam minha mente, resta dizer a ele algo menos traumático ou violento.

— Eu queria ver o oceano.

— O oceano? — Ergue uma sobrancelha da forma irritantemente provocadora que só ele sabe.

— Uh-huh.

Ele parece remoer a ideia por um tempo, o cinismo desaparecendo de seu rosto enquanto nenhum sinal de humor se projeta no meu.

— Qual?

— Qualquer um. Eu nunca... — Curvo a nuca para baixo e chuto a tampa perdida de uma garrafa. — Nunca estive em uma praia ou coisa do tipo — digo ainda mais baixo. Encaro ele de relance.

Matt fica em silêncio, um silêncio quente e confortável. Quando o quebra, tem convicção na voz.

— Então já sabemos pra onde vamos. — Suas palavras pairam sobre nós neste posto de gasolina no meio do nada.

Aceno com a cabeça sutilmente, talvez sutilmente demais para que ele perceba. Não importa. Ainda de relance, observo seu rosto também se tornar distante, reflexões e possibilidades preenchendo sua cabeça.

— Acha que estamos seguros? — pergunto quando acho que a angústia vai me sufocar. — Acha que vão simplesmente nos deixar escapar?

Matt limpa a garganta.

— Eu não sei — responde em um tom sincero. — Mas se nos perseguirem... — retira as mãos dos bolsos e cruza os braços sobre o peito — estaremos preparados. Parece que nem a vida eterna pode escapar de uma lâmina afiada ou de uma bala na cabeça.

Seu semblante reflexivo me dá uma estranha sensação de segurança apesar da lembrança não tão feliz. Aceno sutilmente outra vez, e agora ele percebe. Viro o rosto para o lado, em direção aos tanques de abastecimento.

Matt toca meu queixo e o vira em sua direção.

— Ninguém mais vai nos separar. Nunca mais — garante enquanto me fita profundamente.

Umedeço os lábios e toco seus dedos em meu queixo. Beijo-os antes de afastá-los de mim.

— Você soa como ele — sussurro sem emoção.

Matt continua me encarando enquanto me concentro na escuridão do outro lado da estrada.

— Espero que esse desgraçado esteja ardendo no inferno agora — Matt diz em um tom raivosamente contido. — É o que ele merece. — Seus punhos se cerram.

Encaro o chão em minha frente, fitando-o fixamente. Será que Benjamin e Woody estão juntos agora? Ou ele estava certo e... jamais poderiam se encontrar depois da morte?

Que merda sequer existe depois da morte?

— Prometa que nunca vai me deixar. — A voz grave de Matt me arranca desses pensamentos.

— O quê?

Franzo o cenho quando me volto para ele.

— Prometa que nunca vai me deixar — repete de forma um pouco mais autoritária.

Me aproximo dele até nossos ombros se encostarem.

— É claro que prometo. — Uma lufada de ar divertida escapa da minha boca.

Matt sempre foi tão solícito assim?

Seu olhar subitamente penetrante não se desvia de mim quando murmura:

— Prove — e retira o canivete suíço de um dos bolsos internos da jaqueta. Abre a lâmina principal e indica meu antebraço com ela.

A sugestão faz um calafrio atravessar minha espinha. Praticamente pulo do recosto da moto, meu coração disparado. Observo incrédulo seu rosto sóbrio.

— Tá falando sério? — vocifero.

Matt me encara com aquele olhar estranho por um, talvez dois segundos, antes de gargalhar alto e profusamente. Se curva à frente e fecha o canivete, a risada ecoando através do posto de gasolina silencioso.

Aperto os lábios quando percebo que ele está rindo... de mim.

— Desculpa — murmura entre uma risada e outra —, eu precisava fazer isso, você tinha que ver a sua cara.

Suspiro alto, irritado. Minha vontade é de chutá-lo, mas me contento apenas em replicar em um tom gélido:

— Não tem graça, cuzão.

Dou meia-volta e caminho para longe dele, em direção aos tanques de gasolina mais afastados ou qualquer coisa no meio.

— Desculpa, cara. — Ele corre atrás de mim. — Volta aqui. — E seus braços me envolvem por trás, um pela cintura e um pelo torso,

sobre os ombros.

Ele beija a lateral do meu rosto e me mantém preso em seu abraço até minha irritação diminuir e então se esvaír, até sobrar nada menos do que nossos corações batendo em uníssonO e uma estrada escura e longa à frente, em direção ao oceano ou qualquer outro lugar. Não importa.

Com ele... não importa. Nunca importou, nunca importará.

Eu devia ter percebido há muito tempo que Eastview não era o meu lar. O orfanato também nunca foi, não de verdade. O que eu sentia nos braços de Matt... Esta era a sensação de ter um lar, um refúgio, um lugar verdadeiramente meu.

Peço internamente que ele nunca me largue, já passei tempo demais sem isso.

— Eu te amo tanto — ele sussurra ao meu ouvido. — Você é o meu lar.

Eastview-SP, Brasil

10 anos depois

DIABO ESTAVA FAMINTO.

Estava mais faminto do que se sentia havia décadas, mesmo no último ano terminado em 8, quando seu sacrifício atrasou pela incompetência dos bruxos daquela comunidade. Dessa vez, no entanto, eles não atrasaram, ansiosos e tementes à sua fúria.

Bom. Bons súditos.

Ergueu o queixo na rua cercada por bruxos, bruxas e bruxes de Eastview, suas mãos erguidas em direção à lua, seus pulsos, braços e antebraços vermelhos pelo sangue dos cortes recém-feitos para o ritual. Gostava de ver aquilo, de ver o sangue se derramando lentamente dos braços erguidos até alcançarem o asfalto e, por fim, o esgoto.

Se lembrava de ter se arrependido logo depois de dar seu sangue aos descendentes dos bruxos modernos, mas agora já não sentia nada. Tinha se transformado naquilo que seu Pai sempre quisera dele: um ser obediente que não sentia nada. Se Ele olhasse para ele naquele momento... ficaria tão orgulhoso. Um sorriso feroz e pútrido se abriu em seu rosto perfeito.

Caminhou pela rua silenciosa e banhada pelo luar. As estrelas também estavam bastante visíveis, e a brisa noturna balançava seus fios escuros e longos, assim como sua capa. Seus passos eram lentos e graciosos, uma serpente se movendo por uma floresta que conhecia bem, pronta para cravar suas presas no alvo adiante, o veneno transbordando de seus lábios.

O altar usado para o sacrifício era envolto por símbolos e dizeres em latim que amplificavam seu poder. O bloco de mármore branco adquiria tons escarlate e púrpura sob o sangue do garoto amarrado sobre ela. De sua garganta, podiam ser ouvidos apenas grunhidos e gemidos, apesar do garoto abrir toda a boca para tentar falar. Não havia mais língua, havia sido cortada logo depois do nome escolhido ser anunciado.

O Diabo se aproximou em um ritmo constante, admirando a visão magnífica em sua frente. A pedra branca sangrante, o garoto imobilizado, os dois homens posicionados de cada um dos lados do altar para garantir que tudo corresse como o esperado. Era uma imagem que despertava seu apetite.

O homem vestido de preto da cabeça aos pés tocou a pedra morna do altar, e o garoto sobre ela se arrastou para longe. Os dois outros homens o seguraram no lugar.

O Diabo observou os cortes ritualísticos na pele desnuda do garoto. Um corte na testa. *O pai*. Um no centro do peito. *O filho*. Um no ombro direito. *O espírito*. Um no esquerdo. *Santo*.

Passou as pontas da língua bifurcada sobre os lábios, o sorriso se alargando até seus dentes longos, cilíndricos e afiados brilharem sob a luz da lua. Tocou um dos cortes abertos do garoto e levou o dedo manchado de sangue aos lábios.

— Delicioso — disse depois de limpá-lo. Então voltou-se ao homem no lado esquerdo da pedra. — Qual é o seu nome, *doce criança?*

Seu tom rouco e fantasmagórico não assustou o homem.

— Daniel — respondeu com convicção, sem desviar o olhar.

Ao homem no lado direito, o Diabo repetiu a pergunta:

— Qual é o seu nome, *doce criança?*

— Caspian — respondeu no mesmo tom inalterado do outro.

— Vocês me serviram bem, *doces crianças*. Agora, podem se retirar.

Os dois homens se entreolharam antes de caminhar juntos para longe do altar, obedecendo a ordem.

Sozinho com seu sacrifício, o Diabo encostou um dedo sobre os lábios do garoto, fechando-os e afogando seus grunhidos momentaneamente.

— Shhh... tudo ficará bem.

Seu pescoço se inclinou para cima, revelando em sua boca as quatro fileiras de dentes monstruosos e afiados guardados que logo desceram em direção ao pescoço exposto do garoto, rasgando-o de orelha... a ombro.

FIM

X|X|Ø
X|Ø|X
Ø|X|X

ME DÊ TUDO, **MENOS AMOR**

DANGEROUS

UM **DARK ROMANCE** AQUILEANO

SÉRIE **PAYBACK** - LIVRO 1

AUTOR BEST-SELLER

MARK MILLER

PRÓLOGO

A DARK STORM CLOUD

KIM

— *PARECE QUE TEMOS UM NOVO CAMPEÃO, SENHORAS E SENHORES!*

Engasgo com meu próprio sangue ao ouvir as palavras. Viro a cabeça para o lado. É tudo o que consigo fazer com a dor lancinante em meu rosto. Observo meu oponente; seu braço erguido alto e vitorioso pelo juiz da luta.

— *E é Callum Whitlock!* — *o juiz completa, o sorriso viperino e excitado no rosto por entregar um resultado que ninguém estava esperando nessa noite.*

Deveria ser minha última luta. Apenas mais uma, e estaria livre. Mais uma depois de um ano nessa merda ilegal; uma última noite desgraçada. Essa vitória me livraria do contrato, me livraria dos murros infundáveis, livraria a mim e minhas irmãs da dívida fodida deixada pelo nosso pai.

Eu só precisava ter fodido aquele cara. Destruído cada osso em seu rosto como já tinha me acostumado a fazer.

Um riso de escárnio, doloroso, atravessa minha garganta quando o pensamento me cruza.

“Kim, seu azarado do caralho”, meu pai dizia quando estava tão bêbado que mal conseguia ficar em pé. “Você é tão azarado quanto a puta da sua mãe.”

Deveria ter percebido que aquilo era verdade quando herdei toda a maldita herança dele após sua morte: alguns milhões de dólares em dívidas com a gangue organizada mais perigosa de Nova York e uma casa caindo aos pedaços no Bronx.

Olho para além de Callum e o juiz, para a plateia na seção esquerda da arena. Nos fundos, estão as portas que levam aos vestiários e à parte do local inacessível ao público. Parado em uma daquelas portas, Calvin costuma assistir minhas lutas todas as noites. Embora sempre ache que não vou conseguir identificá-lo, sempre consigo fazê-lo. Não importa o horário, não importa o dia. Ele sempre está ali.

Assim como hoje.

Vejo Calvin descruzando os braços e me dando as costas. Não consigo ver seu rosto por muito tempo, mas o pouco que vejo... preferia não ter visto. Sua expressão parece um misto de decepção e nojo. Ele abre a porta mais próxima e caminha para fora da arena.

Uma dor agonizante começa a martelar sobre meu peito.

Então aquela é a dor de um coração partido?

“Tenha cuidado com as mulheres gananciosas”, meu pai continuava depois de eu erguê-lo de uma pilha de seu próprio vômito. “Elas não vão piscar antes de partirem seu coração, de te quebrarem

inteirinho.” E então ele me empurrava para longe, “sua mãe era uma delas. Olhe só como me deixou.”

Expiro fundo. Desvio o olhar de Calvin. Sinto toda a firmeza do ringue frio sob mim.

Era a última luta. E eu a perdi. Talvez ele estivesse certo em me abandonar. Sou carne morta, que uso terei?

Assim como minhas irmãs, assim como todos os parentes que estão vivos e não tiveram compaixão suficiente para estender uma mão enquanto meu pai se afundava em bebidas e dívidas.

Observo as luzes intensas no topo da arena subterrânea. Os donos do meu contrato devem estar lá em cima, planejando minha morte, planejando maneiras perversas e hediondas de torturarem minhas irmãs — antes de matá-las também.

Reteso a mandíbula, mas uma dor intensa irradia pelo meu rosto. Está quebrada. Estou completamente quebrado.

Minhas pálpebras começam a pesar. Um formigamento estranho se espalha a partir das pontas dos meus dedos, irradiando pelos meus braços, peito ensanguentado, rosto destruído.

Cruzo um dos joelhos para cima. Descanso uma das mãos sobre o coração — me certificando de que ainda está batendo fortemente apesar da dor, de que o que se aproxima é somente inconsciência.

Quando minhas pálpebras estão prestes a se fechar, ouço a voz do juiz soar no microfone da arena.

— E o nosso cão de luta, Kim Ha-Neul, acaba de ser comprado por alguém que se identificou apenas como Sr. J, pela bagatela de 900 mil dólares. Um recorde para os Snakes!

E um rosto embaçado entra em meu campo de visão, curva-se sobre mim, antes de tudo se tornar trevas e escuridão.

— *Você é ainda mais bonito de perto.*



— ***VOCÊ É AINDA MAIS BONITO DE PERTO.***

Meus olhos se abrem abruptamente enquanto a frase ecoa em minha mente. Inspiro fundo, como se meus pulmões estivessem cheios d'água, e levo algum tempo até conseguir respirar normalmente. O ar dói. A luz intensa do ambiente ao meu redor dói mais ainda. Não consigo enxergar nada além de alguns borrões e manchas brancas. Meu coração bate acelerado demais, violento demais.

A confusão e a falta de conhecimento sobre onde estou me deixam apreensivo. Há apenas uma coisa da qual estou seguro: ainda estou vivo. *Mas por quanto tempo?*

Quanto tempo faz desde a luta? Quanto tempo tenho até que eles cheguem em minhas irmãs?

Mesmo sem enxergar bem, consigo notar algumas coisas: estou deitado em uma superfície macia — uma cama, talvez; e meu corpo parece anestesiado.

Há quanto tempo estou aqui?

Continuo respirando firme, até as imagens ganharem nitidez.

A primeira visão clara que tenho é a de meu próprio corpo: não há sangue em meu peito ou abdome. Estou deitado sobre lençóis brancos e limpos. Lençóis suaves e grossos, aparentemente caros, que me cobrem até a cintura. Estou nu.

O que está acontecendo?

Tento usar as mãos para me desvencilhar das cobertas, mas estão presas à cabeceira da cama, erguidas sobre minha cabeça. Meu sangue corre mais rápido. Curvo o pescoço, olhando para cima e para trás, encontrando meus pulsos vermelhos atados fortemente ao metal da cabeceira por duas cordas: uma mais fina, em contato direto com a pele, e uma mais grossa, fixando a primeira ao metal de fato. *Que merda?*

Meu cenho se franze, e um medo irracional me preenche. Dou um puxão na corda maior, mas os nós sequer se movem. A cabeceira, muito menos. Penso em rasgá-los com meus dentes, mas parecem resistentes. Eu conseguiria fazê-lo, mas levaria alguns minutos. Minutos que não sei se tenho.

Ouçõ passos se aproximando. Minha respiração cessa bruscamente. Entro em estado de alerta.

Fito a parede em minha frente: é um bloco de vidro, uma janela interna dando vista ao andar inferior do apartamento. A escada está logo ao seu lado, parece conectar o quarto ao restante do lugar.

Presto atenção no espaço ao meu redor: há pouca mobília, mas tudo feito em um material visivelmente caro. O teto é alto, tão alto que quase não consigo discernir a lâmpada que ilumina o cômodo.

Viro o pescoço para a esquerda. Há uma porta dupla que leva a algum tipo de extensão, uma varanda ou sacada. As superfícies de vidro estão cobertas por cortinas pretas, e não consigo enxergar a paisagem.

Os passos na escada se tornam cada vez mais altos, próximos. Paro de me distrair. *Meu objetivo tem que ser deixar aquele lugar o mais rápido possível, e não me atentar aos seus detalhes.*

Estreito os olhos à abertura da escada, mas os passos começam a se lentificar, como se a pessoa quisesse brincar com minhas expectativas, controlar o momento em que a verei, ou não.

Agarro a corda mais grossa que me prende à cabeceira, e espero até os primeiros fios amarelos surgirem em minha visão, então o resto de sua cabeça, o primeiro relance da pele pálida, o rosto terrivelmente inexpressivo, os olhos azuis gélidos, a camisa social branca, os ombros largos, a calça escura de lã.

Quando acordei, ainda tinha a estranha angústia de estar na casa de um dos chefes dos Snakes, de um dos homens responsáveis pela dívida de meu pai, e que foi transferida a mim. Mas olhando para esse homem...

Ele não parece o chefe de uma gangue.

Parece um burguês que acaba de chegar em casa depois de um dia de trabalho fodendo a vida de trabalhadores comuns. Depois de analisá-lo de cima a baixo, o Rolex em seu pulso é a primeira coisa sobre a qual meus olhos se depositam. Então, sobre seu pescoço. Todos os Snakes possuem uma tatuagem de serpente no lado esquerdo da nuca. O pescoço dele é tão limpo quanto o meu.

Quando entra totalmente no quarto, com aqueles passos calmos e lentos, me sento o melhor que posso na cama. Me arrasto para cima, e preciso arrastar as cobertas também — para não ficar com o pau à mostra de maneira tão... *invasiva*.

Seu olhar paira sobre o meu por um mero segundo, e há uma serenidade sombria em suas íris azuis. É como encarar as profundezas macabras de um oceano. Para meu alívio, as íris se desviam de mim tão rapidamente quanto se depositam.

Ele caminha até uma porta espelhada na extremidade direita do quarto, longe da cama.

— Quem é você? Que porra tá acontecendo? — cuspo da maneira mais feroz que consigo.

Ele não me dá bola. Abre a porta espelhada, e caminha para dentro de um cômodo que não consigo identificar daquele ângulo.

— *Ei!* Está me ouvindo, caralho?

Dou outro puxão na corda, e outro, e outro. Olho para os lados, buscando alguma coisa, *qualquer coisa*, que seja familiar. Mas não há nada.

Se eu acordasse amarrado na cama de um Snake — como o fiz tantas vezes com Calvin —, ao menos saberia que merda esperar.

— Quando comprei você, não me avisaram que tinha um problema de memória. — ele responde do interior do cômodo oculto.

A afirmação me deixa tenso. Tenso e preocupado. Tenso pela parte em mim que diz *‘ah, então é por isso que ainda estou vivo’*. Preocupado pela parte em mim que diz *‘porra, então é por isso que ainda estou vivo’*. Puxo as cordas outra vez. É inútil outra vez.

O homem volta ao quarto sem o Rolex no pulso, os sapatos sociais, e com os botões mais altos da camisa abertos. Seu colarinho e os fios dourados estão bagunçados — talvez o cômodo seja um closet, não conseguirei ter certeza até estar livre das amarras.

Ele caminha em direção à cama, mas para a alguns metros. Seu olhar frio se derrama sobre mim, me analisando da mesma forma que o analisei antes. Suas mãos deslizam até os bolsos frontais da calça, os ombros relaxados, uma insinuação peculiar no rosto.

— Durão e calado, hm? Isso vai ser divertido.

E volta a caminhar até a cama. Ele se senta na extremidade oposta, me dando uma visão privilegiada dos músculos de suas costas.

— 900 mil dólares: esse foi o preço que paguei pela sua cabeça antes que eles te arrastassem para fora do ringue. Não sei que merda acontece por trás desses clubes de luta ilegais, mas sei que os perdedores

não ficam vivos por muito tempo — murmura enquanto seus dedos desfazem os botões restantes da camisa. — Foi dinheiro demais por um homem qualquer; um *cão*, como eles chamam — diz aquilo enquanto me encara sobre os ombros, um sorriso provocador em seus lábios. Ele está tentando me desequilibrar, por algum motivo. Aquele sorriso *quase* consegue fazê-lo. — A maioria das pessoas diria que eu sou a porra de um idiota por fazer isso — completa baixinho, quase como se não quisesse que eu ouvisse. Volta a se concentrar nos botões da camisa.

Observo sua postura. Os fios amarelos são um pouco longos, recobrem parte de suas orelhas, descem até a nuca. Os músculos das costas e ombros são largos, mas não tão largos quanto os meus. Ele é mais baixo também: cinco, talvez sete centímetros. Em uma briga, eu poderia facilmente sair por cima. Ele não parece *mesmo* com um gangster dos Snakes. Se eu o visse na rua, provavelmente acharia que é um almofadinhas qualquer, um que não tem olhos para caras como eu — a não ser quando precisam de um serviço sujo.

A coisa mais ameaçadora nele é o olhar. E seu tom insolente.

— E você é um idiota? — pergunto com desdém.

— Você é um cão? — ele responde com desdém ainda maior.

Nossos olhares se encontram.

— Me desamarre — digo em um tom que soa mais como uma ordem do que um pedido.

Talvez eu tenha começado a subestimá-lo.

E talvez ele tenha percebido isso.

— Por que eu deveria? — rebate sem mover um músculo, sua face sem expressão. Na verdade, há sim algo ali: *indiferença*.

Como imaginei, ele não tem olhos para mim. Seus olhos estão centrados em outra coisa, em outro momento. Talvez um que não esteja

nesse quarto, ou nesse apartamento.

As cordas doem nos meus pulsos, mas já senti tantas dores na vida que aquela parece só uma coceira.

Não respondo à sua pergunta. *Quero*, no entanto. Quero insistir que me desamarre. Quero testar os limites de seja lá que porra esteja acontecendo ali, mas não o faço. Não sou de pedir duas vezes pela mesma coisa. Então, fico quieto, espero por sua reação.

Para minha surpresa, ele se vira em minha direção totalmente, subindo de joelhos na cama. A camisa branca e fina está aberta até a cintura — apenas dois botões permanecem fechados. Se arrasta de joelhos até mim.

Quando está há apenas alguns centímetros, sussurra:

— Vai tentar algo estúpido? — com os olhos fixos nos meus, seu hálito quente fazendo arrepios atravessarem minha nuca.

Me sinto asfixiado e embriagado. Aperto as cordas. O sangue deixa minhas palmas frias.

Balanço a cabeça de um lado para o outro.

Ele ergue o queixo, observando o movimento com cautela. Talvez esteja se questionando se vale a pena me libertar. Pela nuance calculista em seus olhos, na forma como se move, ele também deve saber que é menor e mais fraco do que eu, *que eu o derrotaria facilmente em um combate corpo-a-corpo*.

Mas escolhe me soltar, de qualquer forma.

O homem se inclina para trás, a postura reta, o olhar fixo em mim enquanto retira um canivete do bolso traseiro da calça. É uma bela peça. Vermelha e prata. Meus olhos são atraídos a ela, mesmo que os dele permaneçam sobre mim. Com o clique de um botão, a lâmina se liberta, longa e afiada. O sutil som metálico faz um pequeno sobressaltado me

atingir, e um sorriso se abre no rosto dele. Estreito os olhos. *Ele ainda está brincando comigo.*

Volta a se aproximar, sua atenção centrada nas cordas que me prendem à cama. Tento acompanhar seus movimentos com o olhar, mas ele é rápido demais. Em alguns segundos a corda mais grossa se rompe, e parte da tensão em meus ombros se dissolve. Abaixo os braços. Os músculos dos meus ombros reclamam, mas agradecem em seguida. Não tenho ideia de quanto tempo passei nessa posição desconfortável, mas não deve ter sido pouco.

Ele é esperto — ou cauteloso — o suficiente para não me libertar completamente de uma vez. A corda mais fina ainda comprime meus pulsos contra si, me deixando parcialmente imobilizado.

Inspiro fundo. O homem recolhe a lâmina do canivete e o guarda no bolso. Observo-o virar de costas outra vez, terminando com os botões da camisa.

— Obrigado. Agora, pode me falar que caralhos estou fazendo—

— Você já fodeu com um homem? — me interrompe enquanto retira a camisa branca delicadamente, o tecido passando sobre seus ombros como uma segunda pele. Ela cai no chão em seguida.

— O quê?

Uma risadinha cínica deixa seus lábios.

— Tem problema de audição também? — Me encara sobre os ombros.

O sarcasmo em sua voz consegue finalmente me tirar do sério.

— Do que isso se trata? — rebato, mais agressivo.

De costas, ele afasta o olhar, curvando a nuca para baixo — para o próprio pau, talvez.

— Sei que você tem uma dívida com os Snakes, e por isso estava naquele lugar de merda — explica, seu tom mais imponente, confiante.

— Ou melhor, tinha. Aquela dívida está paga. Paguei por ela, em cima do valor da sua cabeça. Não foi barato. — Volta a me encarar sobre os ombros. — Que merda você fazia pra dever tanto praquela gente?

A mancha escura de roupas, sangue e carne que se tornou o corpo do meu pai depois do atropelamento me invade como um maldito murro.

— Não importa — rebato bruscamente. Ele morde o lábio inferior, e concorda sutilmente com a cabeça. Volta a encarar o chão em sua frente, o pau, ou qualquer merda que fosse. Depois que o acesso de fúria passa, penso um pouco mais no que ele acabou de dizer. — Você tem tanto dinheiro assim... pra gastar em uma pessoa qualquer?

Suspira fundo.

— Algo assim.

— Por quê?

— Porque agora você tem uma dívida... — seus dedos se fecham firmes nos lençóis brancos — comigo. E vai precisar pagá-la de outra forma — diz tudo com uma calma melancólica, quase triste.

Fito seus punhos cerrados ao redor dos lençóis por um tempo, até fazer o que já devia ter feito desde que ele cometeu o erro de me libertar parcialmente: forço um pouco a corda fina nos meus pulsos, e a arrebeno sem esforço. Dois pedaços inúteis de corda caem silenciosamente no colchão.

Me inclino até ele e agarro seu cabelo por trás, puxando-o bruscamente para baixo e prendendo-o em uma posição desconfortável. Suas costas se curvam sobre meu joelho. Seus fios longos facilitam a pegada, fazem com que puxá-lo seja ainda mais doloroso do que seria normalmente. Encaro as profundezas azuis de suas íris de cima, e posso enxergar nelas o arrependimento por ter me subestimado.

— E se eu recusar? — rosno, meus caninos bem à mostra. Quero que ele sinta a ameaça em meu olhar, quero que saiba que posso quebrar seu pescoço com um movimento da mão livre.

— Bem... — engole em seco, mas não desvia os olhos de mim, mesmo quando lágrimas de dor se acumulam neles — como todas as dívidas, essa também passará para seus parentes de sangue mais próximos. Sei que você tem três irmãs mais novas, Kim Ha-Neul. Acha que elas conseguirão pagar sua dívida?

A última lembrança que tenho de Cheong, Park e Jung invade minha mente de modo tão brusco quanto o cadáver de meu pai. Meu coração acelera quando as duas imagens se sobrepõem.

— Teria coragem de machucá-las?

Uma risada seca, falha e arrastada escapa de sua garganta, tão macabra quanto seus olhos.

— Você não tem ideia de quem eu sou, não é?

Puxo seus fios para trás com mais força. Um grunhido abafado escapa de seus lábios. Ele precisa apertá-los para não deixar que mais sons escapem.

— Me dê um bom motivo para *não* matar você, aqui e agora, sair por aquela porta — aponto a abertura da escada com o queixo — e desaparecer.

Ele não hesita.

— Meu nome é Jude Goldman. Minha mãe é Brianna Goldman. Sou o herdeiro de um pequeno conglomerado trilionário chamado *Goldman Entertainment*. Aposto que já ouviu falar.

Filho da puta.

Ao ouvir o nome, meus dedos afrouxam a pegada em seu cabelo.

— Sou o dono desse prédio de cem andares. Se você me matar e tentar atravessar aquela porta — aponta a abertura da escada com os cantos dos olhos —, não conseguirá dar dois passos antes de ser fuzilado pelos meus seguranças. Consegue imaginar suas irmãs morrendo de fome porque você não voltou pra casa? — Aquilo me causa arrepios. Ele semicerra os olhos em minha direção. As lágrimas de dor escorrem por suas bochechas. — Acha que é durão o suficiente pra tentar a sorte? Por favor, fique à vontade. Aposto que brutos como você acham que podem resolver tudo na força.

Fico pasmo por alguns segundos. Há muito para digerir em pouco tempo. E meus dedos continuam firmes em seus fios. Um magnetismo estranho, autodestrutivo, me faz querer mantê-lo próximo de mim, deixá-lo me arranhar com suas garras e palavras afiadas.

Ele não desvia o olhar gélido por um momento sequer, mesmo quando entreabro os olhos, mesmo quando vê que estou completamente encurralado. Quando parece cansado daquela posição, ele puxa meu braço para trás violentamente, soltando meus dedos de seus fios.

O homem — *Jude* — não se afasta da cama, no entanto. Permanece próximo o suficiente para que eu possa agarrá-lo outra vez, caso quisesse. Mas sabe que não o farei. E aquele é um tipo bem específico de dominação: arrogante; total.

Ou talvez ele simplesmente goste de ter seus fios puxados para trás daquela forma — Calvin também gostava.

— Por que você tá fazendo essa merda? Por sexo? — questiono, um tanto incrédulo. — Você parece o tipo que conseguiria foder qualquer pessoa que quisesse.

Ele se vira em minha direção lentamente, o rosto fechado, o olhar distante, mas ameaçador.

— Você não sabe *porra nenhuma* sobre mim — diz em um tom suave e calmo, em completo contraste ao seu rosto.

Não sei o que responder. Ele está certo. Não sei *mesmo* porra nenhuma além do seu nome, sua fortuna e que ele gosta de frequentar os clubes de luta subterrâneos de Nova York nas madrugadas.

E que pagou minha dívida.

Desvio o olhar para as cobertas brancas que me recobrem da cintura para baixo, e ele imediatamente as retira, deixando-as cair no chão. Meu pau fica exposto na cama. Estreito os olhos em sua direção, buscando algum pudor, mas tudo o que encontro é aquele mesmo vazio frígido.

Ele se move mecanicamente, como os ponteiros de um relógio cumprindo a tarefa infundável de contar as horas a um desgraçado. Seu olhar me penetra. Suas mãos tocam meus ombros e me obrigam — sem força alguma — a me deitar na cama. Quando o faço, ele passa um dos joelhos sobre minha cintura, e monta. Senta diretamente sobre meu pau — esmagado entre sua bunda e minha barriga.

Apesar da tensão de ter um completo desconhecido sobre mim — alguém que acabou de me ameaçar repetidamente, com quem tenho uma dívida quase milionária —, o atrito delicado faz minha ereção despertar. Ele sente isso, e abaixa os olhos em direção ao meu pescoço, então ao peitoral, aos gomos do abdome, e então à porção do membro visível sob seu corpo.

Apesar de ter provocado tudo, de ter *voluntariamente* sentado sobre mim, a ereção parece surpreendê-lo. Seu corpo enrijece, fica paralisado enquanto os olhos permanecem fixos na cabeça e na glândula.

Meu cenho se franze.

Que merda tem de errado com ele, agora?

Meus quadris se movem para cima e para frente involuntariamente. Ele espalma as mãos sobre meu abdome, me imobilizando.

— *Não* — repreende baixinho —, *não ainda*.

Entreabro os lábios, confuso.

Ele parece sair de seu transe e se inclina para o lado, em direção à mesa de cabeceira. Abre a gaveta mais superior, e retira dois objetos do interior: um frasco cilíndrico de lubrificante, e o envelope de uma camisinha.

— Você planejou essa merda toda? — as palavras escapam.

Ele revira os olhos e os deposita sobre minha expressão desnorteada.

— Você está dormindo há três dias. Tive tempo suficiente pra pensar. — Fecha a gaveta. — Você não respondeu minha pergunta. — Seu corpo relaxa sobre mim, esmagando ainda mais meu membro contra a barriga.

Minha língua passeia sobre as fileiras de dentes superiores enquanto tento entender a que ele se refere. Não preciso pensar muito.

— Sim — digo despreocupado. — Já fodi homens.

Ele acena, sua expressão reflexiva pairando sobre meus lábios. Não parece exatamente surpreso, mas também não parece ter assumido coisas antes daquele momento. Quando fala novamente, tenho certeza disso:

— Você é...? — começa a pergunta, mas ela parece ficar entalada em sua garganta. Ergo uma sobrancelha. Ele inspira suavemente, e reformula: — Gosta de foder ou ser fodido?

Mordo a ponta da língua.

— O que você acha? — questiono rouco.

Agarro suas coxas, e forço seu corpo um pouco mais contra o meu. Ele se sobressalta — o primeiro relance de reação que vejo em seu rosto desde que montou em mim. Movo meu quadril novamente, uma única vez. Ele não tenta me parar. Ao contrário: um sorriso safado se abre em seus lábios finos e rosados.

— Acha que vou te deixar me comer? Que convencido. — Brinca com as duas embalagens que tem nas mãos, jogando-as de um lado para o outro. Meus dedos não conseguem se soltar de seu corpo, especialmente quando sua expressão muda daquela forma. — Que tal — estreita um dos olhos — mil dólares a cada foda? — sugere em um tom desinibido.

Faço um cálculo mental sobre quantas transas aquilo daria.

— Você quer me manter preso por tanto tempo? — respondo em um tom igualmente malicioso.

— Cale a boca. — Ele atira a camisinha sobre meu peito. — Você sabe o que fazer — e me lança uma piscadela.

Jude sai de cima de mim — o que faz meu pau pulsar em reclamação —, mas não por muito tempo. Ele se senta na cama, de costas, e retira a calça e a cueca. Como eu, está completamente nu. Como eu, ele está duro. Seu pau é mais grosso, porém menor que o meu.

Suas coxas se fecham ao redor da minha cintura outra vez, e ele derruba o peso sobre mim, seu pau roçando no meu, a glândula chegando ao meu umbigo.

Lentamente, um pouco hipnotizado com seus movimentos rápidos e ágeis, levo a embalagem da camisinha à boca e a rasgo. O gosto do lubrificante é amargo nos meus lábios, mas logo desaparece.

Meu olhar continua preso nele, no entanto. A pele adornada por algumas pintas e pelos ralos, os músculos do peito definidos de maneira

quase tímida, os mamilos rosas e rijos, a respiração anormalmente controlada.

Com o tubo de lubrificante nas mãos, ele o desenrosca e despeja uma quantidade significativa entre os dedos da mão oposta. Fecha os olhos. Leva os dedos à parte de trás do corpo, erguendo o pescoço para cima, hiperextendendo os músculos do peitoral do braço em questão. Seu pescoço e bochechas coram quando os dedos parecem deslizar delicadamente para seu interior. Uma careta de desconforto macula seu rosto, e se acentua quando os dedos se aprofundam. Ele perde o controle da respiração por um momento, e um pequeno grunhido escapa de seus lábios — doloroso demais para ser um gemido.

Esqueço da camisinha em minhas mãos.

— Precisa de ajuda?

— Cala a porra da boca — grunhe entre os dentes semicerrados. Umedeço os lábios. Vejo seu quadril se mover milimetricamente para frente e para trás. Sinto vontade de agarrá-lo, mas me controlo. Para minha surpresa, ele comenta entre suspiros: — Isso não é tão fácil.

— É sua primeira vez?

Ele para de mover os dedos, abre os olhos e me encara em contestação:

— É claro que não é minha—

— *Com um homem?* — complemento.

Sua boca fica aberta por alguns segundos, mas nenhum som escapa dela. É toda a confirmação de que preciso. *O que realmente estou fazendo aqui? Isso não é só sobre o sexo, é?*

Por que o herdeiro de um conglomerado compraria a dívida de um cão de luta qualquer? Para que ele possa fodê-lo? Por que não contrata um prostituo?

Ele soca meu peito, o som de pele se chocando contra pele, carne contra carne, se eleva no quarto, me retirando daqueles devaneios.

“*Ele é virgem*”, quando o encaro outra vez, o pensamento preenche minha mente como uma nuvem escura de tempestade.

— Você geralmente é tão tagarela quando fode? — diz com um tom de humor claramente forçado. Ele está tentando me distrair do que acabei de descobrir.

Afasto seu punho do meu peito, e volto a me concentrar na camisinha.

— Lubrifique seu buraco sozinho, então. — E ele obedece sem questionamentos, talvez aliviado pela falta de insistência no assunto. Os dedos retornam a seu interior, os olhos se cerram.

Retiro a camisinha do pacote. Olho para meu pau espremido entre o corpo dele e o meu, e toco sua coxa outra vez, impulsionando-o para trás. Ele se move apenas o suficiente para permitir que meu membro se liberte. Naquele jogar de quadril para trás, vejo seus olhos se entreabrirem para encarar a extensão da minha ereção. Ele disfarça rápido, no entanto. *Ele é bom em fazer isso.*

Coloco a ponta do látex sobre a cabeça, e começo a deslizar o preservativo, até que encontro um problema.

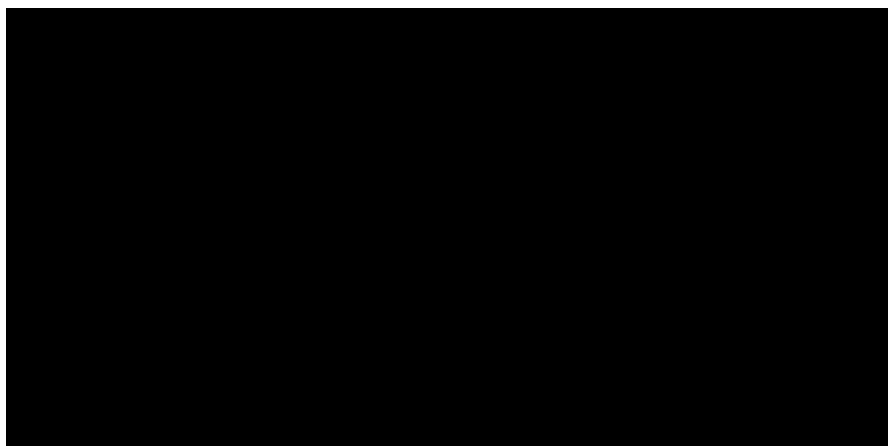
— Jude? — murmuro em um tom de reclamação. Ele entreabre os olhos de maneira mais explícita dessa vez. — Para alguém que teve tanto tempo pra pensar... — seus olhos acompanham os meus em direção ao membro — parece que você não considerou a possibilidade de termos paus de tamanhos diferentes — digo com um sorriso cínico. — A camisinha é muito pequena.

Ele retira os dedos de dentro de si e suspira.

— Merda.



DANGEROUS CONTINUA EM JULHO/2022



E VOCÊS ACHANDO MESMO QUE EU TINHA ESCOLHIDO O FINAL TRISTE EIN?

Como está o coração, eastviewer? Batendo normalmente? Lembre-se que o número do SAMU é **192** caso você não esteja bem.

Brincadeiras à parte, vou tentar manter essa seção o mais breve possível, já que temos um **Q&A** enorme no fim para discutirmos todas as pequenas pontas dessa história que acaba de se fechar.

Não posso descrever para você a sensação que estou tendo agora. Eu sou muito, muito afeito a narrativas seriadas porque **DETESTO** me desfazer dos meus personagens. Eu crio laços tão profundos de afeto com eles que simplesmente não suporto a ideia de os deixar para sempre. *Mas aqui estamos.* E durante toda a escrita desse livro senti como se estivesse perdendo uma parte de mim, uma parte importante e essencial. Uma parte que fará falta, mas pela qual posso me orgulhar profundamente por finalmente estar completinha no mundo. *É como ser um pai e ver seu filho completar 18 anos e sair de casa, sabe?*

Queria agradecer primeiramente aos meus leitores. Já disse isso várias vezes e não canso de repetir: **vocês são a razão pela qual sigo escrevendo e publicando**, mesmo com todas as pedras que existem no caminho de um autor independente, mesmo com pirataria, mesmo com

peessoas mal-intencionadas, mesmo com comentários de ódio gratuito na internet, mesmo com críticas destrutivas. Essas são coisas com as quais me forço a conviver pacificamente com o passar dos dias por vocês, pelo desejo de colocar minha voz no mundo e de surtar com vocês por causa dela. Já se tornou parte do meu processo criativo me questionar "*o que meus leitores gostariam de ler?*" antes mesmo do "*o que eu gostaria de escrever?*". Esse é meu jeito bastante eloquente e prolixo de dizer que escrevo pra vocês, minhas palavras também são de vocês, e que estou muito feliz por estarmos terminando mais essa jornada.

Muito obrigado a todo mundo que permitiu que Eastview ganhasse vida, praticamente se tornasse mais um desses bairros de elite de SP (*alô Buenos Aires, Moema e Pinheiros, estamos de olho em vocês*). Obrigado por todas as teorias sobre a identidade de E.V. e sobre suas motivações. Obrigado por amarem Tomas e Mateus de forma tão intensa. Obrigado pelo carinho. **Obrigado por tudo.** Gostaria de poder devolver um terço de tudo o que vocês me dão, mas nunca seria capaz de fazê-lo.

Muito obrigado a todo mundo que trabalhou comigo nesses livros, desde a conceitualização inicial (*alô Lucas e Sam*), até a parte mais pesada (*alô Brê e Senara*). Vocês foram essenciais para fazer com que essa história se tornasse o que é, alcançasse o que alcançou. *Nada na vida se constrói sozinho, e um livro não é nem um pouquinho diferente.*

Obrigado aos meus pais e à minha família pelo apoio incondicional (*mesmo que alguns não saibam exatamente o que estão apoiando hehehe*).

Obrigado aos meus amigos mais próximos nas bookredes (vocês sabem quem são), seu apoio e amizade faz o peso de passar horas nas

redes sociais diariamente ficar mais leve.

Obrigado aos influencers do booktok, bookstagram, booktwitter e booktube que panfletaram Garotos Mortos e ajudaram a série a alcançar leitores que eu não conseguiria alcançar sozinho. **Vocês têm um lugarzinho especial separado no meu coração <333**

E muito obrigado a todo mundo que nunca sequer falou comigo, mas está aí do outro lado enxugando as lágrimas ou com a voz rouca de tanto gritar depois desse final. Se algum dia se sentirem confortáveis, saiam do anonimato e me mandem um dm, prometo que não mordo (*muito*).

Eu falei que iria manter isso breve mas acabei falando demais, alguém surpreso? Enfim, vamos ao **Q&A** para nosso último gostinho de GM.

Amo a todes, jamais se esqueçam disso <333





No anuário, Matt viu os retratos dos alunos e dos familiares que compareceram à cerimônia daquele ano. Dentre eles, Wolmer, Edgar, e Laura, impossivelmente idênticos a como se parecem atualmente (em 2018). Além disso, há uma foto em que Edgar e Laura acompanham o que parece ser um filho (adotivo ou biológico, nunca saberemos) e ele tem uma semelhança macabra com Tommy.

"SENTI SUA FALTA, AMOR"

Porque, de acordo com a psique de Woody, ele finalmente tinha conseguido recuperar seu amor de três séculos atrás. É importante frisar que Woody não vê Tomas quando olha pra figura de Tommy, e sim Benjamin (ao menos até o penúltimo confronto dos dois, onde ele decide eliminar a parte da vida de Tomas [Matt] que julga ainda estar no caminho de sua aceitação à uma vida eterna com seu amado professor de biologia).

Porque Matt apenas é relevante pra ele no contexto em que pode ser usado pra manipular Tommy. Woody quer atormentar, perturbar, encurralar Tommy até que ele esteja vulnerável o bastante pra ser capturado. Porém, diante da escolha de Tommy como garoto a ser sacrificado no lugar de Alexis e de sua decisão de entregar à polícia os detalhes sobre o que viu do assassinato de Alexis, ele não tem muito mais tempo a esperar, daí os acontecimentos da noite em que o último capítulo do livro 2 e o livro 3 se passam.

Encontrando seu amado professor de biologia.

Alexis... é mais complicado do que parece. Do jeito que é complicado pensar que seu bichinho de estimação provavelmente comeria seu cadáver se você morresse sozinho dentro de casa. Isso faz dele mal? Ou simplesmente vítima de sua própria natureza?

Quando você é um ser de trezentos anos esperando pela reencarnação de um amor, tudo vale à pena.

Os bruxos que viriam a fundar Eastview são todos estadunidenses, e estavam a um triz de serem capturados pelos tribunais de Salem antes de realizarem o pacto (sob coerção de Woody). Como mencionado na história (verídica) contada pela senhora estranha no final do livro 3, eles fugiram para a colônia brasileira na mesma noite em que ofereceram suas almas por vida eterna para fugirem da morte certa.

VELHA

O Diabo.

Houve um breve período depois da morte de Alexis em que realmente acreditou-se que tinha sido um suicídio. Quando as evidências provaram o contrário (vale lembrar que o corpo policial de Eastview chegou à essa conclusão antes mesmo de Tommy decidir contar o que sabia), os policiais fizeram um juramento ritualístico de que manteriam aquela informação presa no bairro. Se o alvo do sacrifício daquela década foi propositalmente assassinado, havia uma complicação urgente acontecendo no interior da comunidade, que precisavam resolver por conta própria. A última coisa que iriam querer é um corpo de policiais estaduais ali enquanto uma nova cerimônia de escolha precisava ser realizada.

Entre outras coisas.

É difícil convencer uma pessoa a se apaixonar por você depois de atirar nela (um pouco menos difícil do que acorrentá-la em um porão e ameaçar ela e todas as pessoas que ama).

Foi algo mais ou menos assim:

“Tommy pegou sua bandeja da travessa de metal onde eram expostas e caminhou até a mesa vazia mais próxima que encontrou. Fazia apenas seis horas desde que começara o semestre na escola nova. Era normal que ficasse sozinho por enquanto. Com sorte, no próximo período conseguiria puxar conversa mole com outro garoto de cabelos escuros bagunçados como os dele, e que tivesse algum interesse em comum.

Ele observou a bandeja anil em sua frente. Estrogonofê de carne. Nada mal para um primeiro dia.

‘*É uma escola de elite*’, as palavras de seu pai adotivo ecoaram em sua mente, ‘*mas a comida nem tanto*’. Ele abriu a pequena embalagem transparente onde a batata-palha estava armazenada e

despejou tudo no prato. Levou uma colherada à boca. A comida definitivamente parecia mais gostosa do que realmente era. Ele deu de ombros e continuou comendo em silêncio. Vez ou outra, erguia a cabeça para observar os outros alunos em sua volta. Os uniformes azuis-escuros, as gravatas e lenços vermelhos nas gargantas e testas, respectivamente. O burburinho de um refeitório cheio parecia ainda mais sufocante quando se estava sozinho.

Na terceira vez em que fez isso, ele viu Alexis, um garoto aleatório que encontrara no banheiro mais cedo, em uma das mesas mais distantes, sentado sobre a superfície metálica, cercado de uma dezena de alunos que conversavam sobre algo de maneira animada. Ele podia ouvir suas risadas se se concentrasse bastante, mesmo dali. Havia alguns tabuleiros de xadrez espalhados nas mesas subjacentes. Tommy pensou se poderia pedir um deles emprestado. Ele apertou os lábios e curvou a nuca de volta à bandeja.

— *Ei, novato* — Tommy ouviu a voz soar em algum lugar à frente, mas não se preocupou. Levou mais uma colherada do almoço à boca. — É falta de educação não responder quando falam com você.

Ele viu uma mão se espalmar na mesa, e finalmente ergueu os olhos. Acabou engolindo a comida que tinha na boca por reflexo, sem mastigar. Aquilo fez seu esôfago doer, mesmo enquanto seu rosto enrubescia.

Um garoto indescritivelmente bonito estava em sua frente, apoiado na mesa pelas mãos, curvado ligeiramente em direção a ele. Havia um sorriso cínico em seus lábios levemente grossos, um tipo de desafio no olhar que dizia “isso foi uma piada, não uma bronca”. Tommy se sentiu enrubescer ainda mais quando percebeu que não sabia o que responder.

O garoto se impulsionou e virou de costas, apontando seu nome na parte de trás da jaqueta, logo acima do número ‘20’.

— *Mateus*. — Disse enquanto encarava-o sobre os ombros. — Mas pode me chamar de *Matt*. — Virou-se em direção a ele. — Por que está comendo aqui sozinho? — Ergueu uma sobrancelha.

Tommy engoliu em seco. Esse garoto queria mesmo uma resposta? Não era óbvio? Ele mesmo havia dito. “Novato”. Todos os novatos sentavam sozinhos nos almoços do orfanato. Era apenas natural que o mesmo se repetisse ali.

Mas Mateus continuou encarando-o com dúvida genuína no olhar castanho, amarelo sob a iluminação certa. A atenção de Tommy foi roubada por aquelas íris enquanto ele cozinhava alguma resposta não tão desconfortável dentro de si.

— Eu só... — ele balbuciou, e percebeu que estivera fitando as íris de Mateus por tempo demais. — Não conheço ninguém aqui. — E mexeu na comida no prato de maneira tímida.

Mateus escondeu as mãos nos bolsos da jaqueta, dando uma olhada lenta ao seu redor. Ele concordou com a cabeça, como se dissesse “sim, eu entendo isso”. Aquilo fez os lábios de Tommy se entreabrirem por algum motivo estranho, e não era seu apetite pela comida sem sal.

— Que tal se eu te apresentar os caras do time? — Mateus disse enquanto olhava para alguma coisa além da cabeça de Tommy.

Tommy acompanhou seu olhar em direção a uma mesa repleta de garotos, altos como aquele em sua frente, bonitos e atléticos como aquele em sua frente, usando jaquetas laranjas e azuis como aquele em sua frente. Ele não precisou ver a bola laranja esquecida embaixo de um dos bancos para se dar conta de quem se tratavam.

— Basquete não é bem... — disse, virando-se em direção a Mateus — a minha praia.

Matt desviou o olhar sorrateiramente da mesa do time a Tommy, seu interesse não diminuindo por uma fração sequer. Ele meneou a cabeça para cima e para baixo outra vez, como se reafirmasse “eu sei disso, seu idiota”.

— Bem, espero que encontre sua praia. Bem-vindo a Eastview, novato.

Caminhou na direção de Tommy, aproximando-se o suficiente para apertar seus ombros. Um gesto de camaradagem.

— *Tomas*.

— O quê? — Afastou a mão, mesmo que Tommy quisesse pedir que ele não o fizesse.

— Meu nome é Tomas. Pode me chamar de *Tommy*.

Um sorriso mais largo, contemplativo, se abriu no rosto do jogador de basquete. Era um sorriso lindo. Lindo como todo o restante dele.

— Deixa eu te falar, Tommy... por que você não vem à quadra de treino hoje depois das aulas?

O cenho de Tommy se franziu.

— Eu não sei se essa é uma boa ideia — começou a responder exasperadamente, mesmo que não percebesse. Ele sentiu um vazio no peito por não seguir a deixa do garoto. — Meu pai vai vir me buscar assim que o sinal tocar, e ele me alertou para—

— Ei, ei, não precisa se preocupar. É só um convite. — Ele ergueu as mãos para cima, em um gesto de paz, enquanto caminhava para longe, de costas, em direção à mesa dos jogadores. — Se você mudar de ideia — apontou um indicador para Tommy —, é só colar.

Quem sabe você não descobre que basquete é sim sua praia? — E mais um levantar cínico de suas sobrancelhas pairou entre os dois.

Mateus fez um sinal de dispensa tocando os dedos na testa e virou-se em direção à mesa do time. Tommy observou suas costas, os braços que envolveram suas costas, as mãos que o puxavam de um lado para o outro entre as conversas animadas. Ele ficou observando-o por um, talvez dois minutos.

Quando voltou-se à bandeja outra vez... ele decidiu ir à quadra de basquete depois das aulas naquele dia. Apenas naquele dia.

O que de pior poderia acontecer?”

O Diabo sabe muitas, muitas coisas.

R: Quando os adolescentes atingem uma determinada idade, passam por um ritual de corrupção em que perdem suas almas em troca do conhecimento acerca do mundo — incluindo a verdade sobre Eastview, o pacto, a magia, entre outras coisas. Quando perdem as almas, eles passam a envelhecer muito lentamente — um, dois anos por século — e caso ameçassem o equilíbrio da comunidade, são imediatamente abatidos (o que acontece com uma frequência alta para manter a população do bairro sob controle). É normal que adolescentes que já têm conhecimento sobre o pacto continuem repetindo o ensino médio ou participando de atividades triviais da comunidade, por exemplo, para a manutenção de aparências.

Porque Woody estava planejando uma maneira de quebrar a relação dos dois e deixar Tommy completamente vulnerável para si.

Você pode chamar Woody de muitas coisas, mas sem estilo certamente não é uma delas.

Aqui precisamos analisar duas realidades alternativas diferentes:

1) Caso Woody nunca tenha sequer pensado em vender sua alma em troca da vida de Benjie; 2) Caso a comunidade que viria a formar Eastview não se entregasse ao Diabo em troca de vida eterna.

1) Nessa realidade alternativa, Woody teria enterrado Benjie depois de tirá-lo da forca e, na mesma noite, fugido para o Brasil com os outros. Ele provavelmente teria um vida curta, morreria de tétano.

2) Nessa realidade alternativa, não haveria Eastview, já que Woody teria entregado a identidade de todos aos Tribunais de Salém. Eles seriam julgados e enforcados, como Benjie. Woody seria poupado por tê-los entregado, e viveria o resto de sua curta vida tentando arranjar maneiras de negociar com o Diabo, *até o Diabo se cansar dele*.

Eles meio que se tornaram _(ツ)_/

Não. Alexis foi assassinado porque falhou pela primeira vez na vida em manipular alguém.

Acho que as histórias de monstros que os pais contam aos filhos em Eastview não são apenas histórias.

Porque ele se formou na escola Alison DiLaurentis de manipulação ;)

Oh se teve.

Alexis e Woody tinham uma relação amorosa altamente manipulativa. Alexis *seria* o primeiro assassinato registrado na história de Eastview, se os policiais não tivessem mexido seus pauzinhos pra encobrir tudo depois (*quem leu Aquele Garoto vai sentir o baque*).

Para observá-los, para ir ao tribunal, para os amarrar e soltar, e para aqueles que os ajuntam diante de mim.

Eu sei, fica bem menos estranho quando traduzido, essa é a beleza do latim.

A mulher só queria fazer seu sacrifício rotineiro em paz.

ATENÇÃO: POSSÍVEL SPOILER DE UM DE NÓS ESTÁ MENTINDO NA PRÓXIMA PERGUNTA. CASO AINDA NÃO TENHA LIDO O LIVRO DE KAREN M. MCMANUS, PULE-A.

Aqui temos uma pessoa stan de Um De Nós Está Mentindo.

Porque ele não queria outras pessoas metendo o nariz nos assuntos de Eastview.

Woody é um fã sem remorsos de Jason Voorhees.

Yep. Se Tomas e Matt não estivessem ali, Alexis teria fugido mesmo de Eastview, *de um jeito ou de outro*.

Se Alexis não tivesse trazido Tommy àquela conversa, ele poderia muito bem ter saído do colégio respirando e teria sido sacrificado, como era o plano. Mas como o garoto podia imaginar que o tímido novato no clube de xadrez era a reencarnação do amor prematuramente assassinado do professor que ele mesmo estava tentando manipular, não é?

O armário estava vazio porque, de acordo com Woody, aquilo colocaria menos dúvidas na cabeça de Alexis acerca da legitimidade do que ele iria lhe falar — e também porque eu precisava *muito* fazer o

Tommy entrar naquele armário e escrever as palavras “*Tommy entrou no armário*”.

PERGUNTAS ADICIONAIS

Habitantes de Eastview que passaram pelo ritual de corrupção (e perderam suas almas) envelhecem *muito* lentamente, o que quer dizer que não podem morrer de causas naturais. Seus corpos permanecem em estado de juventude por milênios. No entanto, podem morrer por causas externas — um atropelamento, uma faca no peito, uma seringa cheia de ar na jugular, uma decapitação. Caso isso não acontecesse, sua população rapidamente explodiria e seu anonimato seria jogado no lixo — e sabemos o quão receptiva a cultura cristã é a qualquer coisa que pareça paranormal.

Devido a uma brecha no contrato assinado entre os habitantes de Eastview e o Diabo, qualquer garoto que seja parte da comunidade pode ser escolhido para o sacrifício, independente de ter nascido ali, ou não (ou seja, ter sangue de bruxo, ou não).

Então, sim...

Por dois motivos: um mais óbvio (por desconfiar que Tommy iria revelar tudo sobre a morte de Alexis para Edgar e que eventualmente seu irmão de comunidade rastrearía o crime até ele), e um não tão óbvio (o conhecimento de que Tommy havia sido escolhido como substituição para o sacrifício daquela década).

Não. Esse foi apenas o Diabo brincando com os destinos de seus devotos preferidos (assim como escolher Alexis ao invés de Tommy).

Tommy estava certo: se ele tivesse vivido a vida inteira como um órfão... nunca teria que passar por esse inferno.

Ela tentou fugir de Eastview por não suportar mais uma eternidade de abuso com o pai de Matt, e o resto... é melhor que não seja dito pelo bem do nosso jogador de basquete favorito.

ATENÇÃO: SE VOCÊ ESTÁ FELIZ COM O FINAL DE GMNDV E NÃO QUER QUE ABSOLUTAMENTE NADA O ALTERE OU EXPANDA SUA PERCEPÇÃO, PULE A PRÓXIMA PERGUNTA.

“As pálpebras de Edgar se abriram quando a noite já estava profunda e selvagem, os sons agitados da floresta ao seu redor lhe recepcionando. Ele espalmou as mãos no chão de terra seca e se ergueu, vincos profundos formaram-se em sua testa quando lembrou de tudo o que aconteceu com Tommy.

Ele inspirou fundo, limpou o rosto, as mãos, a roupa, cavou uma cova para Woody, enterrou-o ali mesmo, queimou a casa que foi usada como cativo, e dirigiu de volta a Eastview. Sua mente estava distraída, e ele acabou fazendo um cruzamento incorreto, indo parar na direção oposta do bairro. Estacionou em um velho posto de gasolina para encher o tanque quase vazio.

Enquanto se irritava com a bomba de gasolina e pensava no maldito estresse que seria caçar Tommy e Matt, ele viu a embalagem plástica de uma barra de cereal jogada no chão ao seu lado. Ele chutou-a para longe enquanto seu estômago grunhia de fome.”

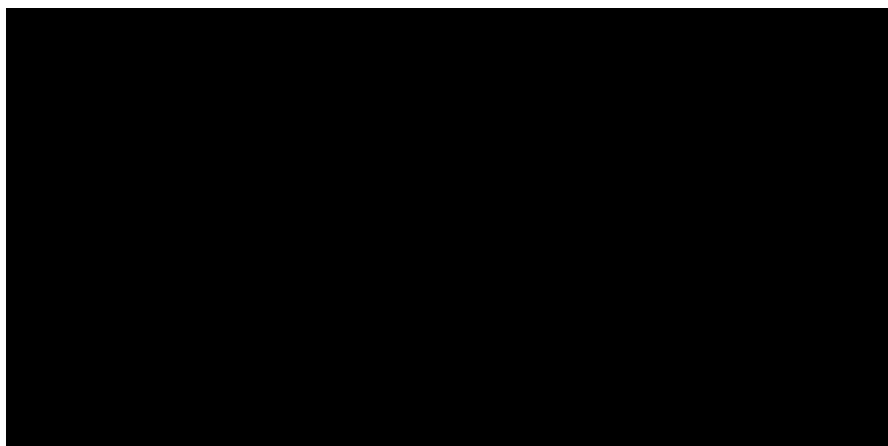
Woody explicou bem. Seu poder vem do sangue que compartilham com o Diabo, e por isso [bruxos] são os únicos seres que podem se comunicar diretamente com Ele. Precisam expor quantidades variáveis de sangue para performarem magias com intensidades diferentes, restritas à manipulação de elementos naturais (o que inclui outras pessoas). É só lembrar de Woody praticamente rasgando seu braço para invocar o Diabo, em contraste a Edgar abrindo um filete em sua palma para firmar o juramento entre os policiais de Eastview [para manter o homicídio de Alexis em segredo].

Quanto mais tempo passam de um sacrifício, seus poderes perdem força, e a noite logo após um ritual de sacrifício geralmente é a

noite em que seus poderes estão mais potentes. É importante frisar que essa é a única razão pela qual Tommy e Matt conseguiram derrubar Woody e então Edgar [pois sua magia estava enfraquecida], e também que isso é uma maldição, não uma dádiva.

"Se nos perseguirem...
estaremos preparados.

Parece que nem a
vida eterna pode escapar
de uma lâmina afiada
ou uma bala na cabeça"



MARK MILLER É ESCRITOR PELA MANHÃ, estudante de medicina pela tarde, e leitor voraz pela noite. Nasceu na região norte do Brasil, mas mudou-se para São Paulo aos 14 anos de idade.

É uma pessoa de hábitos noturnos, o que talvez explique sua obsessão por café. Não gosta de climas muito quentes, ou muito frios, adora conhecer a cultura de outros países e ama gatos.

Escreve pelo simples desejo de ver mais representatividade em histórias usualmente dominadas pelo imaginário heteronormativo, buscando leitores que, como ele, desejam ver mais personagens LGBTQ+ em posições de protagonismo.

Conecte-se com Mark no:

Twitter: [@markmillerbooks](https://twitter.com/markmillerbooks)

Instagram: [@markmillerbooks](https://www.instagram.com/markmillerbooks)